

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGEL
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA, CULTURA E SOCIEDADE**

SARA REGINA DE OLIVEIRA LIMA

**NARRATIVAS COLORIDAS: SEXUALIDADE E GÊNERO EM LITERATURAS
INFANTOJUVENIS ESTADUNIDENSES**

**TERESINA
2017**

SARA REGINA DE OLIVEIRA LIMA

**NARRATIVAS COLORIDAS: SEXUALIDADE E GÊNERO EM LITERATURAS
INFANTOJUVENIS ESTADUNIDENSES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Professor Doutor Sebastião Alves Teixeira Lopes.

TERESINA
2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

L732nLima, Sara Regina de Oliveira.

Narrativas coloridas: sexualidade e gênero em literaturas
infantojuvenis estadunidenses/ Sara Regina de Oliveira
Lima. – 2017.

102 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade
Federal do Piauí, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes.

1. Literatura Infantojuvenil. 2. Gênero. 3.
SexualidadeI. Título.

CDD 813

SARA REGINA DE OLIVEIRA LIMA

**NARRATIVAS COLORIDAS: SEXUALIDADE E GÊNERO EM LITERATURAS
INFANTOJUVENIS ESTADUNIDENSES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Professor Doutor Sebastião Alves Teixeira Lopes.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

**1° Examinador: Prof^a. Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes
(Orientadora)**

**2° Avaliador: Prof^a. Dr. Margareth Torres de Alencar Costa
(Membro interno)**

**3° Avaliador: Prof^a. Dr. Mary Alves Mendes
(Membro interno)**

Dedico este trabalho as subjetividades que constantemente são emudecidas, esquecidas, mortas... Aos/às sujeitxs, que por meio de visões míopes, são tidxs como abjetxs. Dedico a vocês que existem e resistem: As Transviadas-Sapatão, as monas, as minas, as manas, as gays, xs viadx, xs putxs, as travas, as bichas, as afeminadas, as beshas, xs bi, xs gêneros fluidos, xs não binárixs, xs queers, a tantas outras identidades emergentes. Dedico com carinho a todxs que, por meio desta pesquisa, sentem-se representadxs!

AGRADECIMENTOS

Não ousaria deixar de agradecer a Deus ou a Deusa, as energias, aos orixás, ou a toda e qualquer positividade que esteve comigo.

A minha família, que me apoiou e sustentou das mais variadas formas. Em especial, agradeço a minha mãe Francilurdes Brito, por sempre me motivar com sua ternura e alegria, e a minha avó Rita Brito, por me abrigar e alimentar. Obrigada, vó, por ser uma mulher forte!

Agradeço aos teóricos que considero meus pais e mães, pois me fizeram trilhar um caminho de libertação intelectual rumo a esclarecimentos, questionamentos, dúvidas e críticas. Em especial sou grata a Michel Foucault, meu raio de luz, que dia após dia fez fluir no meu corpo e mente palavras inesquecíveis.

Aos mestres que compartilharam conosco o melhor que puderam. Em especial agradeço as professoras Dra. Mary Alves, Rita Sobral, Margareth Torres, e o professor Dr. Sebastião Lopes.

A todos os olhares e contribuições feitas para realização da pesquisa. Gratidão imensa a banca de qualificação, e a vocês, Alody Cossemiro e Andressa Lima (que carinhosamente a chamo de Belchiorzita). Manas, obrigada pelo cuidado e atenção.

As andanças também foram indispensáveis, pois fui afetada por corpos, falas, vivências que me provocaram muito. Sou grata pelxs amigxs que fiz durante minha travessia. Obrigada por todos os laços de afetos que construímos. Em especial, agradeço a Maria do Desterro. E gostaria de deixar aqui com tom de intimidade: Amiga, você foi um dos melhores presentes. Obrigada pelas lágrimas e sorrisos que compartilhamos!

Amigxs, Butler (2016, p. 37) disse que “cada EU traz o NÓS consigo”, e ainda “se for para eu sobreviver e me desenvolver e mesmo tentar viver uma vida boa esta será uma vida vivida com outras pessoas, uma vida que não é vida sem essas outras. Eu não vou perder esse ‘eu’ que sou; mais bem quem quer que eu seja será transformada pelas minhas conexões com outras pessoas, uma vez que minha dependência, e mesmo minha confiabilidade, em relação à outra pessoa, são necessárias para viver e viver bem.” Então, a todxs nós que, seja de passagens rápidas, ou em aliança existimos e resistimos que juntxs conseguimos chegar até aqui, as minhas palavrinhas mágicas: GRATIDÃO SEMPRE!

QUEER é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina (Guacira Lopes Louro).

A teoria pode ser compreendida como uma experimentação com o possível. E a ideia em expansão sobre o eu é possível faz por vezes, a vida mais vivível (Judith Butler).

Percebi que o terreno no qual pesquiso é mais movediço do que fixo, mas não tenho medo algum por não encontrar exatidões, pois entendi que o que venho tentando construir, trata-se de vivências e representações por meio da arte, logo, como serei eu fixa, exata, austera? EU NEM QUERIA MESMO! (Sara Lim)

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo discutir acerca do cenário literário LGBTQI estadunidense direcionado ao público infantojuvenil, partindo da discussão que diz respeito à literatura infantojuvenil, heteronormatividade, sexualidade, estereótipos de gêneros e seus diferentes aspectos. Será feita uma breve apresentação de como se encontra a multiplicidade da literatura escrita em Língua Inglesa e Portuguesa, até chegar-se a análise de três livros de autores americanos. Sendo eles: *The Sissy Duckling*, de Harvey Fierstein (2005), *In our mothers' house*, de Patricia Palacco (2009) e *10,000 Dresses*, de Marcus Ewert (2008), que abordam a temática do preconceito, estereótipos, lesboparentalidade e transexualidade, em suas narrativas, assim como, os modos de pensar, agir e comportar das personagens. Busca-se analisar como essas obras rompem com os limites da heteronormatividade, assim, a análise leva em conta as perspectivas teóricas de Coelho (2010), Louro (2010), Butler (2015), Bento (2014), Foucault (2013), entre outros autores que em seus fazeres teóricos abordam sobre a literatura infantojuvenil, a produção cultural do corpo, problemáticas de gênero, a reinvenção do corpo na experiência transexual, a história da sexualidade, levando em conta o poder e as resistências, respectivamente. A pesquisa é de cunho bibliográfico e de caráter exploratório, a partir da qual é possível apontar que as narrativas evidenciam angústias, preconceitos e violências vividas pelas personagens, assim como, apontam suas resistências por meio de suas existências, que podem ser percebidas como enfrentamento aos padrões heteronormativos.

Palavras-Chave: Literatura Infantojuvenil. Gênero. Sexualidade.

ABSTRACT

This master's dissertation aims to discussing the american LGBTQI literary scenario targeted at children and adolescents, starting from the discussion regarding children's literature, heteronormativity, sexuality, gender stereotypes and their different aspects. A brief presentation will be made of how the multiplicity of literature written in English and Portuguese is found, until the analysis of three books by american authors. *They are: The Sissy Duckling*, by Harvey Fierstein (2005), *In our mothers' house* by Patricia Palacco (2009) and *10,000 Dresses* by Marcus Ewert (2008), dealing with prejudice, stereotypes, lesboparentality and transsexuality, in their narratives, as well as the characters's ways of thinking, acting and behaving. It is sought to analyze how these literatures break with the limits of the heteronormativity, thus, the analysis takes into account the theoretical perspectives of Coelho (2010), Louro (2010), Butler (2015), Bento (2014), Foucault (2013) among other authors who in their theoretical reseaches deal with children's literature, the cultural production of the body, gender troubles, the reinvention of the body related to the transsexual experience, the history of sexuality, taking into account power itself and resistances, respectively. The research has bibliographic and exploratory character, from which it is possible to point out that the narratives show anxieties, prejudices and violence experienced by the characters, as well as, point out their resistances through their existences, which it can be perceived as confrontation against the heteronormative patterns.

Keywords: Children's Literature. Gender. Sexuality.

Lista de Ilustrações

Figura 1 – Capa do Livro <i>The Sissy Duckling</i>	41
Figura 2 – Capa do livro <i>In our mothers' house</i>	48
Figura 3 – Capa do livro <i>10,000 Dresses</i>	52

Sumário

1 BEM-VINDXS AS PRELIMINARES.....	12
2 NAS TRAMAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL.....	17
2.1 Ouço Boatos: fortuna crítica.....	20
2.2 Literatura Infantojuvenil: um diálogo para colorir o agora e o futuro	35
2.3 Rompendo com a Heteronormatividade	38
2.4 O patinho afeminado	42
2.5 Duas Mamães: olhares sobre a lesboparentalidade	48
2.6 O corpo e as vestes de Bailey	52
3 LITERALMENTE HÁ VIOLÊNCIA NAS ENTRELINHAS	58
3.1 Ser Sissy: as rupturas com a masculinidade.....	60
3.2 Mulher violenta mulher: questões sobre feminilidade e parentalidade	65
3.3 Patriarcal Eles, Não Patriarcal Ela	72
4 REPRESENTATIVIDADE E VISIBILIDADE NAS NARRATIVAS COLORIDAS.....	79
4.1 As Heterotopias: os rumos dos “outros espaços”	81
4.2 Lésbicas <i>Butches</i>	84
4.3 A forma Bailey de ser TRANS	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS	100

1 BEM-VINDXS AS PRELIMINARES

O fato de não falarmos sobre alguma coisa não anula a sua existência. (Lúcia Facco)

Esta pesquisa é um convite para que se lance o olhar sobre gênero e sexualidade, levando em consideração a literatura infantojuvenil. Embora esta não seja uma missão fácil ou simples, aqui estão os possíveis passos que descrevem como será esta viagem literária. As narrativas, ou o *corpus*¹ propriamente dito, que deram protagonismo ao trabalho, contemplam literaturas infantojuvenis de Língua Inglesa com temáticas que perpassam gênero e sexualidade. Embora se reconheça à complexidade da temática, ousa-se nesta reflexão e intersecção entre gênero, sexualidade e literatura.

A literatura, por ser arte, pode ser para x² artistx e para aquelxs que a tomam para si, uma forma de sentir a ficção por meio da provocação e apreciação, e assim, levar o sujeito a ser por ela transpassado. Destarte, concordando com Fischer (1987, p. 20), a arte é uma necessidade que vai se transformando ao passo que transforma, pois ela é “necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo.” É, também, uma fruição para um transbordar, ao despertar ideias, aspirações, necessidades, esperanças, críticas, aversões e inclusive o nada. Para o autor, a arte está intrinsecamente ligada à humanidade, sendo que a mesma reflete tanto os sentimentos humanos, quanto os anseios sociais.

The Sissy Duckling é uma narrativa de Harvey Fierstein (2005), que trata de preconceitos, aversão ao diferente e estereótipos de gênero. De início, o narrador apresenta Elmer, o pato mais feliz de toda floresta. Ao descrever a personalidade da personagem principal, é possível perceber como ele se diferencia dos demais. Por

¹ O *corpus* são as literaturas: *The Sissy Duckling*, de Harvey Fierstein (2005), *In our mothers' house*, de Patricia Palacco (2009) e *10,000 Dresses*, de Marcus Ewert (2008).

² Neste trabalho, usa-se o X como forma de legitimar o masculino e feminino, ou seja, um marcador de indeterminação de gênero, que objetiva borrar as fronteiras da linguagem voltada para a predominância masculina. Esta perspectiva de escrita já vem sendo utilizada em alguns trabalhos publicados no Brasil. Quanto ao uso do X ou ainda de sinais diacríticos, Oliveira (2016, p. 114) argumenta que eles são “simultaneamente um desejo de abarcar mais e desejo de complexificar, de ir desnaturalizando a linguagem[...]”.

ser *sissy*³, como o título sugere, a personagem sofre com os estereótipos enfrentados por homens que fogem dos padrões heteronormativos⁴.

O livro *In our mothers' house*, de Patricia Polacco (2009), trata sob a mesma ótica, temáticas que rompem com a heteronormatividade, porém, as personagens principais são seres humanos. Assim, a autora mostra de forma explícita a questão da orientação sexual de duas de suas personagens. Na narrativa que se pretende analisar, Polacco (2009) contextualiza a problemática da aceitação e do preconceito no que diz respeito à união homoafetiva, lesboparentalidade⁵ e lesbofobia.

Na obra *10,000 Dresses*, de Marcus Ewert (2008), encontra-se uma narrativa que desnuda a vida de Bailey, uma personagem que para sua família é um menino, pois nasceu com o sexo biológico masculino, mas sente-se uma menina, e sonha com vestidos. Este fato traz para a narrativa diversos conflitos familiares.

Com base no que foi exposto, chega-se ao seguinte problema: De que maneira as obras infantojuvenis estadunidenses *The Sissy Ducking*, de Harvey Fierstein (2005), *In our mothers' house*, de Patricia Palacco (2009), e *10,000 Dresses*, de Marcus Ewert (2008), que abordam temas de gênero e sexualidade, podem ser percebidas como críticas à heteronormatividade?

A heteronormatividade⁶ é uma concepção relacionada à sexualidade que tende a normatizar a heterossexualidade como relação padrão e são, fazendo com que as outras sexualidades sejam encaradas como anormais, imorais, pecaminosas e doentias. Além da questão sexual, também se discute gênero que, por sua vez, tende a ser binário, correspondente ao seu sexo biológico, não considerando a subjetividade e *performance* de cada sujeito. A crítica feita a estes posicionamentos é discutida por teóricos tais como: Foucault (2013), Butler (2015), Weeks (2010), dentre outros.

³ Palavra de língua inglesa cujo significado equivale aos termos afeminado, viado, maricas, bicha, etc., utilizados no Brasil.

⁴ A heteronormatividade sugerida neste trabalho tem como base o pensamento de Foucault (2014) e Butler (2015). Segundo essa concepção a sociedade tende a legitimar os posicionamentos e comportamentos dos sujeitos que condizem com as noções binárias de gênero, assim como, a heterossexualidade.

⁵ Vale ressaltar que, “o conceito da homoparentalidade diz respeito à capacidade de pessoas com orientação sexual homossexual exercerem a paternidade.” (FARIAS, 2009, p. 68). Do mesmo modo, o conceito Lesboparentalidade, todavia este último também surge por questões políticas e de representatividade.

⁶ Para Louro (2009, p. 90), a heteronormatividade é “a produção e a reiteração compulsória da norma heterossexual.” O termo “Heterossexualidade Compulsória” também é encontrado em estudos sobre gênero e sexualidade.

Neste sentido, a elaboração deste trabalho se deu a partir da necessidade de se conhecer as abordagens literárias que trazem em suas narrativas aspectos referentes aos estereótipos de gênero, lesboparentalidade, transexualidade e a representação do corpo subversivo, tendo em vista a representação não binária de gênero, direcionada ao público infantojuvenil. Por consequência, a pesquisa visa contribuir com o campo científico que estuda a temática, igualmente, servir como referência para outras investigações, tendo ciência de que há escassez de críticas literárias na área, além do entendimento de que o mesmo é relevante devido à emergência de literaturas infantojuvenis com temáticas LGBTQI, levando em consideração o contexto sociocultural, tanto da produção das narrativas, quanto da realização da pesquisa. A crítica em questão além para uma escrita a partir de um lugar, e pelo próprio esforço do que adiante se abordará como o estado da arte, que ambiciona refletir as potencialidades artísticas e políticas das obras.

Outro ponto a ser elencado é a possibilidade de diálogo entre as literaturas e os estudos de gênero, sexualidade, Estudos *Queer* e Estudos Culturais. Tendo em vista que, dentro dos estudos culturais, trabalhar cultura e sociedade sempre foi umas das principais preocupações desde a década de 50, pois neste momento, os teóricos que trabalhavam com estas perspectivas ganhavam cada vez mais espaço na Inglaterra. Seus estudos, por sua vez, antes de chegarem às universidades, iniciaram-se nas escolas noturnas para adultos (*Workers' Educational Association*), de acordo com Cevasco (2003).

Para esta reflexão é importante trazer o teórico Antonio Candido (2010), pois ele, na obra *Literatura e Sociedade*, exprime sua teoria sobre a arte no seio social enquanto representação e transposição, sendo as manifestações artísticas inerentes à vida social, sem negar a grandeza da atemporalidade e universalidade, ou seja, na sua função total, pois, “[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo.” (CANDIDO, 2010, p. 65). Desse modo, para o autor, a literatura, em termos sociológicos, pode ser vista pela análise do gênero e das suas condições sociais, sua representação e sua relação com o público, tendo em vista, a intenção do escritor de acordo com cada gênero. Embora a intenção também possa ser questionada, uma vez que as proporções que a obra toma estão sob um crivo de interpretação, crítica e recepção.

Sendo assim, acredita-se na importância da realização de estudos com questionamentos voltados para a sociedade atual, tendo como propósito o

fortalecimento acerca dos diálogos sobre as sexualidades, subjetividades dxs sujeitxs⁷ e suas relações intrínsecas com a literatura, visando, a contribuição para novos posicionamentos e concepções frente à crítica literária da temática em questão. Nesse sentido, esta pesquisa propõe enlaces a partir dos estudos que serão realizados para execução da análise, agregando enriquecimento e buscas por novas perspectivas e concepções, a fim de serem fontes de novos estudos e questionamentos no âmbito acadêmico, por meio da interpretação de aspectos interligados ao convívio social e à arte literária.

Busca-se analisar como as obras infantojuvenis *The Sissy Duckling*, de Harvey Fierstein (2005), *In our mothers' house*, de Patricia Pallacco (2009), e *10,000 Dresses*, de Marcus Ewert (2008) rompem com os limites da heteronormatividade tendo em vista que a mesma é instaurada com o propósito de estabelecer padrões de gênero e sexualidade aos/às sujeitxs.

A referida análise propõe especificamente identificar aspectos relacionados aos comportamentos e à autoidentificação das personagens que rompem com a heteronormatividade. Ademais, pretende-se investigar preconceitos, estereótipos de gênero, lesbofobia e transfobia nas obras, analisando como as relações sociais na ficção se tornam atenuantes para situações de violências sofridas pelas personagens Elmer, Meema, Marmee e Bailey. Por fim, busca-se entender como as personagens, já mencionadas, podem ser consideradas corpos políticos por meio das relações de representação e visibilidade dos contextos ficcionais e da sociedade, além de questionar aspectos que mantêm as dinâmicas heteronormativas.

Para tanto, o trabalho desdobra-se em três capítulos principais: 2) “Nas Tramas da Literatura Infantojuvenil”, no qual, se discutirá sobre a literatura infantojuvenil, apresentando o estado da arte das produções sobre as temáticas aqui abordadas, a fim de se começar as análises das obras na perspectiva de rompimento com a heteronormatividade; 3) “Literalmente Há Violências nas Entrelinhas”, no qual será exposto como o borrar das fronteiras da heteronormatividade coloca a vida dx sujeitx em riscos de violências; e 4) “Representatividade e Visibilidade nas Narrativas Coloridas”, que buscará verificar

⁷ Embora a importância do uso do “x” já tenha sido destacada, é necessário mencionar que o Dicionário Priberam de Língua Portuguesa considera a palavra sujeita como sendo um substantivo feminino.

em que medida as obras espelham ou representam a visibilidade LGBTQI, descrevendo seus vários aspectos, ou como elas mantêm ou quebram o padrão heteronormativo. Assim, para Colling (2016), quando se pretende problematizar e recriar a produção de conhecimento, esse fazer também recai em um campo político. De mesmo modo objetivos traçados tendem a revelar dissidências, (des)acordo de discursos e categorias com a finalidade de questionar naturalizações que diz respeito não apenas às temáticas de gênero e sexualidades, mas ao próprio campo literário. Relaciona-se, portanto, a escolha do *corpus* como enfrentamento artístico e político, pois se entende que a popularidade e consagração de determinadas literaturas dependem exclusivamente de invisibilidade de outras.

2 NAS TRAMAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

É proibido miar é o meu protesto contra todas as proibições, contra todas as imposições que nos mandam gostar disso e não gostar daquilo, que nos mandam usar coisas que a gente não quer usar e tentam nos convencer de que gostar daquilo que a gente gosta é de mau gosto. (Pedro Bandeira)

Antes de iniciar falando sobre a recepção das obras que serão analisadas cabe uma breve interferência, a fim de se pensar um pouco sobre o panorama da literatura infantojuvenil.

Sabe-se que a literatura está enraizada na tradição oral. Ao se estudar as origens da literatura infantojuvenil e as suas primeiras manifestações, percebe-se que os principais clássicos infantis da atualidade são adaptações da cultura de um povo em determinado tempo. Baseado em Coelho (2010), a origem da literatura infantil deriva das primeiras literaturas e contos provenientes do Oriente, com exemplo as obras *Calila e Dimna* (século V a.C), *Sendebâr* (século X), *As mil e uma noites* (século XV), entre outras coletâneas. No entanto, foi na França que a literatura para crianças ganhou força significativa.

Foi na França, na segunda metade do século XVII, durante a monarquia absoluta de Luís XIV, o Rei Sol, que se manifestou abertamente a preocupação com uma literatura para crianças ou jovens. *As Fábulas* (1668) de La Fontaine; *os Contos da Mãe Gansa* (1691-1697) de Charles Perrault; *os Contos de Fadas* (8 vols., 1696-1699) de Mme. *D' Aulnoy* e *Telêmaco* (1699) de Fénelon foram os livros pioneiros do mundo literário infantil, tal como hoje o conhecemos (COELHO, 2010, p. 75).

Ao descrever o processo fantasioso da tradição oral, Coelho (2010) aponta a literatura infantil como “Literatura Primordial”, capaz de atravessar séculos e gerações através da memória, e aponta, ainda, a mesma como um fator essencial para a eclosão da literatura escrita.

Depois do auge francês, na trama da literatura infantojuvenil mundial e principalmente de língua Inglesa foi forjado, em tempos de revoluções e do mercantilismo Inglês (século XVIII), o surgimento e a criação de um novo gênero. “Trata-se do *romance* – a forma de ficção narrativa que se torna a expressão literária ideal da sociedade burguesa que então se consolida” (COELHO, 2010, p. 119). Neste contexto, a literatura inglesa torna-se foco no panorama mundial da literatura

para pequenxs e jovens leitorxs, cabendo aqui destacar as obras *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe (1719) e *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift (1726).

No século XIX, a literatura infantil andava rumo à perpetuação do Romantismo e Realismo. “Conhecido literariamente como o *século de ouro do romance e da novela*, o XIX é marcado pela convergência de diferentes tendências literárias, que mesclam o *culto e o popular*” (COELHO, 2010, p. 147). As peças chaves do século mencionado são os Irmãos Grimm, que ao fazerem uso da fantasia, imortalizaram o místico e o lendário no volume *Contos de Fadas para Crianças e Adultos*, publicado entre os anos de 1819 e 1822. Já na Inglaterra, as obras *As aventuras de Oliver Twist* e *David Copperfield*, de Charles Dickens, em 1837 e 1849 respectivamente, foram verdadeiras denúncias aos abusos e injustiças sociais da época. Anos depois, eis que surgem as narrativas do realismo maravilhoso com o seu pioneiro, o inglês Charles Dodgson, popularmente conhecido por seu pseudônimo Lewis Carroll, que publicou *Alice no país das Maravilhas* em 1865. Mark Twain, escritor americano, também colaborou de forma significativa com as obras: *As aventuras de Tom Sawyer* (1876), *As aventuras de Huckleberry Finn* (1885) e *Um ianque na corte do Rei Arthur* (1889).

No século seguinte, *Peter Pan* surge na obra *O pequeno Pássaro Branco*, escrito por James M. Barrie (1902) e logo depois, torna-se personagem de outras peças e contos. Edgard Rice Burroughs (1929), por sua vez, também consolidou a história em quadrinhos mais famosa, *Tarzã*. No enredo, ao narrar o personagem Tarzã vivendo na floresta africana, o autor fez alusão à tradição lendária e mitológica, no qual seres humanos são criados por animais, mexendo profundamente com o imaginário das pessoas e principalmente das crianças.

Essa simplificação da historicidade da literatura infantojuvenil, revela que no século XXI, essa literatura é bem diversificada, além de versar diferentes temáticas que ainda repercutem desde o fantástico e as tradições culturais, passando pela exploração e resolução de problemas, até as temáticas que abordam contextos familiares e de gênero, os quais serão discutidos aqui. No entanto, não se afirma que classificar ou até mesmo conceituar literatura seja algo simples, mas esta se caracteriza como uma forma de narrar, contar ou relatar, utilizando-se de uma sequência cronológica, psicológica ou histórica. Com isso, as literaturas infantojuvenis são narrativas que buscam abordar fatos e ações, imaginárias ou não,

que tanto o tempo, o espaço, as personagens, o narrador e o enredo transmitem uma determinada história.

A literatura infantojuvenil pode viabilizar diversas temáticas e propósitos. Isso se dá por ela ser um fazer artístico intencional, pensada a partir de uma estética, um enredo e um momento. Para Hunt (1999),

children's books are used for different purposes at different times - for more things than most books are. Some are 'good' time-passers; others 'good' for acquiring literacy; others 'good' for expanding the imagination or 'good' for inculcating general (or specific) social attitudes, or 'good' for dealing with issues or coping with problems, or 'good' for reading in that 'literary' way which is a small part of adult culture, or 'good' for dealing with racism...and most books do several things. This is not a scale where some purposes stand higher than others - it is a matrix where hundreds of subtle meanings are generated: what you think is good depends on you, the children, and on what you're using the book for – and every reading is different (HUNT, 1999, p. 11).⁸

Com isso, depreende-se que, para além do tempo e do contexto, através do livro ou da literatura, é possível trabalhar múltiplas ideias e conceitos, ultrapassando o poder de mecanismos de leitura, desbravando assim a ampliação do conhecimento e deleites. Para além da aquisição da linguagem, desempenho acadêmico da criança/adolescente e do uso educativo, a leitura pode ser levada como fonte de indagações decorrentes de influência social, histórica e cultural. Corroborando com este pensamento, a leitura múltipla e diversificada é aquela “que segue trilhas, lança hipóteses, experimenta, duvida, num exercício contínuo de experimentação e descoberta. Como a vida” (PALO; OLIVEIRA, 2006, p. 11). Assim, a obra literária tem um papel importante no desenvolvimento da comunicação e diálogo fluído entre xs sujeitxs, partilhando saberes que viabilizam e oportunizam o fornecimento de ideias e conhecimento.

⁸ Tradução nossa: Os livros infantis são utilizados para diferentes fins em momentos diferentes - para mais coisas do que a maioria dos livros são. Alguns são 'bons' passatempos; outros, "bons" para a aquisição de letramento; outros 'bons' para expandir a imaginação ou "bons" para inculcar atitudes sociais geral (ou específica), ou "bons" para lidar com questões ou enfrentar problemas, ou "bons" para a leitura de uma forma "literária", que é uma pequena parte da cultura adulta ou "bons" para lidar com o racismo... e a maioria dos livros fazem várias coisas. Esta não é uma escala em que alguns objetivos se mostram superiores a outros - é uma matriz na qual centenas de significados sutis são gerados: o que você considera bom depende de você, das crianças, do porquê você está usando o livro - e cada leitura é diferente.

Atualmente, com o avanço dos espaços urbanos e, por consequência, um aglomerado de diferentes pessoas, orientações sexuais, identidades de gênero, culturas e opiniões, cresceu o número de literaturas para os mais variados públicos, trazendo à tona diversas temáticas, como as que tratam da tentativa de inibir o preconceito. Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2000), aponta-se que, embora tenham ocorrido nas últimas décadas grandes transformações culturais, a discriminação frente aos grupos considerados socialmente como “minorias” ainda persiste nas relações humanas. Assim, o contato com notícias e obras literárias deste contexto apresenta-se como boas formas de disseminar valores e atitudes relacionadas com a questão. Ratificando esse pensamento, Palo e Oliveira afirmam que o livro é:

Mais um produto através do qual os valores sociais passam a ser veiculados, de modo a criar para a mente da criança hábitos associativos que aproximam as situações imaginárias vividas na ficção a conceitos, comportamentos e crenças desejadas na vida prática, com base na verossimilhança que os vincula (PALO; OLIVEIRA, 2006, p. 7).

Nesse sentido, a leitura pode possibilitar a socialização do que possivelmente encontra-se em situações reais, uma vez que a mesma é uma forma simplificada de tratar assuntos considerados complexos, viabilizando assim o desenvolvimento de um/uma leitor/a críticx, e, acima de tudo, consciente.

Observa-se ainda que com tanta variedade de temas e representações, ao longo da historicidade da literatura infantojuvenil, as narrativas com temáticas LGBTQI⁹ marcam um período de inovação, pois rompem com os padrões de feminilidade, masculinidade, sexualidade e gênero pré-estabelecidos. Estas obras trazem como legado uma nova abordagem para a arte, de modo a contemplar representações de subjetividades que durante muito tempo estiveram emudecidas neste cenário literário.

2.1 Ouço Boatos: fortuna crítica

⁹ Sigla referente a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queers e Intersexos. Alguns/mas teorixs também utilizam a sigla LGBTTI.

The Sissy Duckling é uma narrativa escrita pelo nova-iorquino Harvey Fierstein publicada pela primeira vez em 2002. A princípio, o material foi criado, em 1999, para uma série da HBO chamada *Happily Ever After: Fairy Tales for Every Child*, cujo episódio *The Sissy Duckling* rendeu ao autor o *Humanitas Prize*, prêmio destinado aos roteiros que promovem dignidade humana e liberdade. O autor já teve bastante destaque como roteirista e dramaturgo, cujo trabalho lhe rendeu quatro premiações *Tony Award*, mas apenas a obra anteriormente mencionada foi posteriormente publicada pela *Simon & Schuster*.

Em uma entrevista, concedida ao *Publisher Weekly*, em 2002, ao ser questionado sobre o livro, o autor revelou que existem algumas características entre ele e a personagem Elmer, como, por exemplo, brincar com bonecas. Ademais, afirmou que muitas das inspirações para escrever o livro vieram das crianças do *Gramercy House*, em Nova York, que foram expulsas de suas casas por serem gays.

Em 2006, a revista *Veja* publicou a matéria “O Patinho Agora é Gay”, que traz um pouco da repercussão das obras taxadas como pró-homossexuais. Nela, percebe-se que algumas das literaturas escritas nos países de língua inglesa, como por exemplo, *Carly: She's Still My Daddy*, de Mary Boenke, já são lidas em sala de aula, muito embora haja protestos contra o uso do material.

Nos estados mais liberais dos Estados Unidos, tais publicações fazem inclusive parte do currículo nos primeiros anos escolares, com a previsível dose de protestos paternos: desde que chegaram ao jardim-de-infância, livrinhos gays foram destruídos em atos públicos, um pai acabou preso, escolas foram processadas e diretores colecionam ameaças de morte (MAXIMILIANO, 2006, p. 116).

Apesar de todas as manifestações contra os livros e até proibições de circulação em algumas bibliotecas apontadas pela matéria, assim como na pesquisa *Three Perceptions of Self and the "Other": An Analysis of Challenges to And Tango Makes Three* publicado pela *School Library Research*, há menções de que obras desta natureza vêm crescendo consideravelmente, alargando fronteiras e subvertendo assim toda repressão e censura.

Na internet é possível encontrar alguns materiais similares a planos ou relatórios de aulas no qual professorxs expõem os motivos pelos quais utilizam estas obras em sala de aula. Dentre esses motivos, é recorrente a justificativa de que a

temática está relacionada ao contexto social no qual se vive, podendo assim, ser útil para o diálogo frente às diversidades.

Em um artigo sobre as representações de homossexualidade na literatura infantojuvenil, Sefton (2011), ao escolher os livros para analisar, comenta que um dos motivos para tê-lo feito seria a repercussão deles. No caso do livro *The Sissy Duckling*, a pesquisadora observa a inventividade inovadora da trama e o sucesso no mercado norte-americano e europeu. Embora o título de seu artigo estivesse relacionado com a homossexualidade, à autora, em uma breve observação sobre a obra, tira a personagem Elmer desse contexto, lendo o texto literário pela perspectiva do gênero, uma vez que, o mesmo não apresenta um envolvimento homoafetivo da personagem, mas sim uma problemática que remete aos estereótipos de gênero e às pressões sofridas pelo patinho.

Patricia Polacco, autora e ilustradora de *In our mothers' house*, nasceu em Michigan. Quando tinha apenas 03 anos de idade, seus pais se divorciaram, o que fez com que ela passasse muito tempo com os seus avós, ouvindo várias histórias, que de acordo com Rhodes (2002) teria sido um dos principais motivos que influenciaram a carreira da escritora. Esta, por sua vez, já é notoriamente conhecida pelas suas narrativas para crianças, e também por tratar de temas considerados polêmicos e úteis, não só em materiais impressos, como também nos meios eletrônicos.

In Patricia Polacco's books, as in her life, family roots are important. The old ones provided most of the inspiration for her stories. Patricia says, "Babushka [Grandma] and her family came from the Ukraine, just outside of Kiev in Russia. My Diadushka [Granpa] came from Soviet Georgia. My mother's parents were great historians, but they also took us to the world of fancy and magic with stories. People on both sides of my family saw perfectly ordinary events as miraculous (RHODES, p. 5, 2002).¹⁰

A autora já escreveu e ilustrou diversas histórias relacionadas à família e outras temáticas que se referem à diversidade cultural, racial e religiosa. As narrativas têm como foco retratar assuntos que possam ajudar crianças e jovens

¹⁰ Tradução nossa: Nos livros de Patricia Polacco, assim como na sua vida, as raízes familiares são importantes. Os mais antigos são inspirações para suas histórias. Patricia afirma, "Babushka [vovó] e a sua família vieram da Ucrânia, dos arredores de Kiev na Rússia. Meu Diadushka [vovô] veio da Geórgia. Os pais da minha mãe foram grandes historiadores, mas eles também nos conduziram ao mundo da fantasia e da magia com histórias. As pessoas de ambos os lados da minha família viram eventos comuns como milagrosos.

leitorxs a enfrentar e superar questões delicadas, como exemplo, as narrativas *Thank you, Mr Falker* (1998) e *In our mothers' house* (2009). A primeira tem como personagem principal Trisha, uma garota que têm dislexia e cuja professora a auxilia a descobrir a magia da leitura; já a segunda, narra as vivências de uma família lesboparental.

Apesar da relevância da temática do livro *In our mothers' house*, a jornalista Jennifer Dobner, em matéria no *The Huffington Post* de 2012, apontou que em uma reportagem de 2011 feita pelo *The American Civil Liberties Union* do Texas, o livro foi banido em muitas escolas do estado. No entanto, em Abril o comitê do distrito obteve votos de 6 – 1 para que o livro fosse mantido na biblioteca, muito embora não estivessem disponíveis nas prateleiras, pois para que xs estudantes tivessem acesso ao livro, xs mesmxs deveriam obter o consenso dos pais.

Em uma matéria escrita para a *American Civil Liberties Union*, em comemoração ao 30º aniversário do *Banned Books Week*, em conclamação à liberdade de se ler os livros censurados, a própria Patrica Polacco teve oportunidade de escrever um material intitulado: *Not a Real Family? Book about moms banned in Utah School District*. Nesse material, a mesma afirma que por ser escritora de livros infantis é convidada para palestrar em várias escolas, e em uma dessas ocasiões presenciou a leitura de redações produzidas por alunxs de uma destas instituições. No entanto, quando uma garota começou a ler a sua produção, foi interrompida por ser de uma família lesboparental e ter irmãos adotivos. O argumento para que ela parasse a leitura, teria sido o de que ela não vinha de uma família de verdade. Esse episódio foi a inspiração para que a autora escrevesse sobre famílias homoparentais.

O livro de Polacco já é usado em algumas escolas, como por exemplo, as de *San Francisco Unified School District* na Califórnia. Por meio do plano de curso do departamento de estudantes, família e comunidade, disponibilizado na internet, é possível perceber os principais objetivos para o uso dessa narrativa, dentre eles: considerar a aceitação como valor chave para a família e a comunidade como uma das principais ideias da narrativa. Deste modo, é possível perceber os esforços e as preocupações dxs educadorxs em trabalhar com temáticas de cunho social, muito embora estas narrativas sejam alvo de constantes críticas.

A última e não menos importante obra que se pretende analisar é *10,000 Dresses*, uma narrativa publicada pela *Seven Stories Press*, com autoria de Marcus

Ewert. Ele, por sua vez, é ator, diretor e escritor, nascido em Geórgia, Estados Unidos. Embora seus textos já tivessem sido publicados em livros de outrxs autorxs, como nos casos de *I Do/ I Don't: Queers On Marriage*, de Greg Wharton e Ian Philips; *Pills, Chills, Thrills and Heartache: Adventures in the First Person*, na organização de Michelle Tea e Clint Catalyst dentre outros, esse foi o primeiro livro exclusivamente de sua autoria, publicado pela primeira vez em 2008. Posteriormente, veio à obra *Mummy Cat* publicada em 2015, ambas são narrativas direcionadas ao público infantojuvenil.

A obra de Ewert (2008) propõe um diálogo sobre a identidade de gênero, que em alguns casos, não convém com as condições impostas pelo sexo biológico dx sujeitx, ou ainda considera-se que a obra é uma narrativa com aspectos sobre transexualidade direcionada ao público infante.

'*10,000 Dresses*': a book about gender identity, foi uma matéria publicada por Heidi Benson em 2008 pelo jornal SFGATE. Na matéria, há uma espécie de entrevista com o autor do livro, no qual, ele dá créditos à parceria feita com o artista Rex Ray – responsável pela ilustração do material. Ewert também revela a preocupação de seus amigos com relação aos pais que não permitem a leitura do livro por seus/suas filhxs. Ainda assim, esse fato não abalou as expectativas do autor, pois, ele acredita que os assuntos *queers* têm sido cada vez mais discutidos, inclusive nas escolas.

Rau (s.a.), ao escrever uma breve análise sobre a narrativa *10,000 Dresses*, comenta sobre a importância do livro como uma forma para entender as crianças transgêneros, isso pelo fato da personagem Bailey apresentar características que podem lembrar essas crianças, como também, pela identificação com o sexo oposto ser anunciada por essxs sujeitxs logo na infância, o que por muitas vezes pode ser, para xs outrxs ao redor, uma situação de difícil entendimento.

In my opinion, the book challenges students on what it means to be a boy or a girl because the character in this book doesn't fit their understanding of being a boy or a girl. I would have this book available in my classroom because it brings to teach children how gender roles are socially constructed. Students are required to think critically on their current beliefs about gender while the reader reads both the text and the images in this book simultaneously. This picture

book has excellent potential for critical conversations around gender roles and transgendered children (RAU, [s.a], p. 2).¹¹

O seu posicionamento quanto à leitura da obra é positiva e necessária, pois xs estudantes são levadxs a pensar criticamente sobre os contextos da produção. Embora a obra quebre com as concepções de estereótipos de gênero, reforça-os pela figura da mãe que está em casa, do pai que trabalha fora e do irmão que joga bola e julga a personagem Bailey. Essa narrativa pode ser encarada como uma maneira de perceber, na realidade ficcional, vivências e experiências de muitos transgêneros, principalmente, no que se refere à aceitação familiar e social, além de sugerir que as relações de gênero são social e performaticamente construídas.

Apesar de muitxs pesquisadorxs acreditarem na importância dessas literaturas, as problemáticas de gênero, assim como, os novos arranjos familiares têm sido marginalizados. Para Yawger (2010),

Multiculturalists agree that children benefit from seeing themselves and their families in children's books; nontraditional families have been portrayed since the 1970s and 1980s as including single parent, blended, and multiethnic families.¹² With this in mind, certain populations continue to be missing from the pages of books for young children; lesbian, gay, bisexual, transgendered, or questioning (LGBTQ) family members continue to be marginalized (YAWGER, 2010, p.1).¹³

Entretanto, a autora observa que nos últimos 10 anos tem crescido o número de publicações, mas que a quantidade destas literaturas nas bibliotecas públicas e escolares ainda continua escassa. Para ela, a discrepância da falta de acesso aos materiais sobre famílias homo/lesboparentais se dissocia da realidade, já que

¹¹ Tradução nossa: Na minha opinião, o livro desafia os alunos a questionar o que significa ser menino ou menina já que o personagem desse livro não se encaixa na compreensão do que seja um menino ou uma menina. Eu teria esse livro disponível na minha sala de aula porque auxilia a ensinar as crianças como os papéis de gênero são socialmente construídos. Os alunos são estimulados a pensarem criticamente sobre suas crenças a respeito do gênero, ao passo que o leitor lê tanto o texto como as imagens nesse livro simultaneamente. Esse livro imagético tem um excelente potencial para conversas críticas sobre papéis de gênero e crianças transgêneros (RAU, [s.a], p.2).

¹² Donna L. Gilton, *Multicultural and Ethnic Children's Literature in the United States* (Lanham, MD: Scarecrow Press, 2007); Elizabeth Knowles and Martha Smith, *Understanding Diversity Through Novels and Picture Books* (Westport, CT: Libraries Unlimited, 2007).

¹³ Tradução nossa: Os multiculturalistas concordam que as crianças se beneficiam quando veem a si mesmas e suas famílias representadas nos livros infantis; Famílias não tradicionais têm sido retratadas desde os anos 70 e 80, incluindo famílias monoparentais, compostas e multi-étnicas. Contudo, certas populações continuam sem representatividade nos livros infantojuvenis; Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros ou queers (LGBTQ) continuam sendo marginalizados (YAWGER, p.1, 2010).

famílias de casais do mesmo sexo fazem parte de todas as comunidades, sendo responsáveis pela adoção de cerca de 250,000 crianças de acordo com o senso do ano 2000 dos Estados Unidos.

Ainda tomando partido de sua pesquisa sobre os livros com personagens LGBTQI nas bibliotecas públicas da Pensilvânia, um dos critérios usado pela pesquisadora foi selecionar os livros com melhores indicações para leitura, cujas indicações foram feita por jornais, bibliotecas, *websites*, no qual dentre os 14 livros mais indicados, 03 são objetos desta dissertação. Dentre os dados revelados apenas 8% das 314 bibliotecas possuem entre 10 a 13 dos títulos em questão e 41% das bibliotecas não possuem nenhuma das obras. Sendo o mais frequente a obra da autora Patricia Polacco, devido ao sistema *Standing Order Plans* usado pelas bibliotecas, que atesta a popularidade dxs escritorxs, seguido da obra de Harvey Fierstein. Não obstante, as bibliotecas que possuem o livro de Marcus Ewert, não possuem mais de um exemplar.

Curiosamente, a pesquisa aponta que existe uma premiação anual para trabalhos escritos para crianças e adolescentes que tragam em suas temáticas as questões que envolvem experiências gays, lésbicas, bissexuais e transgênero, chamado de *The Stonewall Children's and Young Adult Literature Award*, cujos livros *10,000 Dresses*, de Marcus Ewert, e os livros *Daddy Papa and Me, and Mommy, Mama and Me*, escritos por Leslea Newman, teriam sido escolhidos como *Honor Books* na primeira edição do evento em 2010.

Com todas estas descobertas, é levantada uma problemática ao acesso a este material. As bibliotecas têm os livros em seu acervo, mas esses não são disponíveis ao público infante aos quais as narrativas se destinam, ou ainda não estão nas seções que deveriam estar. Cabe aqui compartilhar o posicionamento de Yawger (2010, p. 12) ao afirmar que, "*collections without accessibility are often considered an overt act of self-censorship [...]*"¹⁴. Os livros devem ser disponibilizados para que, sejam crianças ou adultos xs leitorxs dessas histórias, tenham suas próprias experiências e interpretações a respeito do que é lido.

Xs educadorxs têm ampliado cada vez mais as suas visões e mostram-se abertxs para promover discussões e leituras sobre essas temáticas, no entanto, elxs têm encontrado alguns empecilhos quanto aos pais dxs alunxs. Nos Estados

¹⁴ Tradução nossa: as coleções sem acessibilidade são muitas vezes consideradas como um ato manifesto de autocensura.

Unidos, por exemplo, há protestos constantes contra o acesso das crianças a estas discussões.

Em Massachusetts, onde o casamento entre pessoas do mesmo sexo é permitido, uma professora primária leu o livro dos dois príncipes em sala de aula e a Joseph Estabrook Elementary School – que já havia sido alvo de protestos depois que alunos do jardim-de-infância receberam uma "sacola de diversidade" com um livrinho ilustrado mostrando, entre vários tipos de família, uma com duas mães e outra com dois pais – voltou a ser alvo de protesto. David Parker proibiu o filho de 6 anos de ir às aulas, foi detido e, junto com outros pais, está processando a diretoria (MAXIMILIANO, 2006, p. 117).

A obra supramencionada é conhecida como *King & King*, originalmente Holandesa, escrita em 2003 por Linda de Haan e Stern Nijland. A narrativa traz em seu enredo um príncipe, cuja mãe queria casá-lo com uma princesa, mas que acaba se interessando por outro príncipe. Cabe aqui destacar que tanto essa obra, quanto as outras que estão sendo apresentadas, não foram traduzidas para o português, mas já existem, desde 1990 no mercado brasileiro, ainda que em menor escala do que as escritas em língua inglesa.

Tomando ainda por base a situação que ocorreu em Massachusetts, pode-se trazer a esta discussão, as polêmicas recentemente promovidas pelos organizadores do projeto “Escola sem Homofobia”, censurado no Brasil. Esse projeto elaborado a partir do programa “Brasil sem Homofobia”, lançado em 2004 pelo governo Federal, tem por objetivo tentar combater a violência e discriminação contra a população LGBTQI, assim como promover a cidadania para essas sujeitas. De maneira geral, o projeto propõe discussões referentes aos direitos humanos, segurança, saúde, trabalho, cultura, educação e políticas contra o racismo e a homo/lesbofobia.

O referido projeto defende ainda que a educação deve promover valores de respeito à paz e a não-discriminação frente a orientação sexual de outrem. Para isto, são elencadas medidas que visam determinadas finalidades, tais como: uma melhor formação dos professorxs, a eliminação de aspectos discriminatórios dos livros didáticos, o incentivo a produção de materiais sobre orientação sexual e superação da homo/lesbofobia baseadas em informações científicas, e até mesmo a criação de um subcomitê sobre Educação em Direitos Humanos no Ministério da Educação.

Baseado em tais aspectos, foi criado o projeto “Escola Sem Homofobia”,

O Projeto Escola sem Homofobia visa contribuir para a implementação e a efetivação de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidade de gênero no âmbito escolar brasileiro (BRASIL, 2004, p.7).

Essa proposta, com a finalidade de combater ações discriminatórias no ambiente escolar, contou com a participação de educadorxs e profissionais de várias áreas. Tendo sido fruto de movimentos e conquistas de direitos anteriores, foi apresentada para integrar o projeto político-pedagógico. O projeto inclui um caderno ou kit educativo que contém materiais e sugestões de atividades elaboradas para execução em sala de aula, podendo, também, serem inseridas como oficinas voltadas à humanização e formação crítica. Visa realizar, ainda, propostas de diálogos entre educadorxs e educandxs frente aos estereótipos de gênero, homofobia, lesbofobia, transfobia, que são naturalizados e recorrentes no atual contexto escolar e social.

Isso posto, o kit foi duramente criticado e apelidado por muitos como o *Kit Gay*. A medida seria uma forma de levar para sala de aula um diálogo que visa o respeito ao ser humano, uma tentativa de sufocar a discriminação e a opressão por meio de atividades pensadas a partir da cooperação, solidariedade, trabalho em grupo, respeito, ética e consciência sobre as diferenças.

Apesar de todos os esforços envolvidos para elaboração do material, em 2011, o mesmo teve a sua circulação suspensa, pois os setores conservadores e o Congresso Nacional o encararam como um estímulo à homossexualidade e promiscuidade. Deste modo, é possível perceber como estas discussões ainda são censuradas. Todavia, por acreditar na eficácia do material, xs organizadorxs o publicaram na internet, possibilitando o seu acesso aos educadorxs.

Um fato semelhante veio à tona na cidade de Teresina, no Estado do Piauí, local onde se realiza a presente dissertação. A PL 20 de 2016 é um documento elaborado com a finalidade de barrar as discussões sobre gênero no âmbito escolar, sobretudo nas escolas do município. De acordo com o Art. 1º,

fica proibida a distribuição, utilização, exposição, apresentação, recomendação, indicação e divulgação de livros, publicações, projetos, palestras, folders, cartazes, filmes, vídeos, faixas ou qualquer tipo de material, lúdico, didático ou paradidático, físico ou digital, contendo manifestações da ideologia de gênero nos

estabelecimentos de ensino da rede pública municipal da cidade de Teresina.

Com isso, percebe-se que há uma tentativa de fazer com que as temáticas relacionadas a gênero permaneçam à mercê dos conceitos arbitrários do senso comum, que normatizam os sujeitos e limitam as possíveis indagações que possam vir a existir sobre essa questão que se faz tão importante no presente contexto social. De acordo com Oliveira (2016, p. 125), “movimentos contra o ensino e a produção de conhecimento sobre gênero, que recusam a difusão e disseminação do conceito nos programas escolares e na educação” geram situações de atritos e conflitos vinculados ao conservadorismo e fundamentalismo.

Seja nos países de língua inglesa, ou no Brasil, é notório que a recepção de obras com temáticas LGBTQI estão à margem da aceitação e da censura. Pois, embora os livros explicitem em suas capas frases com críticas construtivas de outros autorxs – como é o caso do livro *10,000 Dresses*, elogiado pela autora Leslea Newman, famosa por escrever livros dentro da temática, como também *The Sissy Duckling*, trazendo as considerações da Publisher Weekly, Kirkus Review, Booklis – o acesso e/ou uso dessas obras tem sido retardado.

Independente disso, não se pode negar a importância dos trabalhos desenvolvidos por tais escritorxs dentro do contexto artístico, tendo, os mesmos sensibilidade para ficcionalizar assuntos de sua época, contribuindo, assim, na construção de um diálogo que não pode ser silenciado.

Temas como o respeito a si e aos outros, devem ser discussões presentes nas escolas. Cabe aos/às educadorxs levantar debates que gerem reflexões não apenas acerca da realidade de famílias nucleares, mas também dos demais arranjos familiares, bem como, das temáticas *queers* e das questões de gênero. Tendo ciência da diversidade de crianças e jovens, e dos seus variados contextos familiares, incluindo identidades de gênero e sexualidade, é necessário que haja o acolhimento e respeito aos mesmos. Ademais, enquanto função crítica literária é fundamental que se pense e analise essas obras sincronicamente ao atual contexto e ao momento de suas produções.

Pensando na propagação de narrativas infantojuvenis de língua portuguesa e inglesa, toma-se partido do que Ferreira (2002) afirma sobre a pesquisa conhecida como “estado da arte”, pois essa busca mapear certa produção que, embora a

autora se refira a produções acadêmicas, aqui estará voltada para produções artísticas literárias. Para tanto, apresentam-se os livros, abaixo, sendo eles, obras escritas em Língua Portuguesa (quadro 1) e Língua Inglesa (quadro 2) com o recorte temporal de 1990 a 2015.

QUADRO 1 - Livros encontrados escritos e publicados entre 1997 a 2013

Item	Título	Ano	Autor (a)	Editora
1	O amor não escolhe sexo	1997	Giselda Laporta	Moderna
2	O gato que gostava de cenoura Sempre por perto	1999	Rubem Alves Ana Cláudia Ramos	Loiola Cortez
2	Menino ama menino O menino que brincava de ser	2000	Marilene Godinho Georgina da Costa Martins	Armazém das ideias DCL
1	Menino brinca de boneca?	2001	Marcos Ribeiro	Moderna
1	Todos os amores	2003	Georgina Martins	DCL
2	Katita: tiras sem preconceito Amor entre meninas	2006	Anita Costa Shirley Souza	Marca de fantasia Ed Panda books
4	Era uma vez um casal diferente É proibido de Miar Por que não consigo gostar dela? Do jeito que a gente é	2009	Lúcia Facco Pedro Bandeira Anna Cláudia Ramos Márcia Leite	Summus Moderna Coleção Bem me quer Ática
4	Eu tenho duas mães Meus dois pais Olívia tem dois pais	2010	Marcu Marlelli Walcyr Carrasco Marcia Leite	In house Ática Cia das

	A História de Júlia e Sua Sombra de Menino		Christian Bruel e Gallard Anne	letrinhas Ed Scipione
2	Tudo por você O namorado do papai ronca	2012	Georgina da Costa Martins Plínio Camillo	Garamond Selo Prólogo
1	Mamães e papais	2013	Emerso Machado	Aaatchint
3	Tenho Dois Papais A Princesa e a Costureira As Crônicas de Miramar: O Segredo do Camafeu de Prata	2015	Bela Bordeaux Janaina Leslão Flávio St Jayme	Projeto Catarse Metanoia Editora Editora Chiado

QUADRO 2- Livros encontrados escritos e publicados entre 1990 a 2015

Item	Título	Ano	Autor (a)	Editora
1	<i>Asha's mums</i>	1990	Rosamund Elwin e Michele Paulse	Three O'clock Press
1	<i>Gloria goes to Gay pride</i>	1991	Leslea Newman	Alyson Books
1	<i>Two moms, the Zark and me</i>	1993	Johnny Valentine	Alyson Books
3	<i>Daddy's roommate</i> <i>One hundred is a family</i> <i>How Would You Feel If Your Dad Was Gay?</i>	1994	Michael Willhoite Pan Munoz Ryan Ann Heron e Meredith Maran	Alyson Books Disney Hyperion Alyson
2	<i>My two uncles</i> <i>Who's in a family?</i>	1995	Judith Vigna Robert Skutch	Albert Whitman & company Tricycle Press

1	<i>Amy asks a question: Grandma, what's a lesbian?</i>	1997	Jeanne Arnold	Mother Courage Pr
1	<i>Best Best Colors</i>	1999	Eric Hoffman	Redleaf Press
6	<i>Daddy's wedding</i> <i>Heather has two mommies</i> <i>Lucy goes to the country</i> <i>Mama eat ant, Yuck</i> <i>When Grown-Ups Fall in Love</i> <i>Lucy Goes to the Country</i>	2000	Michael Willhoite Leslea Newman Joseph Kennedy Barbara Lynn Barbara Lynn Edmonds Joseph Kennedy	Alyson Books Alyson Books Alyson Books Hundredth Munchy Publications Hundredth Munchy Publications Alyson Books
5	<i>A tale of two mommies</i> <i>Everywhere babies</i> <i>Pugdog</i> <i>ABC A Family</i> <i>Alphabet Book</i> <i>123 A Family</i> <i>Counting Book</i>	2001	Vanita Oelsclager Susan Meyers Andrea U'Ren Bobbie Combs Bobbie Combs	Vanita Books HMH Farrar, Straus and Giroux Two Lives Two Lives
2	<i>Felicia's favorite story</i> <i>The Harvey Milk Story</i>	2002	Leslea Newman Kari Krakow	Two Lives Publishing Two Lives Publishing
4	<i>All families are special</i> <i>How my family came to be – Daddy, Papa and me</i> <i>King and king</i> <i>The Family Book</i>	2003	Norma Simon Andrew R. Aldrich Linda Haan e Stern Nijland Todd Parr	Albert Whitman & Company New Family Pr Tricycle Press Routledge Little, Brown,

6	<i>Molly's family</i> <i>Mom and mum are getting married</i> <i>King and king and family</i> <i>Carly: She's Still My Daddy</i> <i>What Are Parents?</i> <i>The Daddy Machine</i>	2004	Nancy Garden Ken Settering Linda Haan Mary Boenke Kyme and Susan Fox-Lee Johnny Valentine	Farrar, Straus and Giroux Second Story Press Tricycle Press PFLAG StoryTyme Alyson Books
6	<i>And Tango makes three</i> <i>Antonio's card / La tarjeta de Antonio</i> <i>Emma and Meesha</i> <i>My boy: a two mom story</i> <i>The Rainbow Cubby house</i> <i>The Sissy Duckling</i>	2005	Justin Richardson e Peter Parnell Rigoberto Gonzalez Kaitlyn Taylor Considine Brenna and Vicki Harding Harvey Fierstein	Simon & Schuster Children's Publishing Children's Book Press Twomombooks.com Learn to include Simon & Schuster
5	<i>Monicka's Papa is Tall</i> <i>Ryan's Mom is Tall</i> <i>The Not-So-Only-Child Families</i> <i>At My House What Makes a Family is Love</i>	2006	Heather Jopling] Heather Jopling Heather Jopling Susan kuklin Dee Dee Walter-Goodspeed	Lulu Lulu Nickname Press Hyperion Book CH AuthorHouse
3	<i>Mommy, Mamma and Me</i> <i>Uncle Bobby's wedding</i> <i>10,000 Dresses</i>	2008	Leslea Newman Sarah S. Brannen Marcus Ewert	Tricycle Press Putnam Juvenile Triangle Square

4	<i>Daddy, Papa and me In our mothers' house A baby makes 4 Oh the Things Mommies Do!: What...Two?</i>	2009	Leslea Newman Patricia Polacco Judith Benjamin Crystal Tompkins	Tricycle Press Philomel Books Motek Press Oh The Things Mommies Do
1	<i>My princess boy</i>	2010	Cheryl Kilodavis	Aladdin
1	<i>My uncle's wedding</i>	2011	Eric Ross	Create Space Independent Publishin Plataform
4	<i>The Princes and the Treasure The sleeper and the spindle I Have Two Dads: Different Types of Families Two Dads: A book about adoption</i>	2014	Jeffrey A. Miles Nail Gaiman Madeleine Gasperi Carolyn Robertson	Handsome Prince Publishing Bloomsbury CreateSpace Independent Publishing Platform Sparklypoo Publications
1	<i>Stella Brings the Family</i>	2015	Miriam B. Schiffer	Chronicle Books

Fonte: Criado pela autora.

Observando as produções, verifica-se que as iniciativas de autorxs de língua inglesa, dentro desta temática, são bem mais acentuadas que as de língua portuguesa, uma somando 58 obras, e a outra apenas 23, respectivamente. Mas essa consideração quantitativa não é foco da pesquisa, tendo em vista que o objetivo não é tratar disso, e sim das contribuições que a literatura infantojuvenil traz para essa nova e profunda discussão, considerando o contexto social, cultural, educacional, crítico, literário, dentre outros. Todavia, o recorte temporal pode ser um indício de uma sociedade mais conservadora o que possivelmente justificaria publicações mais tardias.

A escolha por catalogar e pesquisar as obras, cujo termo aqui adotado foi o levantamento do estado da arte, objetiva o alcance de uma maior visibilidade para estas produções, a fim de que xs críticxs literários interessadxs no assunto possam contar com um acervo que os auxiliem em futuras pesquisas e análises, como também auxiliar educadorxs que almejem usá-las em sala de aula.

Ainda se tratando da leitura das obras é importante salienta a representação das mesmas em um contexto tão múltiplo como a sala de aula, pois geralmente as representações que xs alunxs, tanto do ensino básico quanto do ensino superior, têm mais contato, são as que “têm seus conceitos invariavelmente baseados na ideologia dominante da sociedade hetero-patriarcal-falocêntrica” (FACCO, 2009, p. 328), deixando à margem outras configurações. No entanto, as literaturas aqui apresentadas além de evidenciar esse monólito pré-estabelecido, trazem para o centro das narrativas outras configurações de gênero, sexualidade, família, corpo e performances. Assim, acaba por ser um material relevante também para crítica literária.

2.2 Literatura Infantojuvenil: um diálogo para colorir o agora e o futuro

Para iniciar o argumento que aqui será exposto, considera-se o poder assim como propõe Roland Barthes (1977, p. 12) em sua obra *Aula*. Segundo o teórico, “o poder é o parasita de um organismo trans-social”, que se manifesta por meio da linguagem. Nessa constatação a língua é fascista, ela formaliza, institui o que deve ser dito, criando padrões de linguagem, no entanto, a literatura assume diversos saberes, indispensáveis para rever as relações de poder, ou seja, a arte literária rompe com o rol taxativo da linguagem.

Considerar a literatura como linguagem que expressa relações de poder não é tão complexo se se pensar, por exemplo, nos jogos de signos que ocorrem frequentemente tanto na poesia, quanto na prosa. É por esse jogo de palavras e signos presente no texto literário, que se torna possível uma multiplicidade de sentidos e relações de poder que podem até mesmo romper com os poderes hegemônicos, quando há nesta manifestação artística, dando voz aos subalternos, aos abjetos¹⁵, que protagonizam.

¹⁵ Corpos abjetos, segundo Butler (2011), seriam aqueles que sistemicamente estão fora dos padrões, pois estes não são corpos que, de forma majoritária, importam.

Por meio do ficcional, cria-se uma realidade que pode retratar uma força de representação que pode ser intencional de quem escreve o texto. As representações podem aparecer de forma explícita ou serem percebidas, por meio da recepção, através das lacunas que o/a autor/a deixa no texto. Umberto Eco (2003) afirma que a literatura assume papéis na vida daqueles que dela desfrutam. Assim, é possível entender os motivos pelos quais a leitura no âmbito educacional pode proporcionar discussões humanizadoras que tenderão a contribuir para a formação de um sujeito mais crítico. Estas discussões, por conseguinte, não estão dissociadas da crítica.

Não há como desagregar do processo da leitura as subjetividades daquele que lê. Essas subjetividades e horizontes de expectativas cabem no que Barthes (1977) diz a respeito de a literatura, do modo com ela envolve saberes que não são fixos ou fetichados, ser capaz de trapacear com a língua, burlando o seu pretensioso fascismo. Para ele, a segunda força da literatura é a representação, neste caso, a literatura se apodera de contextos, que podem ser reais, ficcionalizando-os para propor diálogos com o que está, às vezes, diante dos olhos dx leitor/a em suas vivências sociais, culturais, políticas e ideológicas.

Do mesmo modo, Todorov (2009), percebe que a literatura ajuda na compreensão dos fatos que podem existir no real, pois ela serve para compartilhar e enriquecer, podendo livrar o homem, inclusive, de si mesmo, do tédio, dos medos, da solidão ou do desamor. Tudo isso se dar pelo poder que a literatura tem de comunicar e revelar o mundo ou mundos. Com ela o leque de convivência humana se alarga, uma vez que,

[...] a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo (TODOROV, 2009, p.23).

Percebe-se, assim, uma condição humanizadora que atravessa a literatura e a arte de modo amplo. Para Todorov (2009), x leitor/a é confrontado quando se depara com uma personagem que diferente de si, sendo atravessado por fruições que o permitirá vê sentidos, questionamentos, ampliando assim os seus horizontes, ou seja, a personagem que apresenta características e realidades distintas das dx leitor/a, o/a afeta. Para além do estranhamento, pode haver leitorxs que se

identificam com a personagem, ou ainda, leitorxs que podem perceber a ficção como totalmente alheia a si.

Pode-se também citar Candido (2004) ao pensar a literatura como um fator de humanização e um direito essencial ao ser humano, por ela ser um instrumento pelo qual se pode negar, propor, denunciar, combater e fornecer oportunidades de vivermos situações-problemas, constituindo-se em uma literatura social, sendo, assim, formadora do sujeito.

Diante do exposto,

acabamos em um impasse: não adiante ouvir a afirmação de alguns/algumas educadores/as e críticos/as literários/as que dizem que a literatura não deve ser portadora de nenhum tipo de ideologia, pois esta é uma ideia totalmente infundada (FACCO, 2009, p. 328).

Mesmo com todos os bônus que a literatura pode proporcionar, muitas críticas surgem com relação ao modo como se tem conduzido o seu ensino. Críticos tais como, Todorov (2009), Rouxel (2013) e Kefalás (2012) apresentam em seus trabalhos a necessidade de retirar do ensino, métodos que supervalorizam o cânone, o gênero, as escolas literárias e os resumos de obras que não permitem que x alunx leia, perceba e sinta a obra em si. Para Rouxel (2013), é preciso que haja ligações entre o mundo dx leitorx e a obra, partindo-se da valorização da experiência que cada um terá através da interpretação e utilização da leitura. Esta percepção nos leva a entender a necessidade do corpo a corpo com o texto, proposta por Kefalás (2012), em que as leituras devem ser vividas por meio das evocações sensoriais, pelo gozo que o cerne da palavra proporciona ao corpo dx leitorx. Neste caso, também inclui-se x críticx.

Nos documentos oficiais, como os PCNs, o papel fundamental da educação é voltado para a formação crítica do cidadão, a fim de que x educandx compreenda a cidadania como participação social e política, estando atento aos seus direitos e deveres. Ademais, a educação deve instrumentalizar os sujeitos a se posicionarem contra qualquer tipo de discriminação, além de torná-los agentes transformadores, dentre outros aspectos.

Sobre a abordagem dos temas transversais, os PCNs sugerem que seja proporcionado ao/à alunx produções artísticas a fim de contribuir para formação destx sujeitx como leitor/a críticx e consciente das nuances sociais. Nesta

perspectiva, “o leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecimento, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto” (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p. 23). Torna-se cada vez mais necessário levar para sala de aula leituras de caráter múltiplo e diversificado tendo em vista o potencial humanizador da literatura.

Semelhantemente, em se tratando do campo crítico literário, é indispensável que pesquisas possam romper com o cânone, a fim de trazer para as discussões, por meio das correntes literárias, críticas que deem visibilidade e notoriedade a estas produções. Pois, a partir do momento em que a crítica atém a sua atenção apenas ao cânone, muitas representações são deixadas de lado, não sendo assim viabilizadas. Portanto, o intuito, por meio desta dissertação, é romper com as amarras fundamentadas em holofotes direcionados de modo mais frequentes às literaturas tidas como eruditas e voltadas ao público adulto.

2.3 Rompendo com a Heteronormatividade

Para melhor conhecer o campo e o objeto de estudo, fez-se necessária uma abordagem geral sobre a literatura, exposta anteriormente. A partir deste tópico, desbravar-se-á, propriamente, as temáticas sobre gênero e sexualidade imbricadas nas obras literárias já citadas.

No que concerne à subjetividade, à sexualidade e suas manifestações, sabe-se que essas estão diretamente ligadas à condição humana. Sell (1987) afirma que desde cedo o indivíduo já vai moldando a sua identidade sexual e que a mesma se encontra em constante relação com seu íntimo e com as expectativas sociais. A sexualidade integra, assim, descobertas e vivências que estão presentes em todas as fases da vida dxs sujeitxs, e pode, por sua vez, ser cambiante. Desta forma, um sujeito que se assume heterossexual, pode vir a ser homossexual ou bissexual em outro momento de sua vida, por exemplo.

Ao buscar compreensões a respeito do contexto histórico da sexualidade, depreende-se com o estudo de Foucault (2013), que falar sobre sexo e suas nuances sempre causou estranhezas. Por exemplo, no século XVII, a pastoral cristã fez do assunto motivo de confissão, na tentativa de torná-lo moralmente controlável e aceitável. O autor também comenta a respeito da pedagogia do século XVIII e a maneira como a mesma abordava a sexualidade, embora limitasse seu discurso ao

caráter higienista; além da patologização sexual ocorrida no século XIX e, por conseguinte, da tentativa de legitimação do casal heterossexual, tido como padrão de sexualidade sã, categorizando o oposto como uma dimensão que vai contra a natureza humana, ou sexualidade errante, classificando tais sujeitos como desvirtuados.

No século XIX, como coloca Louro (2009, p. 86), “a sexualidade tornou-se uma questão central para os Estados e também para os indivíduos”, por meio de processos ligados à industrialização, à revolução burguesa, e conseqüentemente, à expressão das ideias feministas. Nesse mesmo século, o corpo passa a ter um forte significado, pois o corpo da mulher, cientificamente, não possuía o calor vital que se apresentava na estrutura visível do macho. “O corpo passou a ser aquilo que dá origem as diferenças” (LOURO, 2009, p. 87). Com base nisso, os governos passaram a investir em políticas ligadas às práticas sexuais e, conseqüentemente, à reprodução.

A história da sexualidade também produziu verdades por meio do poder. “O poder seria, essencialmente, aquilo que dita à lei, no que diz respeito ao sexo” (FOUCAULT, 2013. p. 93). De tal modo, o poder dita o que é lícito, virtuoso, apropriado ou não, por meio de discursos que ainda circulam em todas as esferas sociais. Não permitindo esquecer, também, que ele é instaurado objetivamente em algum contexto social, político, religioso, educacional e familiar, pois remete a correlações variadas de subordinação daqueles que obedecem àqueles que ditam as regras. Todavia, o poder também nos aponta uma reflexão de resistência.

Observa-se ainda que, mesmo no século XXI, a sociedade em sua formação normativa, posiciona-se legitimando os estereótipos de gêneros e de representações de sexo baseada em seus padrões culturalmente já estabelecidos, o da “sexualidade normal” (heterossexualidade), marginalizando qualquer outra forma de relação que não se estabeleça nos discursos caracterizados pela heteronormatividade, julgando xs sujeitxs de acordo com o padrão biológico de reprodução sexual humana. No entanto, a sexualidade e as identidades de gênero, ou a diferenciação entre o que se pode estabelecer como feminino e masculino, não está ligada exclusivamente à anatomia dos corpos, e sim à singularidade de cada sujeito por meio das questões de autoidentificação e *performance*¹⁶, por isso os sexos obtêm significações.

¹⁶ Termo defendido pela teórica Judith Butler (2011, 2015). Esse termo pode ser entendido como consequência de atos que geram expressões como seus resultados.

A distinção dos modelos homem e mulher não devem, portanto, criar ilusões. Um corpo com caracteres masculinos não indica que o sujeito esteja em uma posição masculina, nem tampouco que as características biopolíticas femininas definem uma mulher. Feminino/masculino são posições de gozo que se instituem nos seres – homens e mulheres – pelo modo que se inscrevem, como sujeitos, na função fálica (Grossi et al, 2005, p. 29).

Os papéis sexuais são forjados no âmbito social onde as práticas sociais dependem não apenas da cultura dxs sujeitxs, mas também do contexto em que eles se encontram ou se percebem. Assim, situações cotidianas que vivificam as categorias binárias de gênero vão, de forma consistente, forçando determinado sujeito a “ser mulher” ou “ser homem”. Esse fato revela que as configurações divergentes têm como resposta estranhezas e rejeições quando o ritual não é seguido ou, ainda, transita-se por essas duas categorias. Deste modo, cabe o questionamento quanto ao gênero e a sexualidade no que diz respeito ao seu caráter de resistência frente à heteronormatividade.

Louro (2009) mostra que, no século XIX, os homens médicos, filósofos, moralistas e pensadores deram suas definições sobre os corpos, por terem um “olhar autorizado”. Esse olhar trouxe em sua linguagem a óptica masculina sobre a mulher, sendo esta a que possui sexualidade ambígua e perigosa, ademais, os comportamentos da classe média e alta, branca e urbana, como referência para se estabelecer o que era apropriado. “Inventa-se tipos sexuais, decide-se o que era normal ou patológico e esses tipos passavam a ser hierarquizados” (LOURO, 2009, p. 88). Eis aqui o pensamento que denuncia um forte indício da matriz heteronormativa: o discurso autorizado masculino, portanto fincado nas bases do patriarcado, logo, heterocentrado e sexista. O que se vincula ao bom, correto, limpo e agradável tem bases masculinas, tem lugar de enunciação comprometido com ideias, vivências e concepções predispostas em um grupo seletivo.

Mesmo sabendo que a sexualidade e o gênero estão sobre a tutela de determinadas relações estratégicas de poder, que são encaradas como “verdades”, como propõem Louro (2009) e Foucault (2014), elas são categorias ligadas às subjetividades dos sujeitos, o que desafia diretamente a heteronormatividade por não contemplar todos os corpos, sexualidades, subjetividades e gêneros.

Embora os discursos e representações se vinculem ao modelo socialmente propagado, a enunciação dos corpos, performances e sexualidades situados à margem da “normalidade” se fazem necessárias, por novos modos de existir, viver a sexualidade, o gênero, o corpo, propondo a dissuasão da segregação, do isolamento, do sexismo, da homo/lesbofobia, dentre outros. Mesmo que,

evidentemente, sendo um processo cultural, é histórico e dinâmico, quer dizer, é passível de transformações. Ao lado dos discursos que reinteram a norma heterossexual, circulam também discursos divergentes e práticas subversivas, e parece notório que esses processos de subversão e desafio da norma vêm se tornando, contemporaneamente, cada vez mais visíveis (LOURO, 2009, p. 92).

A subversão tanto de sexualidade, quanto de gênero toma protagonismo devido o padrão não ser suficiente para a multiplicidade que são estas categorias. O que rompe com a heteronormatividade traz visibilidade para além da heterossexualidade e para a imposição de sexo-gênero proposta aos/às sujeitos. Em se tratando de sexualidade, Louro (2009, p. 90) aponta que, “o processo de reiteração da heterossexualidade adquire consistência (e também invisibilidade) exatamente porque é empreendido de forma continuada e constante (muitas vezes, sutil) pelas mais diversas instancias sociais”. A própria política de reiteração mostra a fragilidade dessa categoria já que ela necessita de uma continuidade, o que leva a entender a ciclicidade das relações sexuais pela subversão das normas. Portanto,

pode-se dizer então, que esta forma específica de articulação entre corpo, gênero e sexualidade não é natural e nem universal, mas se trata inteligível e operante no interior de redes de poder que a definem e que permitem que ela funcione como tal (MEYER, 2009, p. 129).

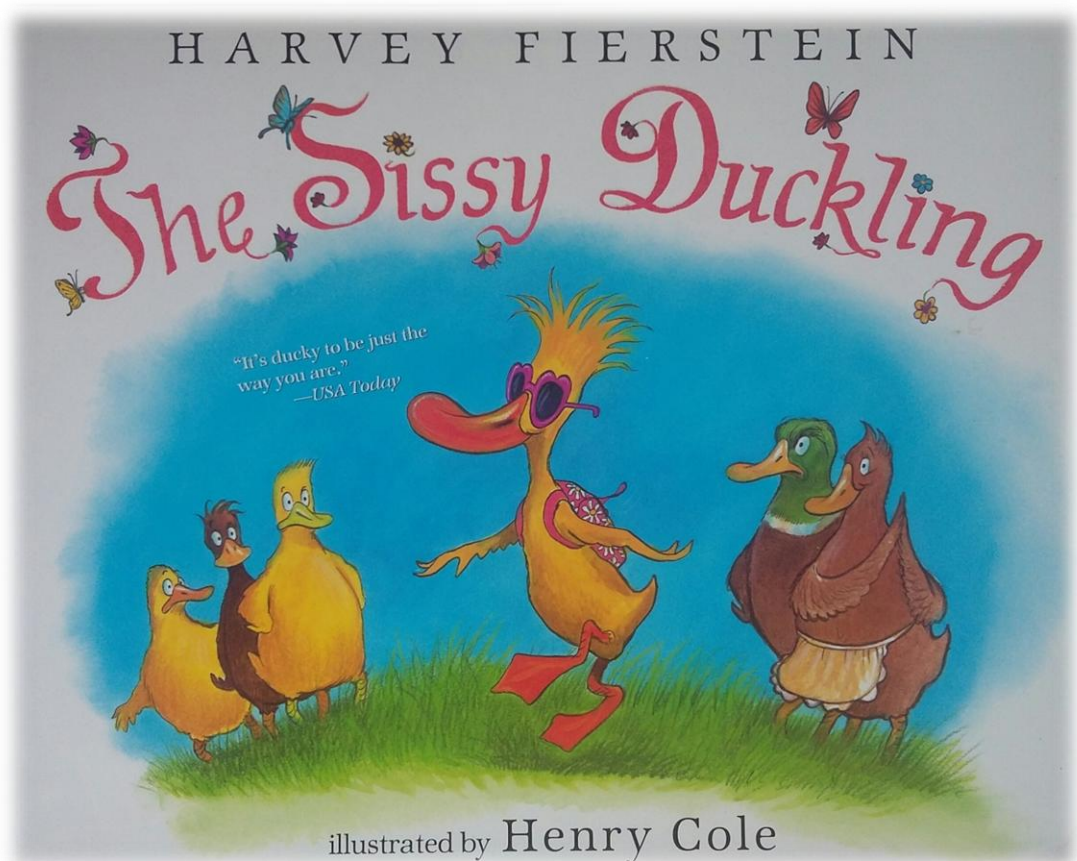
As rupturas propostas a partir de um olhar social movem-se de uma matriz hegemônica para a análise das subjetividades dxs sujeitos, considerando todas as suas construções socioculturais, ademais, não esquecendo o lugar, as instâncias, as performances e práticas onde elxs encontram prazer, sejam esses sociais ou sexuais, devido as ressignificações dos corpos, que passam a ser percebidos. Estes discursos, portanto, podem ser vinculados de diversas formas, incluindo as artes, pois é sabido que a arte, criada a partir de uma estética, é expressão de vivências, que se comunicam objetivando determinadas finalidades.

2.4 O patinho afeminado

Ao considerar o que foi posto, a princípio, entende-se que, se um sujeito é biologicamente masculino, este deve cumprir com o que a ele é imposto de acordo com as normas comportamentais, baseado na heteronorma, que são atribuídas socioculturalmente ao seu sexo. No entanto, romper com essa heteronormatividade pode ser um ato de subversão do padrão masculino ou feminino, por meio de performances, como ocorre com a personagem aqui analisada, Elmer, que por ser afeminado, projeta uma fluidez bem mais ampla do gênero a ele atribuído, em decorrência ao gênero por ele vivenciado.

É importante salientar que ser afeminado não se restringe a uma construção exclusivamente a partir da ideia de mulher, por mais que seja uma vivência de gênero que comumente liguem ao feminino pelo fato de, aparentemente, o feminino e o masculino serem apresentados ou considerados como dois dispositivos produtores de sentidos universais de gênero, revelados por uma polaridade e distanciamento. Como reconhece Bento (2014, p. 12), “apenas alguém muito desavisado poderá fazer coincidir masculinidades = homens e feminilidades = mulheres”. Destaca-se, pois que a personagem aqui analisada é afeminada da sua maneira, não havendo necessidades de enxergá-la como uma mulher.

Imagem 1 – Capa do Livro *The Sissy Duckling*



Fonte: Arquivo particular da autora.

O livro *The Sissy Duckling* de Harvey Fierstein (2005), trata de preconceitos, aversão ao diferente e estereótipos sociais por questões de gênero. De início, o autor apresenta Elmer, o pato mais feliz de toda floresta, e segue descrevendo a personalidade da sua personagem principal. Ele diferencia-se dos demais patos em muitos aspectos, como exemplo, gostar de ajudar nos afazeres domésticos, brincar com garotas, cozinhar, entre outras atividades tidas como femininas.

Notoriamente no processo de socialização dxs sujeitxs, desde a infância percebe-se como as identidades de gênero se fazem bem distinguidas para sua possível perpetuação. “Meninos fazem isso, meninas aquilo ou ainda, meninos vestem isso, meninas vestem aquilo”, constitui-se um processo que segue à risca a heteronormatividade. Para Meyer (2009), nesse processo de aprendizagem do gênero, os meninos, por exemplo, são “vigados e instigados para a construção de um determinado tipo de masculinidade” (MEYER, 2009, p. 219). Constata-se que todo o processo de humanização do ser humano está amalgamado em discursos assepsiados em relação ao gênero.

Ao enxergar criticamente a narrativa é evidente que a personagem Elmer carrega boa parte dos estereótipos enfrentados por meninos e homens que fogem dos padrões heteronormativos. Por meio da leitura, observa-se que os momentos ficcionais vivenciados pela personagem mostram fortes relações com a realidade, pois tanto no contexto real, quanto no ficcional, os estereótipos são legitimados nas relações de poder existentes entre os gêneros; feminilidade para as meninas e masculinidade para os meninos, são ideologias ensinadas e reforçadas desde a infância. Com base em Junqueira (2009),

e ideia de naturalização de determinados comportamentos em torno das masculinidades e das feminilidades está amplamente incorporada em nossa sociedade [...]; Tais comportamentos, percebidos de forma essencializada (meninos são mais agitados, agressivos, meninas são mais meigas, passivas; meninos devem gostar de determinadas coisas, meninas de outras), estão pautados por relações de poder entre sexos desde a infância (JUNQUEIRA, 2009, p. 147 apud FELIPE e GUIZZO, 2002).

Sendo a naturalização essencializada, as características de Elmer, descritas pelo narrador, o aproxima mais das características que socialmente são atribuídas às meninas, assim, os estereótipos tomam espaço na narrativa.

Logo nas primeiras tentativas do pai de Elmer de socializá-lo com os demais, através de um jogo de baseball, se fazem evidentes diferenças que o patinho apresenta em comparação aos outros, pois o mesmo não conseguia nem ao menos rebater ou agarrar a bola, o que fez com que todos o apelidassem de “fresquinho”, “maricas”. Neste dia, pela primeira vez, o pai de Elmer sentiu muita vergonha de seu filho. “Sissy! They all called him SISSY! Now I am laughinstock of the whole flock”¹⁷ (FIERSTEIN, 2005, p. 12). Nesse episódio, o autor desnuda a raiz da relação de repressão entre as personagens.

Outro ponto que chama atenção na citação são os apelidos que fazem parte de um contexto de estereotípias comum voltada aos sujeitos que vivenciam experiências de gênero tidas como afeminadas. Desde a infância,

os meninos utilizam, de forma muito frequente, termos como ‘bichinha’, ‘gays’ e ‘baitolas’ para se referir aos transgressores das brincadeiras e dos comportamentos como sendo masculinas nessa

¹⁷ Tradução nossa: Afeminado! Todos estão chamando-o de AFEMINADO! Agora eu sou o motivo de gozação para todos do bando.

idade e contexto e, seguidamente excluem esses meninos de suas próprias brincadeiras (MEYER, 2009, p. 214).

Depreende-se que até mesmo o ato de brincar traz uma investidura no processo de aprendizagem de gênero, pois socialmente algumas brincadeiras e brinquedos são automaticamente atribuídos a determinado gênero. Pelas palavras do papai pato: “You’ll never get along in the world if you don’t learn to play with others”¹⁸ (FIERSTEIN, 2005, p. 9), o jogo seria um esporte indispensável para sociabilização com o seu grupo, uma vez que, possuía características normativas a masculinidade. Percebe-se, porém, que Elmer brincava mais com meninas ou sozinho.

Além da tentativa de masculinizar o filho, tirando-o dos contextos supostamente referente à feminilidade e tentando mostrar-lhe atividades tidas como masculinas, a personagem, pai de Elmer, remete a análise a outro aspecto bastante presente na figura paterna; um filho que se comporte de modo a desviar-se dos padrões de masculinidade traz para o pai o sentimento de vergonha, como se de alguma forma as atitudes do filho ferissem bravamente sua virilidade, situação que levaria todos em volta a pensar o mesmo. Pode-se dizer que o pai da personagem adota uma forma de masculinidade, representando, assim, a masculinidade geral, para Connell (1995), entendida como a masculinidade hegemônica que barra os prazeres e as emoções dxs sujeitxs, ressaltando sempre o coletivo ao invés do individual.

O pensamento da mamãe pata revela como as concepções do seu companheiro estavam baseadas nas projeções que a mídia lança sobre os atributos de masculinidade. Quando ela sugere, “If you’d stop thinking like a sneaker commercial, you’d see that Elmer is just as strong as any other duckling” (FIERSTEIN, 2005, p. 18),¹⁹ tanto ela percebe que a mídia não representa seu filho, quanto questiona a hiper valorização da força, que é sempre colocada como um atributo indispensável para masculinidade.

Seguindo a lógica de que no gênero não há respostas definidas pelo determinismo biológico, o mesmo deve ser considerado como fluido, pois esta categoria não pode ser limitada em um binarismo que tenta normatizar os corpos.

¹⁸ Tradução nossa: Você nunca se dará bem no mundo se não aprender a brincar com os outros.

¹⁹ Tradução nossa: Se você parasse de pensar como um comercial de tênis, você veria que Elmer é tão forte quanto qualquer outro patinho.

Assim, conceber esta fluidez é poder legitimar inúmeras possibilidades de performatividade de gênero, que estará sempre se relacionando com o corpo, como afirmam Bento (2014) e Butler (2015, p. 240) sobre o gênero performático, ou seja, aquilo que o corpo representa enquanto linguagem do mesmo. “Consideremos o gênero, por exemplo, como um estilo corporal, um ‘ato’, por assim dizer, que tanto é intencional como performativo onde ‘performativo’ sugere uma construção dramática e contingente do sentido”.

Sabendo que a performatividade se dá pela identidade de gênero, por meio da inteligibilidade do sujeito, ser sissy, leia-se, ser afeminado, é uma ruptura com a heteronormatividade. Nesse caso, Elmer não se assemelha aos outros patinhos e resiste às tentativas corretivas que ao seu corpo são impostas, assumindo o seu caráter performativo.

É imprescindível notar que em todas as instâncias sociais há uma extrema organização, treinamento e arranjos para uma microfísica do poder, da qual os corpos possivelmente não escapam, pois estas estratégias estão tão bem articuladas que suas atuações se tornam sutis, passando despercebidas aos/às sujeitxs, o que faz com que eles não percebam seu processo de docilidade. Foucault (2014) remete a um diálogo sobre os corpos subalternos pela microfísica do poder instaurada em todas as instâncias sociais e, além disso, mostra como esses corpos são constantemente entregues ao adestramento e obrigação de cumprir com os padrões impostos e requeridos. Trazendo isso para a leitura da personagem Elmer, nota-se que ele está a todo tempo sendo compelido, por aqueles a sua volta, ao processo de adestramento e masculinização do seu corpo.

No decorrer da história é possível perceber como Elmer lida tanto com esse processo de docilidade, quanto com a sua própria identidade através das resistências. A personagem não se enxerga bizarra ou diferente, pois a sua performance é natural à sua inteligibilidade. Ele só entende que é “diferente” quando o seu pai declara isso e quando sofre agressões. Consequentemente, na trama, as relações se deterioram por meio do olhar do outro. Assim, esse olhar e o juízo de valor pesam, e desencadeiam as emoções negativas que a personagem sente. A fim de que o leitor tenha noção da gravidade desta situação de subalternidade, a voz do narrador o questiona: “Poor Elmer heard his father’s words, and his heart crumbled to pieces. What do you do when your own papa calls you

names?”²⁰ (FIERSTEIN, 2005, p. 18). O narrador, deste modo, mostra e desnuda as fortes angustias que o patinho sentiu.

Neste processo, a vigilância, que se dá pela microfísica do poder, é guia da norma, os corpos e os seus feitos estão sempre sendo observados e corrigidos. A família, a escola e a sociedade vigiam a todo tempo o corpo da personagem. No entanto, a resistência dele, a real vivência do seu Eu, apazigua este adestramento. Ainda que sejam lançadas ao corpo e expressividade da personagem heteronormas e, conseqüentemente, tentativas de correção, sua resistência não sucumbe a estas interdições. Assim considerado, o exercício do poder supõe

um elemento importante: a liberdade. O poder só se exerce sobre "sujeitos livres", enquanto "livres" - entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer (FOUCAULT, 1999. p. 244).

O poder não barra o seu Eu que resiste, mesmo que exercido em vários contextos sobre a existência da personagem Elmer. Ele subverte parte das pressões e do poder hegemônico, pois continua vivendo a sua liberdade, continua a sua história sendo *Sissy*.

A personagem afirma sua identidade. Ao tomar para si um termo que seria pejorativo, ele ressignifica e atribui um novo sentido ao que a priori o subalternizava. “Elmer took a deep breath and spoke his mind. “I want to make one thing perfectly clear: I am the same duck I have always been. I have not changed. I am a BIG Sissy and PROUD of it”²¹ (FIERSTEIN, 2005, p. 40). O autor ao destacar “*sissy*” e “*proud*” mostra uma força em assumir a injúria e politiza-la, tal qual aconteceu com a palavra *Queer*, pois ela antes usada para insultar ou ridicularizar pessoas LGBTQI, passou por uma reviravolta epistemológica.

O queer se torna, assim, uma identidade epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas se estende para o conhecimento e as identidades de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-

²⁰ Tradução nossa: Pobre Elmer ouviu as palavras de seu pai, e seu coração desmoronou. O que você faz quando seu próprio papai te insulta?

²¹ Tradução nossa: Elmer respirou fundo e falou o que sentiu. "Eu quero deixar algo perfeitamente claro: eu sou o mesmo pato que sempre fui. Não mudei. Eu sou MUITO AFEMINADO e me ORGULHO disso.

comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa. (LOURO, 2008, p. 40 apud SILVA, 2000, p. 107).

Tanto a teoria, quanto a arte mostram sujeitxs que desestabilizam e sabotam o sistema de estigma ao considerar estratégias de análise de contestação, positivando suas identidades.

2.5 Duas Mamães: olhares sobre a lesboparentalidade

Pelo prisma da heteronormatividade, a heterossexualidade é tida como sã, correta, aceitável. Nesse sentido, a lesbianidade é resistência, resposta a heteronorma, vivência da sexualidade para além da heterossexualidade, pois rompe com a mesma.

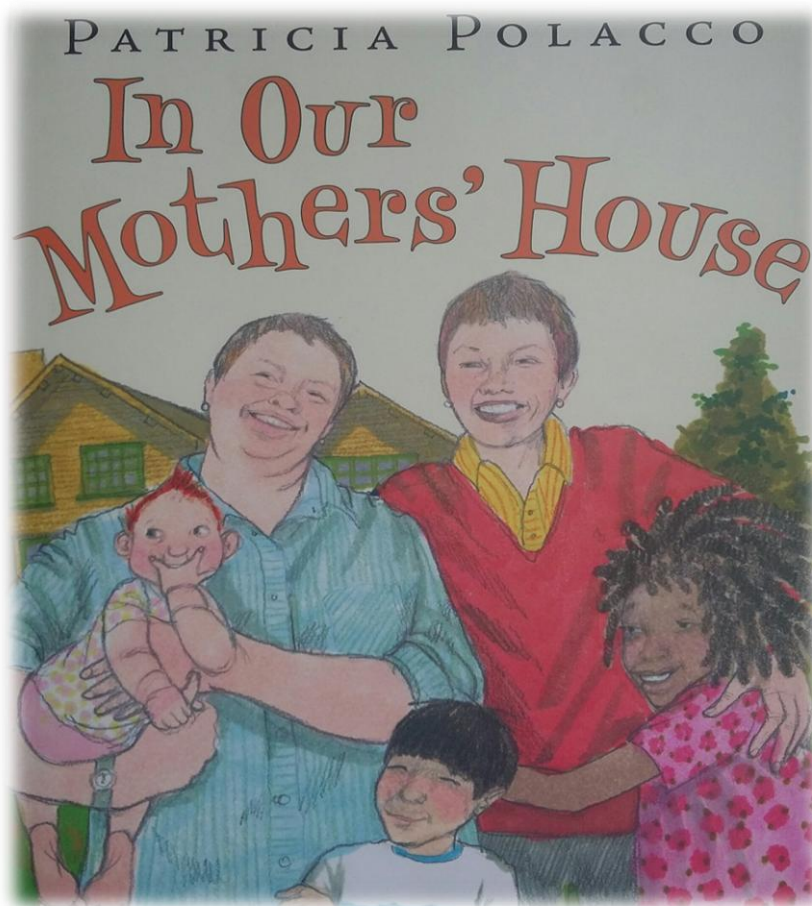
O entendimento conceitual do que vai ao oposto da normatividade reprodutiva, neste caso a homossexualidade, depende do local e da época, pois, como menciona Fry (1985), ela tem um sentido na Grécia Antiga, outro na Europa do fim do século XIX, outro sentido ainda entre os índios Guaiiqui do Paraguai, isto é, a ideia sobre a homossexualidade é construída através da cultura e do tempo, dentro das sociedades.

Como elucida Weeks (2010, p. 65) “somente a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada”. O modelo homossexual que emergiu no século XIX, segundo o autor, tentou explicar mulheres e homens homossexuais nos mesmos termos, considerando que ambos tivessem causas e características semelhantes.

Com o crescimento dos espaços urbanos a partir do século XVIII e assim a crescente complexidade e diferenciação social, a partir do último século, forneceu-se uma oportunidade crítica para a evolução das identidades homossexuais deste século. [...] Na medida em que a sociedade civil nos países ocidentais se torna mais complexas, mais diferenciadas, mais autoconfiantes, as comunidades lésbicas e gays tem se tornado uma parte importante dessa sociedade. [...] A existência de identidades lésbicas e gays positivas simboliza a pluralização cada vez mais crescente da vida social e a expansão da escolha individual que esta oferece (WEEKS, 2010, p. 69).

A modernidade contribuiu para que as identidades estivessem mais aparentes nos espaços urbanos, assim como, a vida noturna, a liberdade e a socialização entre gays e lésbicas. Desse modo, eram cada vez mais comum homossexuais, homens e mulheres, saírem da exclusão e isolamento e andarem rumo a uma notoriedade e respeito nos meios sociais junto às conjunturas políticas adquiridas por meio de luta por igualdade de direitos. Tais avanços proporcionaram mudanças significativas na sociedade, inclusive na arte, pois, de certa forma, a narrativa aqui analisada pode ser vista como um reflexo da notoriedade e das posições conquistadas pelo movimento LGBTQI.

Imagem 2 – Capa do livro *In our mothers' house*



Fonte: Arquivo particular da autora.

In our mothers' house é um livro de Patricia Polacco (2009) no qual o leitor se depara com uma narrativa sobre uma família lesboparental, que por consequência, evidência a lesbianidade. De início, tem-se a voz da criança a narrar as dificuldades

enfrentadas pelas duas mães, Marmee e Meema, para que ela viesse a viver em seu novo lar na Califórnia. Anos depois, mais duas crianças viriam integrar sua família, sendo essas, Will e Millie. O modelo familiar proposto na narrativa destoa do modelo de família nuclear e desnuda a realidade de muitas famílias contemporâneas, pois,

[...] vem sendo cada vez maior o número de pessoas que desafia a normatividade e busca a constituição de parcerias afetivo-sexuais com outras de seu próprio sexo, muitas vezes associando a experiência de conjugalidade e da parentalidade, seja com filhos biológicos ou adotivos (MELLO, 2005, p. 48).

O caráter subversivo da família na narrativa é uma expressão artística que mostra outras formas de ser e ter uma família retirando do centro a concepção de família imposta pelo patriarcado, baseado no poder do *Pater*, agregando novos modelos à historicidade do que se entende por família ao longo do tempo.

Na narrativa também se percebe de forma explícita a questão da orientação sexual das duas personagens, Marmee e Meema, já que Polacco (2009) contextualiza a problemática da aceitação e do preconceito no que diz respeito à união lesboafetiva e a lesboparentalidade. Aqui a relação afetivo-sexual entre mulheres e a configuração familiar advinda apresentam caráter desafiador aos padrões heteronormativos, subvertendo-os de forma explícita, pois ao contrário da primeira obra, nesta está em evidência não apenas o gênero, como também a sexualidade.

A autora apresenta como é a vida familiar nesta estrutura, desmistificando o pensamento que acentua cargas preconceituosas por grande parte da sociedade. Na narrativa, apresenta-se uma realidade bastante feliz, como em qualquer outra família tradicional bem estruturada.

Polacco (2009) discordando dos pensamentos dos que afirmam que a adoção por homossexuais ou lésbicas trazem sérios prejuízos para os adotados, teve o cuidado de abordar em sua obra a maneira como os filhos adotivos de Meema e Marmee sentiam-se ao viver em uma família lesboparental. "There wasn't a Day in my life that I didn't feel deeply loved and wanted by Meema and Marmee. Our

mothers were willing to do anything for us. We knew that”²² (PALOCCA, 2009, p. 36). Farias (2012) afirma, a partir de sua pesquisa, que “os filhos de pais ou mães homossexuais não apresentam comprometimento e problemas em seu desenvolvimento psicossocial quando comparados com filhos de pais e mães heterossexuais” (FARIAS, 2012, p.76). Nesse sentido, muitas injúrias lançadas com relação ao convívio em um lar homo/lesboafetivo podem não passar de falácias, que tentam inferiorizar e desqualificar este modelo familiar.

Outra proposta de reflexão que se pode conceber seria a de como a narrativa mostra e desmistifica mais um preconceito relacionado à temática, o de que a orientação sexual das mães influencia a vida das três crianças. “We celebrated holidays together there. Sang at birthday parties there. Cried together when we lost our grandparents. When the three of us had our babies, all of them took their first steps in front of that clincker brick fireplace in their living room”²³ (POLACCO, 2009, p. 42). Como se observa, na família de Meema e Marmee, nenhum de seus três filhxs tornaram-se homossexuais ou lésbicas, pois a citação mencionada mostra a fala dxs netxs das personagens, o que significa dizer que a orientação dos pais não é um fator predominantemente influenciável na vida dxs filhxs. Quanto a este aspecto, “[...] os estudiosos apontam que a orientação sexual da criança independe da orientação sexual dos pais, o importante para seu desenvolvimento global saudável são os valores que lhe são passados sobre ambos os sexos” (FARIAS 2012, p. 69). Pode-se dizer que muitos mitos perpassam a família lesboparental, no entanto, esses mitos não são respaldados, o que pode revelá-los como tabus.

Ao fim da obra, as personagens Meema e Marmee acrescentam um desfecho ainda mais surpreendente. Elas simbolicamente são a desmistificação do imaginário popular em se tratando da felicidade de um casal de lésbicas. Para muitos, os homossexuais e as lésbicas são infelizes e a própria literatura já foi fonte propagadora dessa ideia, mas tanto a obra quanto xs specialistxs, nos estudos de gênero, sexualidade e família, mostram o contrário.

²² Tradução nossa: Não existiu nenhum dia em minha vida que eu não me senti profundamente amada e querida por Meema e Marmee. Nossas mães estavam dispostas a fazer qualquer coisa para nós. E nos sabíamos disso.

²³ Tradução nossa: Nós comemorávamos as férias juntos lá. Celebrávamos as festas de aniversário. Choramos juntos quando perdemos nossos avós. Quando nós três tivemos nossos bebês, todos eles deram seus primeiros passos na frente da lareira de tijolos da sala de estar.

We watched our mothers grow old together in that house. They passed away within a year of each other. Will, Millie and I placed them together in a green hillside overlooking the bay very near the place where they pledged their love to each other so many years ago (POLACCO, 2009, p.44)²⁴.

O compromisso das personagens foi duradouro e sincero. Logo, a narrativa exemplifica que a felicidade e a longevidade dos relacionamentos afetivos independem da heteronormatividade ou modelo familiar. Como aborda Furlani (2009),

é preciso refletir que a felicidade conjugal não está relacionada com a orientação sexual. Da mesma forma que o casamento heterossexual não é qualquer indício ou segurança de felicidade eterna. Penso que a felicidade, está relacionada com a “sorte” no encontro e nas escolhas que fazemos ao longo da vida, está relacionada com a afinidade afetiva e sexual, com a identidade entre casais, com o nível de respeito e diálogo; está relacionada com o amor e com o “investimento” nas relações (FURLANI, 2009, p. 159).

Os encontros, as escolhas acertadas, a reciprocidade e o afeto independem de orientação sexual, é, portanto, uma conexão entre xs sujeitxs. Disso depende a felicidade conjugal. Em todas as circunstâncias, a sexualidade é natural, pessoal, íntima, e cada ser humano deve ter o direito de vivê-la com segurança e responsabilidade, a fim de que se estabeleça o pleno desenvolvimento do indivíduo,

para isso, é preciso romper com os mecanismos opressores que legitimam os mitos e tabus sexuais. É preciso, independentemente de qualquer vivência sexual, dizer “não” a toda e qualquer forma de preconceito, segregação ou exclusão social (FURLANI, 2009, p. 181).

A narrativa sugere que todas as manifestações sexuais, as identidades de gênero e orientações sexuais devem ser respeitadas; dado que cada sujeito as vivem de diferentes formas, sendo o corpo o locus, e a materialização de possibilidades inesgotáveis.

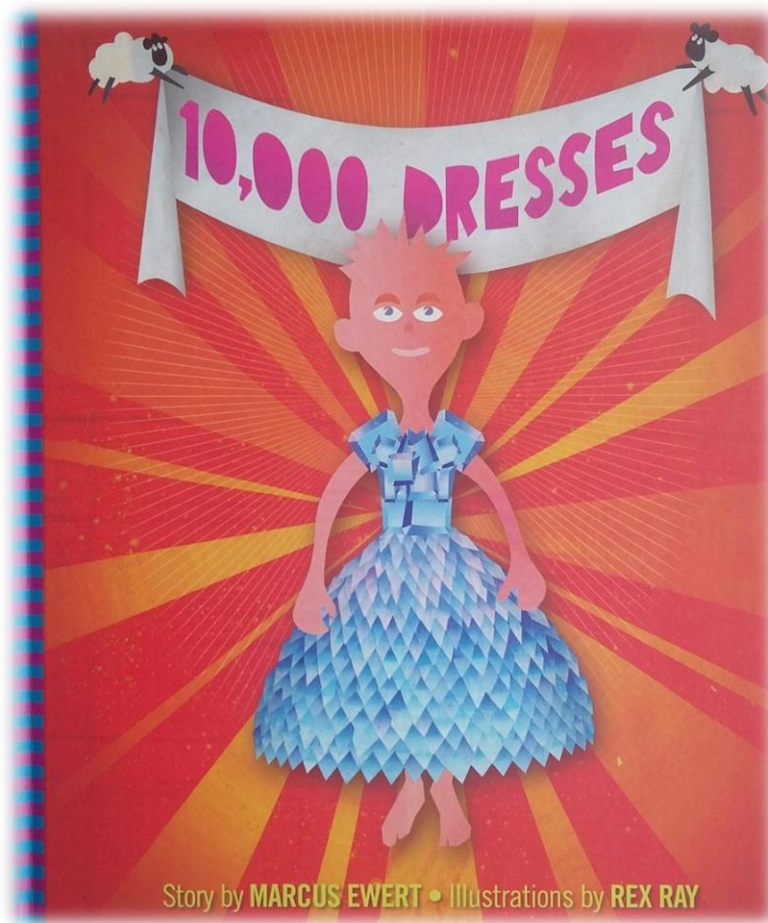
2.6 O corpo e as vestes de Bailey

²⁴ Nós vimos nossas mães envelhecerem juntos naquela casa. Elas faleceram um ano após o outro. Will, Millie e eu as sepultamos juntas em uma colina verde, com vista para a baía muito perto do lugar onde elas comprometeram amar uma a outra, há tantos anos atrás.

Pensar o corpo, considerar sua historicidade é perceber e poder problematizar o significado que determinada cultura atribui a alguns corpos. Em uma simples análise sobre a historicidade do corpo, baseado nos estudos de Louro (2005) e Moulin (2011), nota-se que no século XVIII, por exemplo, a ciência se apropriou do corpo humano a fim de buscar entender os seus detalhes, ou seja, as suas características biológicas e sua aparência: o tamanho do cérebro, a feição do rosto, o tamanho das mãos, do crânio, dentre outros aspectos. Já no século XIX, a ciência visou torná-lo ativo e produtivo, passando a ser alvo de diferentes métodos disciplinares, como é o caso da higiene e da atividade física. Por volta do início do século XX, o corpo foi subordinado às experimentações humanas cujas experiências se davam em nome da objetividade. Há nestes períodos, e principalmente no século XXI, toda uma tentativa de assepsia do corpo físico e social.

Atualmente, o corpo carrega em si as diversas mudanças técnico-científicas, culturais e sociais. Hoje se prioriza o corpo jovem, belo, saudável, em boa forma e viril, que a cada dia é potencializado e estimulado pela ciência por meio do intenso discurso sobre o cuidado de si. E ainda exige-se que esse corpo esteja em conformidade com o sexo a ele atribuído biologicamente. Com base nas concepções sobre corpo, é possível pensar sobre o corpo de Bailey.

Imagem 3 – Capa do livro *10,000 Dresses*



Fonte: Arquivo particular da autora.

Bailey, personagem biologicamente masculino, sonhava com vestidos todas as noites. Vestidos de todos os modelos e cores que ela vestia em seus sonhos. Os sonhos da personagem dão título a sua história, *10,000 Dresses*.

Em *10,000 Dresses*, Ewert (2008) traz para sua narrativa um corpo mutável pelas vestes, ou propriamente, pelos dispositivos de gênero como defende Preciado (2014). Ao mostrar um corpo biologicamente masculino, o narrador propõe um desmonte deste Eu masculino ao longo da narrativa, pois a personagem Bailey sonha com vestidos, usa-os e sente-se menina. Quando ela afirma para sua mãe: “But I don’t feel like a boy²⁵” (EWERT, 2008, p.14), a personagem esclarece muito sobre as disparidades de estar em um corpo, socialmente ainda visto como exclusivamente, masculino e sentir-se alheia a esta realidade. De acordo com Louro (2010, p. 13), “pode ocorrer que os desejos e as necessidades que alguém experimenta estejam em discordância com a aparência de seu corpo”. O corpo da

²⁵ Tradução nossa: Mas eu não me sinto um garoto.

personagem e os seus desejos estão dentro dessa consideração e de percepções que contemplam o seu processo de transexualidade.

Retendo o olhar primeiramente para o campo da linguagem, nota-se que, quando se defende a ideia de que os processos de significações são linguísticos, os mesmos tornam-se ambíguos e provisórios. Assim,

pode-se dizer que ao mesmo tempo que significam e inscrevem determinadas marcas nos corpos em diferentes espaços e tempos eles são incapazes de fixar nos corpos de uma vez para sempre, um conjunto verdadeiro, definido e homogêneo de marcas e sentidos [...] (MEYER, 2008, p. 219).

O corpo modifica-se, e no caso de Bailey desarranja a fixidez do modelo de masculinidade hegemônica. Observando o corpo, mesmo com as instâncias de poder que tentam produzi-lo, testifica-se que os processos hegemônicos são instáveis e não dão conta da multiplicidade de existências que ele pode assumir, colocando à parte as supostas coerências e continuidades de articulações que se tenta admitir ao corpo da personagem.

Cuidadosamente, o autor sempre utiliza o pronome “she”, da língua inglesa, para se referir à personagem, sugerindo que a mesma possa ser uma criança transgênero. Nessa perspectiva, temos um borrar das fronteiras de gênero e heteronormatividade por parte dessa personagem, por meio da voz daquele que narra.

Bailey guia o entendimento da sua inteligibilidade na percepção do que para Louro (2005) significa a produção do corpo, pois esse é produzido pela cultura, conseqüentemente, pela história e pela sociedade. Nesse sentido, há necessidades de se desnaturalizar o olhar a ele lançado, o que permite enxergá-lo como uma construção, dando ao corpo uma identidade provisória e mutável. “O corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido” (LOURO, 2005, p. 29). Entende-se, pois que o corpo não é apenas a matéria, mas o seu entorno; são as roupas que o cobre, a performance, a educação que o disciplina e ainda é linguagem, posto que comunica e se expressa. Nesta perspectiva, a personagem não está enclausurada no seu órgão sexual, mas é corpo a partir de todo o seu entorno.

Não cabe negar a materialidade do corpo, mas o entendimento que não é apenas a materialidade que confere a ele a centralidade na total definição e a

complexidade do que seja o corpo. Consequentemente, é evidenciado que o biológico também define os lugares atribuídos aos mais variados corpos nos espaços sociais. Bailey está, a princípio, ocupando apenas o espaço familiar, e nesse espaço há uma constante vigilância para que ela esteja dentro dos “limites pensáveis” no campo do gênero circunscrito nos contornos de uma sequência “normal”.

É imprescindível também trazer para este diálogo as representações maniqueístas, no sentido de propor as suas desnaturalizações. Visto que,

percorrer histórias, procurar mediações entre passado e presente, identificar vestígios e rupturas, alargar os olhares, desconstruir representações, desnaturalizar o corpo de forma a evidenciar os diferentes discursos que foram e são cultivados, em diferentes espaços e tempos, é imperativo para que se compreendamos o que hoje é designado como sendo um corpo desejável e aceitável (LOURO, 2005, p. 33).

Assim sendo, as fronteiras de interdição são frequentemente rompidas, pois para a autora, a produção do corpo passa pelo coletivo e individual. Embora o corpo de Bailey afrente o corpo coletivo masculino, no sentido de que ele não estaria dentro de uma estética previsível, nota-se uma expressividade individual não objetificada. O que permite pensar sobre como a cultura afeta e invade os indivíduos, ao mesmo tempo em que eles não são sujeitos estritamente passivos, refletindo sobre o que chega aos mesmos. De acordo com Louro (2005, p. 39), “[...] o corpo é o local primeiro de identidade, o *locus* a partir do qual cada um diz do seu íntimo, da sua personalidade, das suas virtudes e defeitos”. O corpo e a performatividade de Bailey desnuda a sua identidade, pois ser biologicamente menino e não sentir-se como um menino, mudar a estética para se adequar aquilo que está no seu íntimo, revela a personalidade da personagem.

Segundo Preciado (2014), xs sujeitxs são generificadxs por usar próteses. Esta assertiva consiste no fato de que a prótese do gênero, ou seja, as roupas, os exercícios, acessórios que supostamente masculiniza ou feminiliza um/a sujeitx, é o que lhe traz a corporeidade. “A prótese não é essência. É transito. É efeitos múltiplos e não origem única. Não existe mais do que em um contexto concreto: o do enxerto” (PRECIADO, 2014, p. 207). Neste sentido, Bailey tem como próteses de gênero os vestidos que usa. É por meio dos vestidos que a personagem afirma a

sua identidade, se constrói como sujeito, se afirma na narrativa como alguém que se autoidentifica como feminina diante dos enclausuramentos masculinos.

Berenice Bento (2014, p. 106) argumentando sobre as próteses afirma que “analisar os corpos enquanto próteses significa desfazer-se da relação dicotômica corpo-natureza para apontar o corpo como resultado de tecnologias e o gênero como resultado de tecnologias sofisticadas que produzem corpos sexuais.” De tal modo, o gênero e o corpo vão se desnaturalizando ou se reinterando dentro de uma estilização dos gêneros, como é o caso de Bailey que estiliza o seu gênero a princípio em seus sonhos.

3 LITERALMENTE HÁ VIOLÊNCIA NAS ENTRELINHAS

Como podem os corpos serem reconhecidos quando eles não se encaixam na norma social do que os corpos deveriam ser? Que atos de agência são necessários para enfrentara às forças de exclusão e desrealização e também de violência? (Judith Butler)

Falar de violência é poder perceber a historicidade deste termo, mas, além disto, é considerar as múltiplas práticas de violências na sociedade atual, que perpassam desde os atos violentos contra outrem, às práticas de segurança, vigilância, punições, controles sociais, e sem dúvidas, as impunidades. Os dispositivos de violência têm se multiplicado e modernizado de tal forma que muitas vezes os sujeitos são violentados sem ao menos perceberem.

O termo violência, na contemporaneidade, tornou-se plural. Ao falar sobre a temática, seus desdobramentos e nuances, Meyer (2009, p. 214), permite o entendimento que

ao admitirmos essa complexidade estamos assumindo que aquilo que se entende, se nomeia, se prática e se sofre como violência muda ao longo do tempo e também no mesmo tempo, nas diferentes sociedades e nos grupos sociais.

Na pesquisa de Bonamigo (2007), por exemplo, a violência é usada para referir a diferentes situações, sendo diversas nas multiplicidades que a compõe, geralmente essencializada em abundância ou força de ação que rompe os limites do aceitável e/ou tolerável e causa danos diversos. A percepção do ato violento na contemporaneidade vai além do dano físico, trazendo para este campo de discurso, por exemplo, as discriminações por cor, sexo, religião, orientação sexual, etnia, dentre outros.

Em *Sobre a violência e ser humano*, Barazal (2014) afirma que a violência está ligada ao ser humano de forma física ou cultural se fazendo presente tanto como ritual simbólico, quanto racionalizada no seio social, assim, retrata-se por graus de abstração e variedade de significações dentro das representações humanas. A violência simbólica, por sua vez, é uma violência mascarada, em que o sujeito violentado pode não perceber tais atos ou até mesmo de forma sutil chega a compactuar com ela.

Corroborando com o pensamento de Bonamigo (2007), Barazal (2014) traz em seu estudo que a violência pautada no senso comum, no qual percebe a violência apenas como agressão física que causa dano e dor, não é suficiente para todas as nuances das violências, pois ela se diversificou em virtude da mecanização e industrialização moderna. Em decorrência disso, a atuação da violência aprofundou-se para o campo psicológico, da crueldade organizada, do conformismo isento de culpa, afetando as representações coletivas que atingem não apenas o corpo, mas também a moral, devido às intimidações, desrespeitos, perseguições, manifestando-se de maneira heterogênea. Desse modo, a violência avança do campo visível, do corpo, para o invisível, da alma.

A violência tem sido dissimulada de tal modo que “como fato social, a violência é negligenciada porque apesar de existir a consciência de sua existência, ela se transforma em algo suportável porque faz parte da lógica do sistema que a sociedade produz” (BARAZAL, 2014, p. 82). Neste sentido, a mesma é entendida como algo social e estrutural, permeando a humanidade desde os primórdios, e que, aos poucos, tem se modernizado e se refinado a ponto de passar despercebida, como se violência, de fato, ela não fosse.

Sabendo das multiplicidades de violências que vêm sendo apresentada por diversos mecanismos, aqui tratar-se-á exclusivamente sobre a violência de gênero, direcionada àqueles que descumprem os padrões, tendo em vista as normas pré-estabelecidas, raiz de todo um remonte social, cultural e discursivo.

Para compreender esta configuração de violência é inescusável o entendimento que nas relações sociais, as relações de gênero e desigualdades podem ser percebidas de maneira histórica. Nos trabalhos de Bourdieu (1995), Chauí (1984), por exemplo, é possível notar como as desigualdades de gênero são atribuídas aos papéis sexuais, pois “[...] é no contexto de relações de poder de gênero e sexualidade naturalizadas, sancionadas e legitimadas em diferentes instâncias do social e da cultura que determinadas formas de violências tornam-se possíveis” (MEYER, 2009, p. 218). A percepção do gênero masculino como viril e do feminino como frágil demonstra as marcas tanto de dominação, quanto de fixidez que define os modos de ser homem e mulher, buscando padrões que, por conseguinte, produzem violências por admitir esta configuração de subalternidade. Em grau de violência ainda mais acentuado está tudo o que escapa as normas ditadas, por serem vistas como caráter transgressor.

Para Ferreira et al (2012, p. 172), “ao falarem violência, remete-se a um leque heterogêneo de significados e manifestações que são percebidas de maneiras distintas em cada situação específica e cada lugar de onde se observa o fenômeno”. No que diz respeito às violências, se faz necessário compreender o modo em que elas afetam os sujeitos e os seus direitos, uma vez que, as mesmas podem apresentar caráter extremamente velado, não atingindo, necessariamente, o físico, mas penetrando a moral, a alma. Muito embora, a violência física esteja diretamente direcionada as pessoas que rompem com a tríade sexo-gênero-sexualidade.

Nesse sentido, gênero será discutido como uma categoria ampla, voltando este recorte para personagens que ultrapassam as concepções do que se entende por masculino e feminino, que desencadeiam os estereótipos de gênero. Além de se direcionar o olhar para o campo da sexualidade. Desse modo, busca-se, neste capítulo, perceber as violências que surgem nas narrativas, e como Meyer (2009, p. 217), pretende-se “problematizar algumas das formas pelas quais determinados tipos de violência se inscreve e se naturalizam no âmbito das relações de poder de gênero”, explicitados nas literaturas analisadas.

3.1 Ser Sissy: as rupturas com a masculinidade

Na obra *The Sissy Duckling*, Harvey Fierstein ao descrever tanto as características, quanto o que Elmer gostava de fazer, o autor mostra que o patinho era realmente diferente. “*Unfortunately, there wasn't a single other little boy duckling Who liked to do ANY of the stuff that Elmer did. Not one*” (FIERSTEIN, 2005, p. 06).²⁶

Elmer é uma personagem que contraria a norma, a masculinidade hegemônica, por ser afeminado. Comumente arraigado em nossa sociedade, uma imagem delicada assim como a que o animal apresenta é vista cotidianamente como um “desvio” comportamental, que por sua vez é adjetivado corriqueiramente como “alegrinhos”, “fresquinhos”, “veadinhos”, “bichinha”, “mulherzinhas”, etc.

Esta percepção abre espaço para uma reflexão feita por Connell (1995, p. 188) sobre as *Políticas das masculinidades*, em que “a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” que envolvem relações de poder em práticas de reprodução para

²⁶ Tradução nossa: Infelizmente, não existia nenhum outro patinho que gostava de fazer as coisas que Elmer fazia. Nem um.

representação de uma supremacia de masculinidade hegemônica. No entanto, diferentes masculinidades se fazem existentes, possibilitando que aquilo que se entende como o modelo de masculinidade passe a ser algo complexo e contraditório. No entanto, observa-se por meio da leitura da narrativa que Elmer é colocado à margem do modelo nuclear de masculinidade. E ao contrário disso, como o próprio título já sugere *Sissy* – afeminado, a ele são atribuídos características de feminilidade de forma pejorativa.

Tendo por base Freud, a autora Connell (1995) aborda essa linha tênue ao perceber que no masculino há feminino e vice-versa, de tal forma que se a masculinidade fosse exclusividade dos homens, não poderia se falar em mulher masculina. Já, se a feminilidade fosse exclusiva das mulheres, não sealaria em feminilidade para os homens. Dessa forma, não se conceberia o que a autora chama de dinâmica do gênero, que, ao mesmo passo, a faz constatar gênero como uma estrutura contraditória. Assim, a personagem está longe de ser considerado ou respeitado no meio social. Perpetua-se a naturalização: homem é “cabra macho”, enquanto a mulher deve ser delicada, passiva, no qual se observa que estas relações são pautadas pelos padrões hegemônicos de gênero.

Segundo Felipe e Bello (2009, p. 142), “desde que nascemos instâncias sociais fazem muitos investimentos para que nos tornemos como o ‘modelo’ de masculinidade e feminilidade normatizadas ou, ao menos, nos aproximemos dele”. Trazendo esta citação para a análise, é possível dizer que, embora todos esperassem de Elmer determinado comportamento, o mesmo já havia constituído a sua própria identidade, desencadeando vários conflitos e situações de violências, que como bem se sabe, acontece com aqueles que decidem viver da forma que se sintam mais felizes, se desprendendo dos padrões impostos para serem fiéis às suas vontades, afinidades e prazeres. Contudo, essas vontades são incompreendidas, o que torna o sujeito vulnerável a violência de gênero uma vez que muitos não respeitam ou consideram que o gênero apresenta caráter performativo. De acordo com Ferreira et al. (2012), a transição entre os gêneros é encarado com repressões e discriminações, se tornando objeto de violência. Esta nuance pode ser percebida por meio da personagem Elmer.

E foi assim com a personagem, a partir do momento em que ela foi para a escola, gerando um grande alvoroço. O pato Drake ao declarar: “*no sissies allowed*

*in MY school*²⁷ (FIERSTEIN, 2005, p. 14), marca o território pelo seu discurso, dando ênfase no pronome possessivo “MY”, demonstrando que Elmer não era bem-vindo no espaço escolar, logo, sua presença tornou-se produto do desprezo, obtendo como resposta uma tentativa de agressão. Assim, Elmer foi colocado à margem do respeito na escola e em casa, sofrendo agressões pelo simples fato de ser diferente, de apresentar-se fora da perspectiva estrita de gênero que a ele é imposto.

Esse abandono não reflete apenas às expectativas do núcleo escolar ou familiar; a sociedade em si espera que cada componente social cumpra o contrato de heteronormatividade. Para Furnali (2009),

manifestações das mais diversas formas, a discriminação compreende, desde situações de intolerância e exclusão – nos mais diversos convívios íntimos (na família, no círculo de amigos) e em instituições sociais (no trabalho, na escola, nas religiões, na legislação) – como na violação do direito humano da integridade física pessoal até o extermínio cruel e covarde (FURLANI, 2009, p. 162).

O pato desde muito cedo já teve que enfrentar a intolerância e a exclusão. Tendo ciência que esta experiência se deu nos primeiros anos escolares, a situação parece ainda mais cruel e violadora, pois é no ambiente escolar que xs sujeitxs também aprendem e se constituem como cidadãos. No entanto, todas as violências vivenciadas pela personagem não se restringe a esses ambientes. A Elmer é negado todo o seu entorno social, pois o mesmo tem, em um processo de autoexclusão, todos os seus vínculos sociais quebrados por meio de imposições que o vitimou socialmente.

Ao falar sobre os processos de construção de sujeitxs, orquestradxs pela heteronormatividade, Junqueira (2009), mostra que,

deste resulta que ‘homem que é homem bate em veado’. E embora para a instituição heteronormativa da sequência sexo-gênero-sexualidade concorram diversos espaços sociais e institucionais parece ser na escola e na família onde se verificam seus momentos cruciais Assim, é razoável supor que, na escola, a homofobia produza efeitos sobre todo o alunado (JUNQUEIRA, 2009, p. 19).

²⁷ Tradução nossa: Não é permitido nenhuma bicha na minha escola.

É importante atentar a partir da obra literária e da citação acima, como estas duas instituições são “celeiros” de violências, desmistificando a ideia essencialmente romântica de que na família a formação do sujeito se dá com pleno amor e desenvolvimento. A família que deveria ser lugar de aconchego e proteção, no contexto da narrativa, torna-se espaço de violências, e ao contrário do esperado, não contribui no primeiro momento da história para o pleno desenvolvimento de Elmer. Por ser afeminado, ele coloca em cheque as atribuições de afeto comumente atribuídos a família. Muszkat (2011, p. 17), ao estudar violência e masculinidade, mostra que “em um ambiente familiar onde predomina práticas violentas, todos os membros da família estão sujeitos aos efeitos perniciosos desta dinâmica”. A violência praticada na família revela que além da personagem Elmer, sua mãe também sofre expressivamente frente às violências vividas pelo filho.

Outro ponto perceptível é como a escola, que deve ser um espaço de múltiplas convivências, ainda está presa a dimensões heteronormativas, reproduzindo inclusive as pedagogias da sexualidade compulsória no processo de construção do sujeito e de suas identidades.

Nesses ambientes, podem-se constatar, por exemplos, a ideia do “outro” como sendo os afeminados, gays, lésbicas, dentre outros, aos quais são dirigidas constantes piadas, ofensas, insultos, que acabam por objetivar estes sujeitos. Como nos revela Eribon (2008) ao dizer que, aquele que lança tais injúrias tem não só apenas o intuito de ferir alguém, mas de mostrar dominância, de marcar a consciência e comunicar seu posicionamento por meio de xingamentos a fim de que injúria produza efeitos profundos na mente e na personalidade de uma pessoa.

Este momento também pode guiar a crítica para a percepção que as escolas ainda se constituem como uma instituição excludente por não mostrarem-se abertas ou preparadas para discutir a respeito da sexualidade e até mesmo receber alunxs com performances de gênero não binário, assexuadxs, pansexuais, gays, lésbicas, transexuais, travestis, intersexos e os *queers* compactuando assim, de forma passiva ou ativa com o preconceito e discriminação.

Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimento, ameaça e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBT. Essas pessoas veem-se desde cedo às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituídas de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes, poderosos

mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica (JUNQUEIRA, 2009, p. 17).

Para o autor, a educação é um sistema sexista de dominação na qual se evidencia que na escola pode-se encontrar o olhar para x outrx como aquele que é estranhx, anormal contagiosx, pois a mesma tem o seu padrão de normalidade, o que pode configura-la como lugar de opressão.

Elmer, em sua vivência, é excluído tanto de convívios íntimos e familiares ao ser renegado pelo pai, quanto no contexto escolar, quando um entre seus colegas, o insulta e posteriormente, tenta agredi-lo fisicamente.

A perda de poder, da força, das vantagens, do direito e privilégio de ser homem nos ditames do patriarcado, coloca Elmer a parte do que se tem como padrão, pois a masculinidade é tida como polo de autoridade. Em ternos hierárquicos, com base em Connel (1995), a personagem não se beneficia do patriarcado devido a uma manutenção da ordem de gênero não igualitária. O poder do macho é destituído da personagem, sendo que ele assume trejeitos de feminilidade e por assim dizer passividade, na visão social.

Além de seu pai, os outros patinhos ali também não admitiam tal comportamento. Ao ouvir o pai declarar: “*Elmer is a sissy!*” [...] *He’s no son of mine*” (FIERSTEIN, 2005, p. 18)²⁸, o patinho viu que a única solução para aquele problema era sair do seio familiar, assim como também do seio social no qual estava envolvido. O afastamento do seio social e familiar é uma decisão aparentemente comum para estes sujeitos. Sem o apoio da família, e as vezes até mesmo tendo que lidar com situações de violências, abusos e agressões por serem afeminados, estes sujeitos, marginalizados, podem ver-se obrigados a abandonar seu círculo de convivência.

Na narrativa, com a chegada do inverno, todxs xs patxs da floresta migravam para outros lugares, porém com a idade avançada e a fraqueza, o pai de Elmer não conseguiu acompanhar xs demais, ficando para trás. Assim, Elmer vendo seu pai debilitado trouxe-o para sua casa e cuidou dele. Durante todo o inverno, eles começaram a conhecer mais um ao outro. Divertiram-se e fizeram coisas juntos, o que fez com que seu pai percebesse a identidade de gênero de seu filho não era demérito ou o tornava menos importante na sua vida.

²⁸ Tradução nossa: Elmer é uma bicha! Ele não é meu filho.

Ao final do período de inverno, com o retorno de *todxs xs patxs*, tanto a família de Elmer quanto as outras famílias puderam se reunir novamente, desta vez dando fim a situações de violências. Nesta ocasião, *todxs xs patinhxs* apreciaram o feito de Elmer, e vendo aquele momento, totalmente agraciada, sua mãe sussurrou a ele: *“I always knew you were special [...] And now everyone else knows too. I am so proud of you”* (FIERSTEIN, 2005, p. 37).²⁹ “O quinhão da fantasia”, de acordo com Candido (2010), é a realidade que precisa ser modificada para torná-la mais expressiva dentro do contexto ficcional. Na obra, percebe-se que a priori, o pai mudou a forma de ver o filho pelo que ele fez e não pelo que ele era, no entanto, as experiências fizeram o pai reconsiderar seus pensamentos por ver em seu filho um ato de coragem.

Diante do exposto, faz-se necessário pensar sobre os rearranjos das diferenças de gênero, contestando a dominação, para que haja uma recomposição de seus elementos, tornando suas práticas disponíveis para *todxs*, como nos sugere Connell (1995) através do ideário de des-generificação, criando estratégia para uma re-generificação. Esta perspectiva permite questionar a fixidez do masculino e do feminino, pensando estas categorias visualizando, também, suas intersecções.

Na obra, os estereótipos e as violências expõem o teor de ideias sugeridas pelo autor, bem como, apresentar o pato mais feliz da floresta, a tentativa do pai de viriliza-lo, os estigmas sociais, a exclusão, o convívio com o pai e o retorno a sociedade através do seu heroísmo, mostra como a sequência de violações se deu e como ela foi rompida.

3.2 Mulher violenta mulher: questões sobre feminilidade e parentalidade

No início da obra *In our mothers' house*, é possível perceber que um dos assuntos a ser abordado trata-se da parentalidade vivenciada por casais de lésbicas, a lesboparentalidade. Eis aqui a primeira situação de violência que a narrativa nos permite questionar.

When my mothers told me about how they brought me home to live with them shortly after I was born, their eyes would shine and glisten and They'd grin from ear to ear. [...] Three years after I was born, my

²⁹ Tradução nossa: Eu sempre soube que você era especial [...] E agora todos também sabem. Eu estou muito orgulhosa de você.

brother Will came to us. He was so tiny, just three days old. Then there was Millie (PALOCCA, 2009, p. 6).³⁰

O fragmento da obra acima sugere que a família da narrativa possa ter optado pela adoção. A adoção é uma das formas que os casais homoafetivos encontram para terem filhos. Todavia, é indispensável salientar que diversos estudos mostram que, apesar de não haver ilegalidades que impeçam a adoção por casais homo/lesboafetivo, a prática forense (neste seguimento, termo do direito processual que lida com atos e promoção de ações) mostra dificuldades enfrentadas pela maioria daqueles que tentam oficializar as suas relações e conseguirem a adoção.

As lutas pelo reconhecimento social e jurídico da dimensão familiar das uniões homossexuais estão constitutivamente associadas à afirmação / negação do mito da complementaridade dos sexos e dos gêneros, uma vê que a competência moral e social para desempenhar as funções atribuídas à instituição familiar, especialmente no que diz respeito à parentalidade tem sido restrita ao casal homem-mulher (MELLO, 2005, p. 13).

Embora a obra literária analisada não mostre de forma explícita, é importante salientar que a partir dos estudos de parentalidades divergentes, nota-se que a parentalidade ainda limita-se as normas heterocêntricas. Para o autor citado, os conflitos ocorrem em grande parte devido às visões religiosas, que, de certa forma, constituem o núcleo dos embates no que diz respeito à conjugalidade homossexual, pois a religião incorporou a postura de defensora da família “verdadeira e sagrada”, coagindo outras vertentes ligadas à homoparentalidade, como é o caso da adoção. As famílias homoparentais estão na mira do preconceito, das discriminações e das situações de violência, que começam antes mesmo da adoção, atingindo primeiramente a conjugalidade.

No entanto, gays e lésbicas, sujeitxs que trazem vivências e transgressões, desafiando fundamentos de “normalidade” social por meio de suas interações sociais e envolvimentos sexuais, têm se empoderado e lutado no cenário político a fim de questionar estes valores vigente, cristão e heterocêntrico. *In our mothers' house* pode ser entendida com um exemplo de mulheres lésbicas que entendem as

³⁰ Tradução nossa: Quando minhas mães me contaram como elas me trouxeram para casa para viver com elas, logo depois que nasci, seus olhos brilhavam e reluzia, e elas sorriam de orelha a orelha. [...] Três anos depois que eu nasci, meu irmão Will veio. Ele era tão pequeno, tinha apenas três dias de nascido. Em seguida, veio Millie.

suas condições, se empoderaram, agindo politicamente no contexto social no qual estão inseridas.

De acordo com Mello (2005, p. 19), “os confrontos entre sujeitos sociais que possuem distintas concepções de família emergem, também, como a materialização dos embates ideológicos entre visões de mundo includentes e excludentes”. O autor, ao considerar que o poder e muitas instâncias sociais são liderados por homens, percebe como o heterocentrismo e o androcentrismo influem para que as crenças e os valores sejam socialmente definidos como masculinos e machistas. Nestes sistemas excludentes pode-se perceber a família da obra analisada mesmo sendo consciente e feliz, passa constantemente por situações de exclusão, ofensas e constrangimentos por ser homoparental.

Um olhar de alteridade desvenda situações de violências com relação ao próprio processo de adoção, ou melhor, a negação dele, embora existam constantes questionamentos a respeito das ideias de sistemas de gênero, sexo, concepção de família “natural”, que culmina no reconhecimento jurisprudencial da dimensão familiar, da conjugalidade homossexual e da garantia do direito a parentalidade. No entanto, essa situação de violência não seria a única, tendo em vista as múltiplas violências, veladas ou não, que essas famílias estão expostas no seio social.

Marmee e Meema e seus três filhos adotivos são uma família feliz e unida. Certo dia, na comemoração de *Halloween*, Marmee e toda a sua família foram vestidos com fantasias de animais, de porta em porta cumprir o divertido ritual “*trick or treat*”³¹ desta data. Todavia, eles enfrentaram o preconceito por serem diferentes do modelo nuclear; a senhora Lockner não os tratou bem, causando assim um desconforto sentido principalmente pelas crianças. “*She glared at us when she opened the door. She glared at our mothers, too. Her kids came running and were really excited to see us, but Mrs. Lockner turned her back and shut the door*”. (PALOCCA, 2009, p.16).³² Nota-se que é tirado das crianças o direito de convivência, embora os filhos da senhora Lockner desejassem estabelecer relações de amizade com xs filhxs de Marmee e Meema. Tal episódio revela uma situação de exclusão não velada.

³¹ Ritual tradicional nos países de língua Inglesa: Gostosuras ou travessuras.

³² Tradução nossa: Ela nos encarou ao abrir a porta. Ela também encarou as nossas mães. Seus filhos vieram correndo e estavam realmente animado para nos ver, mas a Sra Lockner virou as costas e fechou a porta.

Observa-se através da visão da narradora, a discriminação ou a indiferença da senhora Lockner como ato gerado a partir de concepções por ela já estabelecidas e vivenciadas. Em outras palavras, a sua visão de mundo e concepção de família a levou a tratar com desprezo a família de Marmee. Para Furlani (2009, p.19), “muitos mitos sexuais são reforçados pela falta de informações científicas básicas, permitindo que o senso comum prevaleça e determine as “verdades” balizadoras das práticas sexuais dos indivíduos”. Lockner pode ter criado possíveis barreiras contra a outra família, baseando-se em suas visões e julgamentos relacionados às práticas sexuais das duas mães da narradora.

Não se pode afirmar que os filhos da senhora Lockner sejam possíveis violentadores ou pessoas preconceituosas, mas a violência em muitos casos é progressiva e se perpetua. Com isto, entendendo que o preconceito também é uma questão de educação e transmissão de valores, Furlani (2009, p.180) afirma que “hoje, mais do que genes, herdamos e transmitimos informações aprendidas através de cultura. Aquilo que leva a pessoa a ser preconceituosa (ou não) pode ser encontrado e determinado no seu processo de educação”. Não cabe aqui, por tanto, naturalizar as situações de preconceitos, mas buscar entender, por meio do pensamento da autora, como até mesmo os laços de convivências podem influenciar na visão dxs sujeitxs.

Desprendido do modelo de família tradicional ou nuclear (composta por casal heterossexual e sua prole), modelo que a senhora Lockner está acostumada a contemplar; na sociedade há outras formas de família, como as monoparentais, pluriparentais, homo/lesboparentais, compostas, dentre outras. Assim, surge à necessidade de entender estas novas formações, além de conhecer como elas se configuram para além de “achismos” e suposições. Entender, de fato, o modo como se estabelecem as relações familiares dentro destas composições, é de suma importância para a convivência em uma sociedade plural, além de uma percepção que limitaria muitas violências.

Se na noção de mito o que prevalece é o desconhecido, a falta de informação ou a análise fantasiosa da realidade, no conceito de tabu passa a prevalecer o componente da discriminação e do preconceito para o conjunto de palavras, atitudes, práticas e valores morais que a sociedade não aceita, conferindo-lhe significados negativos (FURLANI, 2009, p. 87).

Na obra, para a alegria da família, nem todos agiam como a senhora Lockner. Muitos vizinhos participaram da construção das três casinhas nas árvores proposta pela família, e depois de muitos sábados dedicados a este ofício, na noite da inauguração todos as crianças foram convidadas para dormir lá a fim de comemorarem, mas os filhos de Lockner não participaram, pois os seus pais não permitiram. *“They just plain didn’t like us, I guessed. I couldn’t quite understand why. We always tried to be respectful and friendly, the way our mothers taught us to be”* (POLACCO, 2009, p. 21).³³ A situação de violência aqui pode ser percebida com a exclusão, e neste caso especificamente, ocorre quando os filhos de Lockner são afastados dos filhos das mães lésbicas.

A vivência da família da narradora beirava aceitações e resistências.

Para muitos, a possibilidade de aceitação social do casal e da família homossexual ainda é vista com um pavor fóbico, fundado em preconceitos e resistências fantasmáticas a uma suposta homossexualização da sociedade. Para um número crescente de pessoas, todavia, o casamento e a família não podem ser vetados aos homossexuais sem que se incorra em discriminação (MELLO, 2005, p. 44).

A família era querida por todas as outras famílias que fazia parte daquela sociedade, mesmo desprezada por uma família heterossexual. Percebe-se o amor e o carinho dos demais familiares e dos vizinhos, por exemplo, nas festinhas que as duas mães faziam, todos compareciam e todos comemoravam harmoniosamente.

Todas as famílias contribuíam para a organização da festinha que já era tradição entre elas. Cada um levava e oferecia o que melhor representava a sua essência e cultura. No entanto, no fim da festinha, a senhora Lockner, com uma carga de negatividade e depreciação, aparece no ambiente de confraternização e ofende Meema e Marmee novamente: *“I don’t appreciate what you two are!” she snarled at Merma and Marmee* (POLACCO, 2009, p. 34).³⁴ As crianças assustadas correram para perto de suas mães, e perguntaram o que estava acontecendo com aquela senhora. Então, Meema respondeu: *“She is full of fear, sweetie. She’s afraid*

³³ Tradução nossa: Eu imaginei que eles simplesmente não gostavam de nós. Eu não conseguia entender o porquê. Nós sempre tentamos ser respeitoso e amigável, do jeito que as nossas mães nos ensinaram.

³⁴ Tradução nossa: Eu não aprecio o que vocês duas são! Ela resmungou para Merma e Marmee.

of what she cannot understand: she doesn't understand us"³⁵, e completando Marmee declara: "*There seems to be no love in her heart, either*" (PALOCCA, 2009, p.34).³⁶ Aparentemente, não a interessava quem essas mulheres fossem, as supostas verdades que Lockner acredita sobre a lesbianidade, parecem ser suficientes para sua indiferença. É, portanto, detectado que os

[...] processos de diferenciação e hierarquização de gênero e sexualidade não incidem da mesma forma sobre todas as mulheres e sobre todos os homens; que eles podem materializar-se como relações de violência também entre mulheres e entre homens; e, sobretudo, que eles podem resultar da incorporação e da (re) produção de representações naturalizadas de gênero e sexualidade nos conhecimentos científicos, nas instituições, nos códigos morais e jurídicos, na política e nos programas políticos, etc (MEYER, 2009, p. 229).

Há também outro olhar que pode ser elencado para esta situação de violência; a opressão que toma por desigualdades as relações de superioridade e inferioridade, pensadas por Chauí (1984), tendo por base uma condição geral de subordinação. A autora, de forma inteligente, aborda sobre as mulheres que violentam outras mulheres, como é o caso da narrativa analisada. As personagens Marmee e Meema rompem com a permanência ideológica de naturalização, que associa a mulher e o seu corpo apenas ao plano biológico, a procriação, recaindo na obrigatoriedade de manter relações heterossexuais. Em todo caso, isto soa involuntário para as mulheres que são tidas como "coisificação típicas" ou naturais. Tal concepção não permite autonomias, o que afeta negativamente as subjetividades, tornando-as instrumentos de violências devido a uma matriz adotada que não é seguida por outras mulheres.

O pensamento de Chauí (1984) revela que a violência é a violação da liberdade que tira dx sujeitx o seu direito de ser, pois a liberdade é autonomia. Quando a autonomia de ser aquilo que no íntimo se é, de se ter a família que deseja, ou ainda, quando há a exclusão dx sujeitx do convívio social, delx está sendo tirado a sua liberdade, o que leva a percepção de que elx está vivendo em situação de violência. Há, assim, uma fatídica deslegitimação da subjetividade e essência dx sujeitx frente às normas.

³⁵ Tradução nossa: Ela é medrosa, querida. Ela tem medo do que ela não consegue entender: ela não nos entende.

³⁶ Tradução nossa: Também, parece que não existe amor em seu coração.

A autora ainda analisa que a mulher vista para outrem, para o marido, xs filhxs e o lar, tenciona violências entre as próprias mulheres por estas estarem destinadas ao espaço privado que recai sobre a heteronorma. Meema, ao contrário de ter um marido, tem uma esposa, e esta forma suscita violência. Nesse caso, temos o exemplo de Lockner com seu modo de pensar e experienciar a sociedade em que vive, a partir do momento em que a mesma naturaliza sua própria postura e quer torná-la um parâmetro a ser seguido por outras mulheres, agredindo, assim, a subjetividade de suas vizinhas. Eis o modelo de mulher que tenciona violências:

No espaço mais amplo da vida social também diferenças são convertidas em desigualdades, as quais se cometem em relações de subordinação e esta por sua vez, em possibilidade de violências, brancas e negras, “honestas” e putas, cidadina e migrantes, intelectual e não-intelectual, “normal” e lésbicas (CHAUÍ, 1984, p. 57)

Ser mulher lésbica significa “bater de frente” com a ideia que se tem sobre ser a “mulher de verdade”, devotada ao lar. Neste sentido, para autora, todas as discriminações que geram violências têm raízes nos estereótipos, fazendo com que certos modelos sejam encarados como sendo mais mulher e outros menos. Nestes moldes, ser lésbica significa ser menos mulher.

Concordando com os conceitos de Chauí, para Filenoma Gregori (1993, p.124), a violência entre mulheres tem na explicação geral a responsabilidade “atribuída a uma ordem normativa que hierarquiza papéis e padrões de comportamentos para os sexos”, que, para a primeira teórica, propõe fins de dominação e opressão. As mulheres têm, por este pensamento, suas subjetividades negadas, pois falar de certo padrão é um discurso que desativa a pluralidade, o polimorfismo da identidade, a diversidade de ser mulher.

Especificamente, as violências cometidas contra as lésbicas estariam ligadas a ideologia de feminilidade. “Em certo sentido, pode-se dizer que a maioria das mulheres reagem violentamente contra as lésbicas porque as olham e sentem como uma violência à ‘natureza feminina’, um desejo perverso de perverter a ordem do mundo” (CHAUÍ, 1984, p. 58). É como se a feminilidade, a maternidade e o casamento fossem todos ameaçados, trazendo uma perda do sentido de ser mulher, a mulher ideal. Marme e Meema, ao subverterem os pensamentos de Lockner, tornam-se as mulheres alvo de violências na narrativa. Elas escapam dos vieses de feminilidade requeridos: sejam magras, delicadas, bonitas, casadas e mães. Os

seus desejos, as suas realidades, seus corpos não podiam maquiar uma suposta postura heterossexual. Assim, observa-se que,

[...] em muitos contextos sociais, a mulher feminina e passiva sexualmente no contato com outras mulheres não era questionada acerca da sua orientação sexual, enquanto a masculinidade e a “atividade” sexual de uma mulher pareciam ser elementos fundantes de uma homossexualidade desfeminizante (MELLO, 2005, p. 200).

Curiosamente, a ilustração também mostra duas mulheres, Marme e Meema, que em seus corpos e aparências fogem dos padrões de feminilidade pré-estabelecidos socialmente. A fuga desses padrões, que supostamente “masculiniza” as personagens, também abriu margens para julgamentos e violências simbólicas. Recorrendo a leitura do corpo como espelho social, é possível perceber que Le Breton (2007) entende o corpo como um interruptor para as representações a partir do olhar do outro, sendo um objeto concreto de investimentos coletivos que suscita variados discursos. Para ele,

um sistema implícito de classificação fundamenta uma espécie de código moral das aparências que exclui, na ação, qualquer inocência. [...] A ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social ou moral conforme o aspecto ou o detalhe de vestimenta, conforme também a forma do corpo ou do rosto (LE BRETON, 2007, p. 78).

O ator, na concepção de Le Breton (2007), seria x sujeitx. Ele percebe sobre esse ator o peso social da aparência, pois a partir da imagem que é projetada, x outrx que a vê, faz supostas considerações sobre aquilo que o ator é, nesse sentido, “corpo é vetor semântico” visto e interpretado pelxs outrxs. O corpo das personagens, deste modo, pode ter contribuído para uma visão depreciativa na tabela de preconceitos na visão da personagem Lockner, que fez com que ela não considerasse os processos de subjetivações e *performance* das personagens as quais ela lançou o olhar.

3.3 Patriarcal Eles, Não Patriarcal Ela

Certa manhã, Bailey foi até a sua mãe, que estava na cozinha, para falar sobre os seus sonhos. Ao pedir para mãe que lhe comprasse um vestido, a mesma

obteve como resposta: “You’re a *BOY*. Boys don’t wear dresses! But... I don’t feel like a boy. Bailey said”³⁷ (EWERT, 2008, p.14). O autor destaca a palavra *BOY* no texto. Ao fazer isso, ele marca no campo da linguagem a forma como a família de Bailey a vê, pois mesmo a personagem se autoidentificando menina, elxs a consideram menino. Ao contrário da sua visão, pois o autor a enxerga como menina desde o início da narrativa.

Dialogando com as temáticas de gênero, temos uma diferenciação sexista comumente feita na nossa sociedade: vestidos são para meninas. Para Butler (2015, p. 193), “a marca do gênero parece ‘qualificar’ os corpos como humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta ‘menino ou menina?’ é respondida”. As práticas regulatórias tentam sufocar os possíveis atos gerados a partir dos sonhos da personagem por meio dos discursos reproduzidos de que apenas determinadas atividades são masculinas.

Ao repreender os sonhos de Bailey, o objetivo de sua família parece ser virilizar e retirar dela as nuances dos seus sonhos e o que lhe traz indícios de feminilidade. É como se as palavras: “Você é um garoto e garotos não usam vestidos”, tivesse o poder de “exorcizar” o feminino do corpo que deveria ser masculinizado, dando a entender que se aproximar do feminino não indica o uso legítimo do seu corpo. Neste caso, se tem uma configuração de violência intrafamiliar baseada na masculinidade hegemônica, mas que se agrava por apresentar um caráter naturalizado da violência. Tendo por base Muszkat (2011, p. 14), “ainda como resultado do caráter de naturalidade, muitas modalidades de violência sequer são reconhecidas como tal, visto que apenas reproduzem padrões do relacionamento conjugal das famílias de origem”. Na narrativa, a violência sofrida por Bailey é naturalizada devido a sua subjetividade, por sua construção como sujeito estar fora das concepções de inteligibilidade da sua família.

O corpo passa a ser violentado para se manter coeso com o seu sexo biológico. Ele aos poucos vai sendo podado, alinhado, disciplinado para que se torne o que estaria destinado a ser. As instâncias sociais, por exemplo, trabalham para isso. A educação formal e não formal tenta esse alinhamento. De acordo com Bourdieu (1995),

³⁷ Tradução nossa: Você é um garoto. Garotos não usam vestido! Então ela respondeu: Mas eu não me sinto como um garoto.

é por isso que a educação fundamental é fundamentalmente política: ela tende a inculcar maneiras de portar o corpo, em seu conjunto ou esta ou aquela de suas partes, a mão direita, masculina ou a mão esquerda feminina, maneiras de caminhar, de manter a cabeça, ou de dirigir o olhar para o resto, para os olhos, ou, ao contrário para os próprios, etc., que estão prenes de uma ética, de uma política e de uma cosmologia, e isto, primordialmente, porque eles são quase todas sexualmente diferenciadas e porque através dessas diferenças elas exprimem praticamente as oposições fundamentais da visão do mundo (BOURDIEU, 1995, p. 157)

Todas estas indicações constituem-se violências simbólicas, sutis e não sutis que tentam obter corpos dominadxs, “adestrados” ou dóceis³⁸. Assim, os corpos adestrados podem aderir a uma submissão de incorporação que não despertam consciência, mas a prática do *habitus* como uma linguagem de dever ou de sentido.

Bailey, anatomicamente masculino, possui o falo que é a imagem do fluxo vital, um orgulho viril diante da submissão feminina, para Bourdieu (1995). O que torna problemática os vestígios de feminilidade e transexualidade da personagem, que estaria se desfazendo da sua virilidade e dominação frente à submissão feminina, na visão da sua família. De acordo com o autor, o culto a virilidade estaria inserido em uma questão de *habitus* de longa duração coletiva que se liga a memória individual por reforços das estruturas de uma expressão coletiva e pública, que está no inconsciente cultural. Mas no caso do processo de socialização da personagem, o *habitus* não reproduziu vontades concretas, pois o indicio de autonomia da mesma diante das estruturas controladoras.

Bailey ao revelar seus sonhos para os pais é reprimida e colocada em uma situação de correção. Ao tentar revelá-los para o irmão, quando ele estava brincando de futebol com seus amigos, obtém como resposta agressões verbais e a promessa de agressão física. Há distinção entre a reação dos pais e a do irmão da personagem, pois os pais a ignoram e a repreende, mas o irmão apresenta uma atitude mais desproporcional e violenta, podendo ter relação com o espaço que se dá a revelação destes anseios. Com os pais a situação ocorre dentro de casa, já com o irmão, fora de casa, além de envolver outras pessoas, pois o irmão está no espaço público. Além disso, a atitude do irmão transparece que, para um menino, revelar tais sonhos, ou ainda sonhar tais coisas, soa extremo ou parece ser o cúmulo.

³⁸ Corpos dóceis é uma teoria Foucaultiana expressa no livro *Vigiar e Punir* (2014).

Ao observar os lugares ocupados pelo masculino e o feminino apontados na história, é notável que a família de Bailey segue a risca os padrões socialmente instituídos e traçados para o seio familiar. Para Back (2012, p. 125) “em toda a história fica evidente a divisão entre o público, no que se refere aos papéis masculinos, e do privado, quanto aos papéis femininos”. Fazendo um paralelo com suas palavras, esta segmentação adquire a mesma configuração na literatura analisada, cuja mãe ocupa o espaço privado, ou seja, o espaço da casa. Ela está na cozinha e dedica-se exclusivamente aos assuntos domésticos. Esta personagem ainda carrega consigo as intermediações das mulheres do século XIX direcionadas a organizar o ambiente familiar e materno, de acordo com os papéis sexuais incumbidos a ela. Tomando mais uma vez as palavras da autora, o sexo feminino carregaria assim o peso de ser subalterno e supostamente destinado ao privado, devido às construções culturais reproduzidas através do tempo.

O pai, por sua vez, ocupa o espaço externo, público. Ele está fora de casa e se dedica ao trabalho manual para possivelmente sustentar a família. Ainda, o irmão de Bailey brinca de bola com os seus amigos em um espaço livre e também público. Assim, pode-se dizer que as três personagens seguem à risca os ditames do patriarcado. A família, para Bourdieu (1995), configura-se como uma das instituições que vivifica a dominação masculina, cujos fatos podem ser observados a partir das divisões dos papéis em seu seio familiar, tendendo a perpetuar as urgências patriarcais, teoricamente fortalecidas pelos laços de domínio e de inferioridade nas relações.

Soma-se a isto a visão dominante da divisão sexual, que pode ser percebida desde os discursos corriqueiros, como os ditados e provérbios, passando pelas estruturas do espaço, como percebidas na análise anterior sobre quais lugares ocupam o masculino e o feminino nas extensões da casa. Dialogando ainda com Bourdieu (1995), entende-se que,

se esta divisão parece estar “na ordem das coisas”, como se diz algumas vezes para falar daquilo que é normal, natural, a ponto de ser inevitável, é porque ela está presente, em estado objetivada, no mundo social e também, em estado incorporado, nos *habitus*, onde ela funciona como um princípio universal de visão e de divisão, como um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de ações (BOURDIEU, 1995, p137).

Como constata-se, na obra e através do pensamento de Bourdieu (1995), os corpos são colocados entre o público – masculino e o privado – feminino, assim como, suas devidas atribuições. Ao perceber que os homens e as mulheres estão em uma cadeia de divisão do mundo social pelo peso do *habitus*, o autor afirma a existência de uma taxonomia oficial cujas mulheres veem atribuídas ao que é interior, de baixo, doméstico, ao que é privado. Já os homens estariam situados no lado exterior do público, o que revela que estas divisões estão estritamente ligadas às oposições entre o masculino e o feminino. Desse modo, as relações existentes de poder projetam-se em dois polos, que acabam por subalternizar a mulher por meio de uma concepção sexuada da biologia do corpo,

e, no entanto, o golpe de forças que o mundo social exerce sobre cada um de seus sujeitos consiste em imprimir em seus corpos [a metáfora do caráter retornaria aqui todo seu sentido] um verdadeiro programa de percepção, de apreciação e de ação que, na sua dimensão sexuada e sexuante, como em todas as outras, funciona como uma natureza [cultivada, segunda], isto é, com a violência imperiosa e [aparentemente] cega da pulsão ou do fantasma [socialmente construídos]. Ao se aplicar a todas as coisas do mundo a começar pela natureza biológica dos corpos [...] (BOURDIEU, 1995, p. 145).

Como já diria Foucault (2014) há uma grande intenção social na docilidade dos corpos. Ademais, percebe-se nessa docilidade, o sexismo em sua face essencialista, cujo corpo é o suporte para relações de dominação e as proibições são ordens inibidoras que geram violências. No caso de Bailey, percebe-se o que Bourdieu (1995) fala sobre o processo social do fetichismo da virilidade, pois os corpos são suportes simbólicos que privilegiam valores. No caso do corpo masculino deve acentuar uma visão falocêntrica cujo falo deve constituir símbolo de virilidade. De tal forma, os corpos biologicamente masculinos que não seguem a norma são sacrificados, violentados, excluídos, como exemplo o da personagem analisada. Ela é excluída das brincadeiras com o irmão, e a todo instante os seus desejos são violados ou diminuídos pelos discursos dos pais.

Ao utilizar-se do pensamento de Bourdieu, Sousa (2016 p. 129) afirma que a força masculina teria se consolidado sem haver necessidades de justificativas. “Ela já está lá, impregnada na mente das pessoas sem possivelmente a maior parte da história do mundo civilizado”. Nesse sentido, é possível entender os motivos pelos quais a mãe de Bailey reforça o patriarcado. Ela está no condicionamento da

submissão, uma vez que, há uma naturalização da dominação do sexo masculino frente ao “outro” que é culturalmente fragilizado.

Ainda, para se pensar sobre o corpo dócil é preciso recorrer novamente a Foucault (2014, p. 134), cujo pensamento afirma que “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Partindo disto, entende-se que os corpos dóceis são frutos de uma institucionalização das regras determinadas por diversos padrões instituídos pela mecânica do poder. Não esquecendo que nesse mecanismo de docilidade dos corpos há as múltiplas resistências também pensadas pelo filósofo. Foucault (2014) permite um diálogo sobre os corpos subalternos pela microfísica do poder, que se instaura em todas as instâncias sociais e, além disso, mostra como esses corpos são constantemente entregues ao adestramento na obrigação de cumprir com os padrões impostos e requeridos.

Nesse processo a vigilância é guia da norma, os corpos e os seus feitos estão sempre sendo observados e corrigidos. Aqui, questionar sobre as resistências, que sem dúvidas poderá apaziguar toda a fome de liberdade a esses corpos que foram e são adestrados: “Onde há poder, há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 2013. p. 105). Mesmo Bailey estando em situações que a forçava a viver como menino, situações essas que violentam sua identidade de gênero, a personagem, sem dúvidas, subverte as violências, imposições e obrigatoriedades a ela imposta. A personagem resiste, segue sonhando com vestidos e acaba saindo do seu convívio familiar para viver a sua identidade.

Bailey, por outro lado, borra as fronteiras do patriarcado, do gênero, do ideário diferentemente dos outros de sua família que são marcados por discursos dominantes. Sua mãe, por exemplo, impõe proibições a filha por estar em uma teia de manifestações patriarcais e machistas. Ela carrega um ranço social, e, conseqüentemente, o reatualiza mesmo que de forma inconsciente. Ainda recorrendo a Bourdieu (1995), o mundo social trata o corpo como algo no qual se podem inscrever categorias fundamentais da visão de mundo ou sistema de valores e de preferências, que podem ser analisado em ambas as personagens.

Bailey, ao sonhar, revela um universo paralelo, assim como, a sua identidade. Esse universo dissocia-se da realidade vivida pela personagem, pois enquanto ela dorme, a opressão é suprimida. Os vestidos trazem uma simbologia que diz muito

sobre a personagem: o primeiro de cristais pode revelar raridade, importância; o segundo, de rosas mostra delicadeza e sensibilidade; o vestido de janelas pode sugerir seu desejo de liberdade, no entanto, o das Muralhas da China pode sugerir impedimentos, os empecilhos sociais que Bailey enfrenta ao viver a sua subjetividade; por sua vez, o de espelhos revela a própria personagem, em suas palavras, ele seria aquilo que mostra aquele que o veste.

Retomando a fala da personagem: *“But... I don’t feel like a boy”* (EWERT, 2008, p.14), tem-se uma marca de inconformismo com relação ao seu gênero. Não ser garoto leva-a a seu sentido identitário, assim, as mudanças das vestes acompanham seu processo transexualizador, apontado por uma “estética de gênero”. De acordo com Bento (2014),

seja quando relatam suas infâncias (momento em que surgem os primeiros sinais de insatisfação com o gênero imposto), seja quando tentam se inserir e ser reconhecidos como membros legítimos do gênero identificado, a importância da estética emerge com considerável frequência em suas narrativas. Se o corpo é instável, flexível, retocável, plástico, será uma estética apropriada ao gênero identificado que lhe conferirá legitimidade para transitar na ordem dicotomizada dos gêneros (BENTO, 2014, p. 24).

O entendimento da estética que a personagem adota revela que os vestidos não são ilustrados apenas como exemplos, mas sugeridos na própria composição do todo e da maneira como são descritos, dão expressividade a narrativa, legitimando o Eu da personagem com o seu gênero identificado. A possibilidade que ela vê ao sonhar com 10,000 vestidos é a ousadia de ser, de viver a sua identidade performativa que se dá pela identidade de gênero, no qual o sujeito está em constante processo de construção por meio de seus atos em sequências, ações incessantes, repetições e vivências que geram resultados. Isso faz com que, nos sonhos, os vestidos não sejam apenas algo estético, mas identitário, pois revelam a personagem e mostram rupturas com a condição a qual ela é exposta.

4 REPRESENTATIVIDADE E VISIBILIDADE NAS NARRATIVAS COLORIDAS

A minha prosa é uma prosa opinativa: seja artigo acadêmico, seja artigo de divulgação científica, artigo de reflexão, eu estou tentando trazer a minha opinião para um determinado espaço, para determinadas pessoas. (Jaqueline Gomes de Jesus)

Representação e visibilidade são dois dispositivos³⁹ que tem ganhado cada vez mais repercussão nas diversas áreas de pesquisa. Essas duas categorias são oportunas tanto pelo que já se discutiu até aqui, quanto pelo objetivo específico deste capítulo. O desafio será pensar de que modo as personagens representam e são focos de visibilidades aos sujeitxs tidos como subalternxs.

Para iniciar este diálogo é necessário um direcionamento que será apenas uma forma de percepção das literaturas, e que de modo algum pretende fetichizar interpretações. Assim, entende-se que as personagens não generalizam ou estereotipam modelos, mas que elas representam determinados modelos, que, possivelmente, revela algumas circunstâncias, vivências e desafios. É nesse sentido que trabalhar-se-á com estes seres fictícios.

É preciso atentar ao fato de que a representação pressupõe recortes. O que está se representando? Quem é x sujeitx que se faz representadx? Que tipo de visibilidade está se dando a estx sujeitx? Se esses questionamentos não forem feitos, há um risco de se cair na ideia de que as obras em questão não visibilizam sujeitxs, e ao contrário, estereotipam todxs em um formato. Outro ponto indispensável a se considerar é que xs sujeitxs LGBTQI⁴⁰ são bem mais múltiplos e fluidos do que a própria finitude da sigla de representação. No entanto, não é intuito da pesquisa criticar ou pensar sobre esta problemática, mas mostrar a partir da reflexão que é necessário pensar em um recorte. Pensar-se-á, então, as personagens e suas vivências dentro de uma inteligibilidade de representação e visibilidade pela ficção.

³⁹ Termo baseado no pensamento de Foucault (2017, p 365) cujo “O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto o dispositivo: estratégias de relações de forças sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por elas”.

⁴⁰ Ao afirmar essa problemática LGBTQI, a pesquisa de forma alguma desmerece os movimentos LGBTQIs, pelo contrário, entende-se a força e a urgência dos movimentos, coletivos, grupos em luta pelos direitos de todos.

Os domínios da “representação” política e linguística estabeleceram a priori o critério o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito. Em outras palavras, as qualificações do ser sujeito têm que ser atendidas para que a representação possa ser expandida (BUTLER, 2015, p. 18).

A partir do que Butler (2015) pensou sobre a categoria de representação, passou a se perceber o que se chamaria de representação dentro desse suporte de análise, pois as personagens possibilitarão uma visão sobre alguns corpos – sujeitxs, dentro de uma visão político-social. O menino afeminado, a lésbica fanha, e a trans poderão trazer uma possibilidade crítica discursiva considerando o contexto ficcional criado.

A noção de representação dentro do campo literário pode ser atrelada a noção de verossimilhança. Para Candido (2009) o sentimento de realidade pode ter dentre os seus elementos a adesão ao real, no qual há um tipo de relação entre o ser vivo e o fictício manifestada através da personagem. Nesse caso, as possibilidades criadoras mantêm vínculos com uma realidade que ao serem ficcionalizados podem modificar, segundo a concepção que se espera dentro das tendências estilísticas.

Representar é, pois, pensar sobre a própria realidade ou sobre outras realidades.

Se reunirmos os vários momentos expostos, verificaremos que a grande obra de arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos em ampla medida transparentes, vivendo em situações exemplares de um modo exemplar [exemplo também no sentido negativo]. Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em fase de colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limites em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos sublimes, demoníacos, grotescos o luminosos (ROSENFELD, 2009, p.48).

A ficção composta de enredo, personagens, ilustração, ambientes e ideias faz transparecer situações diversas que pode representar sujeitxs, momentos e contextos. As obras analisadas estão dentro deste horizonte supracitado, pois são esboços de situações-limites e conflitos que estão envolvidos pela moral, como é o

caso de *The Sissy Duckling* e *10000 Dresses*, e pelo contexto político-social, como é o caso de *In our mothers' house*. Curiosamente, os desfechos e atitudes de violências e resistências existem em decorrência também desses valores prévios.

A representação, possibilitando visibilidade por meio da arte, mostra a importância de se problematizar xs sujeitxs subalternxs dentro das narrativas. Dando voz a esses sujeitxs é possível perceber como as suas representações induzem as suas resistências, sendo viável elxs sentirem-se representados, contemplando a plenitude de sua condição.

A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que transformando-se imaginariamente no outro vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação (ROSENFELD, 2009, p.48).

Isso reflete o fato de que, a despeito dos fatores de invisibilidade, a visibilidade como forma de tornar aparente, desnudar realidade, embora ficcionalizadas, sugere ainda a percepção, a partir desse lugar ontológico, dx outrx, pois mesmo sem se perceber naquela tal representação é possível visualizar / perceber x outrx com alteridade. A visibilidade traz a tona outras realidades que sugere lidar com o distinto.

4.1 As Heterotopias: os rumos dos “outros espaços”

Outros espaços, que podem ser designados por heterotopias, é um termo cunhado por Foucault (2006), no qual o teórico pensa os espaços e as relações que sacralizam ou dessacralizam os mesmos, estruturando o mundo. Nesse sentido, faz-se possível pensar como as personagens vivenciam e vão em busca de espaços – heterotopias como forma de refração do poder – criando e vivenciando outros espaços. Diante disso, cabem os questionamentos: por que as personagens só podem ser felizes longe do lar? Por que deve haver a fuga? Se há necessidade da fuga as narrativas deixaram de quebrar as heteronormas ou seria melhor pensar que estes dispositivos seriam representatividades?

A heterotopia é a categoria que permite enxergar a travessia das personagens Elmer e Bailey nas narrativas. Didier (2008, p. 380), chamando atenção para a temática de Foucault, coloca que a heterotopia é “a invenção na geografia das cidades, ou dentro da consciência individual ou coletiva, de possibilidades novas que escapariam aos sistemas estabelecidos”. Há então, uma invenção de espaço em contravenção ao sistema estabelecido quando a personagem Elmer, por exemplo, ao sair do seio familiar estabelecido, busca e cria outro espaço para sobreviver, por perceber essa necessidade. “Elmer stepped onto the opposite shore and looked around. He found an old hollow tree hidden deep in the forest. No one will ever find me here, he thought.”⁴¹ (FIERSTEIN, 2005, p. 23). A personagem constrói para si um lar como forma de resistências às situações de violência que estava inserida. Esse mesmo espaço foi o lugar de acolhimento e convivência com o seu pai, fato já mencionado no capítulo anterior, e onde a personagem permanece até o fim da narrativa.

De modo quase semelhante, Bailey busca um espaço, ao fugir de casa, onde será possível viver os seus sonhos. “Bailey ran and ran. She ran all the way to the end of the block, until she came to a house with a big blue porch.”⁴² (EWERT, 2008, p. 21). A personagem encontra em sua heterotopia, uma possibilidade de sociabilidade que compreende a sua subjetividade. Laurel, a menina que Bailey encontra na casa, sua heterotopia, se torna sua grande amiga. A sociabilidade delas existe porque Laurel enxerga Bailey como menina, e, por ser costureira, costurar os vestidos que a mesma sonha.

Nas palavras de Foucault (2006, p. 415), as heterotopias são “espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis”. Na narrativa *10000 Dresses*, a heterotopia revela um contraste com os lugares habituais da história, vinculados apenas à casa da família e o seu entorno, já em *The Sissy Dukling*, mesmo a personagem circulando em espaços mais variados, a heterotopia fomenta contrastes, sendo a mesma, lugar de isolamento que segrega a personagem desde o momento da fuga até a chegada do seu pai.

A travessia, do lugar estabelecido até a heterotopia das duas personagens revela isolamentos, nas suas narrativas este afastamento seria o das personagens

⁴¹ Tradução nossa: Elmer entrou na margem oposta e olhou em volta. Ele encontrou uma antiga árvore oca escondida na floresta. Ninguém jamais me encontrará aqui, pensou ele.

⁴² Tradução nossa: Bailey correu e correu. Ela correu até o final do quarteirão, até chegar em uma casa com uma grande varanda azul.

principais e suas famílias para futuros (re)encontro com novas possibilidades de viver as suas realidades. No caso de Elmer, em sua travessia, ele vivencia medo e amarguras. “The forest was dark and silent. Elmer was relieved that there was no one to see his tears when he slipped into the great pond and swam away from home”⁴³ (FIERSTEIN, 2005, p. 21). Sua jornada parece solitária e caótica. Já Bailey, embora aflita, uma vez que inicia sua travessia, logo após ouvir as promessas de agressão proferidas pelo irmão, parece mais confortável diante da circunstância, diante do novo, pois logo se depara com a costureira Laurel e, assim, começa a desfrutar da possibilidade de costurar e usar os vestidos dos sonhos.

É importante atentar para fato de que a heterotopia que se trata aqui é a de desvio “aquela na qual se localiza indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou a norma exigida” (FOUCAULT, 2006, p. 415). Com isso, entende-se que a criação de “outros espaços” surge a partir da segregação das personagens atadas à heteronorma. Assim, é preciso estar em outros lugares, pois o seio familiar gera mal-estar nas personagens a ponto de refratar a partida de ambas. Elas são sujeitos de desvio, estranhas, se comparadas às configurações patriarcais de suas famílias.

Logo após as suas jornadas, as suas vivências nos novos espaços mostram possibilidades de alegria e liberdade. Elmer constrói a sua casa, se dedica aos afazeres domésticos e está longe de injúrias. Bailey pode sonhar, usar os seus vestidos e ser reconhecida na identidade de gênero que atribui a si. Assim, os seus novos espaços são criações para viver o que se almeja.

É notável que se trata de um processo de exclusão, mas ao mesmo tempo se sugere e inventa a liberdade. Exclui-se por não ter relação com a norma do espaço de partida, mas, ao passo que se exclui, se reinventa, já que as personagens criam “outros espaços” que possibilitam resistência. Ainda assim, é preciso atentar ao fato de que a exclusão exerce uma força, em si mesma, negativa. Contudo, “a resistência consiste, com frequência em dar novas significações a um enunciado ou a um discurso” (DIDIER, 2008, p. 378). A resistência burla até mesmo a exclusão.

A exclusão pode ser percebida como um dispositivo de representação cujo processo de saída revela uma espécie de êxodo LGBTQI, sempre em busca de uma heterotopia, que enquanto resistência envolve várias camadas da sociedade, inclusive diferentes classes sociais, propiciando uma ressignificação principalmente

⁴³ Tradução Nossa: A floresta era escura e silenciosa. Elmer ficou aliviado porque não havia ninguém para ver suas lágrimas quando ele entrou no grande lago e nadou para longe de casa.

dos espaços urbanos. Didier (2008, p.31) discute sobre a fuga dos homossexuais para a cidade na qual explicita a transação de partida do lar para a cidade refúgio, o que ele chamaria de fantasmagoria do “outro lugar”. Nesse processo “são muitos os que procuram deixar o lugar onde nasceram e onde passaram a infância para ir a se instalar em cidades mais acolhedoras”. No caso de Elmer, essa migração se dá pelos assédios morais, injúrias e agressões que sofria. A personagem busca se refugiar, assim como os homossexuais nessa mitologia da cidade da viagem e do exílio, como mostra o teórico.

Atentando para a personagem Bailey e ainda recorrendo a Didier (2008, p.33), entende-se que “houve – e, com certeza ainda há - uma fantasmagoria do ‘outro lugar’ nos homossexuais, um ‘outro lugar’ que ofereceria a possibilidade de realizar aspirações que tantas razões pareciam tornar impossíveis, impensáveis, em seu próprio país”. Embora entendendo que a personagem não se encaixe no recorte de homossexualidade, é inegável que este fenômeno fantasmagórico esteja presente na narrativa. Ela faz uma travessia que a oferece possibilidades impensáveis em seu lugar de origem.

Os espaços outros passam a existir como objeto de resistência, tendo em vista a repressão, se tornando espaços de liberdade reinventados em ambas narrativas. A resistência ao imposto, os estereótipos e violências faz com que as personagens se desloquem com o intuito de existir, tal qual mostra Didier (2008) com a representação da fuga para as grandes cidades por muitos homossexuais a fim de viverem as suas sexualidades e identidades.

Nesse sentido, é possível analisar nas obras representações de sujeitos que de certa forma ganham visibilidade pela existência das personagens. Entre a casa, a rua e a heterotopia, as narrativas revelam muito sobre os sentimentos das personagens. Estes sentimentos perpassam as tristezas de conviver em um lar que as colocam em situações de subalternidade; medo, no caso de Elmer; resistência ao driblar o poder de adestramento dos seus corpos; alegria por encontrar na heterotopia desfechos favoráveis aos seus dramas iniciais. Nesse caso, o êxodo das personagens traz visibilidades para sujeitos LGBTQI que enfrentam as mesmas circunstâncias.

4.2 Lésbicas *Butches*

O modelo, o idealizado, o hegemônico e o binário acabam subalternizando a lesbianidade em virtude do pensamento cartesiano que tende a traduzir ou reproduzir a realidade em conceitos que excluem as formas diferentes de vivências e de relações amorosas. Excluem as subjetividades do ser homem e ser mulher e, conseqüentemente, a diversidade de gênero e sexual.

Michael Foucault (2014), para quem os nossos gestos e performances são construções culturais historicamente adotadas, mostra como o poder é articulado para disciplinar, docilizar e controlar o corpo. Louro (2003, p.31), sobre a concepção do teórico, assegura que o seu objeto de investigação não está centrado no corpo, mas nas práticas sociais, nas experiências e nas relações, que o produzem, num determinado tempo, local, de uma forma específica e não de outra qualquer. “Para Foucault, o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera apenas pela ideologia ou pela consciência, mas tem seu começo no corpo, com o corpo”. O corpo idealizado produz corpos ou é referência para esta produção normativa, produção que também implica na sexualidade.

Por este crivo, cabe a reflexão: o que sugere o corpo lésbico? E ainda, qual é a estética do corpo lésbico representado na narrativa? O corpo lésbico é um corpo que luta, que resiste – que não esconde por ser constantemente violentado e excluído – que excita, como é o caso de Marmee e Meema. Ao mesmo tempo, esses corpos se colocam no centro de discussões, pois provocam o meio social ao passo que buscam sociabilidades com todxs xs vizinhxs, amigxs e familiares envolvidxs na obra. Nesse sentido, elas são o subversivo que ocupam os seus lugares e resistem para existir, para se fazerem de alguma forma parte de um todo social, traduzindo bem o que a população LGBTQI tem tentado fazer na luta pelos espaços e voz.

Considerando os padrões de feminilidade e a estética das personagens, já que as mesmas são mulheres que fogem dos padrões, é possível perceber nos processos de sociabilidade o modo como os corpos delas afetam a coletividade por meio das suas identidades, assim como os contrastes que causam se comparados às outras mulheres. Ser lésbica, ser *butch*⁴⁴, ser voz no âmbito social é uma tentativa de desnaturalizar o corpo, ocupar espaços e evidenciar discursos a favor

⁴⁴ Termo em Inglês utilizado para caracterizar ou se referir a lésbicas tidas como masculinizadas.

de diferentes identidades. Muito embora seja também necessário explicitar o recorte de representação: a lésbica branca, de classe alta e *butch*.

Por meio do projeto imagético da narrativa e da própria *performance*⁴⁵ de Marmee e Meema, percebe-se de forma nítida o que na cultura lésbica são conhecidas por *butch lesbians*, as *dykes* ou lésbicas mais caricatas, que geralmente são apelidadas de macho e fêmea, caminhoneira, machonas ou menina-menino. Com isso, cabe pensar nas caricaturas de performances imaginada para as mulheres lésbicas, uma vez que, “durante muito tempo dominaram na cultura lésbica dois modelos polares de mulheres as ‘*butches*’ ou ‘machonas’ e as ‘*femmes*’ ou ‘princesinhas’, identificando-se cada uma como uma estética” (GALLOTTI, 2005, p. 33). Reiterando, o discurso direcionado as mulheres com estilos, visual e *performance* mais masculina é o da lésbicas “de verdade”, pois trazem em seus corpos transgressões as normas do gênero feminino socialmente pré-estabelecidas. Nelas é mais evidente a imagem do que comumente se imagina a respeito de uma lésbica, uma vez que ainda, para muitos, a mulher lésbica se confunde com uma pessoa que quer ser um homem pelo fato de manter relações sexuais com outras mulheres.

Contudo, não podemos deixar de questionar os posicionamentos estereotipados que surgem por meio do olhar social lançado às *butches* conhecidas popularmente também como “as bofinhos”, pois

A feminilidade não é a condição natural das pessoas do sexo feminino. É uma construção ideológica historicamente variável de significados correspondentes a um signo M*U*L*H*E*R que é produzido por, e para, um outro grupo social cuja identidade e superioridade imaginada têm origem na produção do espectro desse fantástico Outro. MULHER é tanto um ídolo como nada mais que uma palavra. (PALLOCK, 2011, p. 59).

Ao entender a mulher como uma sujeita que se constrói, é fundamental pensar a *butch* não a encaixando na categoria de homem ou do gênero masculino, o que acontece frequentemente, tendo como base que a feminilidade não é uma condição natural, ou seja, as *butches* devem ser reconhecidas como mulheres. Com isso, propõe-se o consentimento de que as *butches* não querem ser homens e,

⁴⁵ Entendemos aqui como *performance* o apresentar-se social, cultural e politicamente como um sujeito que se constitui a partir de um contexto de inteligibilidade, de acordo com Butler (2011). E especificamente, olhando para narrativa, seria a forma como os corpos tomam espaço ou estão dispostos como linguagem imagética.

ainda, que são diferentes dos homens trans (trata-se de um processo de autoidentificação, no entanto a melhor categoria para sujeitos que nascem biologicamente do sexo feminino, mas se considera masculino e passam por processos transexualizador seria homem trans). Ao contrário das *butches*, há lésbicas (extremamente) femininas, as chamadas *femmes*, *ladies*, as lésbicas patricinhas. Nesse sentido, é preciso atenção às duas categorias: o gênero e a sexualidade, sendo que o primeiro não pressupõe o segundo, pois essas categorias são comumente confundidas e assim, fontes de associações, já que por meio do corpo e da visualização dele surgem discursos, palpites, dúvidas, questionamentos, julgamentos, sentidos, ou seja, a imagem corporal torna-se um foco de suposições para os olhos de quem o aprecia.

No que diz respeito à relação lésbica, a história também afronta e problematiza o questionamento: quem é o pai ou a mãe das crianças quando se trata de uma relação homo/lesboparental? Essa questão está de certa forma vinculada as relações passivas e ativas, presentes também na cultura heteronormativa. Recorrendo mais uma vez a Bourdieu (1976), os papéis sexuais tidos como passivo ou ativo podem ser percebidos pela dominação masculina, nas quais se observam as relações sociais levadas ao privado, configurando as relações sexuais também a partir desse caráter de um ser dominador, necessariamente o masculino, o pai e o dominado, necessariamente feminino ou feminilizado, a mãe. Contudo, na relação lésbica analisada, mesmo que haja mulheres que visualmente tenham atributos de “masculinidade”, o contrário se instaura em suas relações. Há uma interdição na relação, pois ao fugir da dualidade dos papéis ativo e passivo, dominador – dominado, propagados por Bourdieu, instaura-se uma saída dessa teia teórica que mostra outras formas de ser, de se relacionar, de cuidar das crianças que não se ligam a austeridade teórica percebida pelo sociólogo. Assim, embora se concorde que há relações que mantêm este dualismo, há relações que escapam dele. O que se propõe por meio da narrativa é que não há uma mãe que desempenharia a figura do pai, ambas são mães, pois as mesmas cuidam e se envolve com as crianças como mães e do mesmo modo é o olhar das crianças para com elas.

Por meio da narrativa, desmistifica-se o imaginário do casal lésbico como uma sendo o homem, por ser mais “masculina” e a outra sendo a mulher, referente à típica pergunta: Quem é o homem e quem é a mulher? As personagens representam

e trazem visibilidade a outros casais que escapam a unicidade da representação seguida pela heteronorma. São duas mulheres *butches* que tem uma relação, de modo que não mantém e abalam a utopia de que há um homem e uma mulher⁴⁶. Há uma renúncia à normatização e naturalização das identidades sexuais que, segundo a perspectiva Contrassexual de Preciado, a sexualidade e os prazeres não representam uma única possibilidade, e ao contrário é dispensável em se tratando de práticas sexuais subversivas sugeridas a priori no material analisado. “[...] A sociedade contrassexual se dedica à desconstrução sistemática da naturalização das práticas sexuais do sistema de gênero” (PRECIADO, 2014, p. 22), ou seja, a contrassexualidade é a resistência às normatizações sexuais pela busca de novas compreensões do corpo e da sexualidade.

Embora a narrativa não explicita práticas sexuais, pela cumplicidade observada, pressupõe-se que as personagens se amam de forma livre e subjetiva, não existindo dominação e nem opressões de uma sobre a outra. Ademais, “os estereótipos da masculinidade e da feminilidade heterossexual não servem para caracterizar as permutações da sexualidade que se produzem no encontro *butch-femme*” (PRECIADO, 2014, p. 208). Se essa afirmação vale para *butch-femme*, na relação *butch-but*ch, há também uma quebra do discurso de quem desempenha o papel do homem ou da mulher na relação lésbica, centrada na concepção de que as lésbicas mais masculinas sejam as ativas e as mais femininas as passivas. Ademais, poderíamos aqui fazer uso da reflexão de Gallotti (2005, p. 31) ao dizer que “a liberdade sexual é sobretudo uma maneira de optar pelo gozo dos sentimentos e do corpo, é uma aposta no hedonismo e na vontade de derramar os sentimentos em quem se deseje fazê-lo.”

In our mothers' house é um dispositivo que mostra processos que provocam des-arranjos, des-ajustes e transformações, assim, o ato de nomear o corpo e as práticas torna-se insignificante diante do que se encontra na narrativa. A obra traz visibilidade à lesbianidade e principalmente a representação para os casais *butches*.

4.3 A forma Bailey de ser TRANS

⁴⁶ Embora a análise tenha chegado a esse entendimento de representação, é válido considerar que há casais de lésbicas que vivenciam a realidade de reconhecer uma das mulheres como o homem da relação, no entanto, o que se propõe aqui é que as relações escapam dessa concepção.

Este subcapítulo nasce de uma imensa alegria, de brado e fascinação, mas também parte de embaraços, pausas, desassossego, pois pensa-se que se sabe, que se entende as identidades as quais se propõe a estudar, ou ainda que a teoria salva, porém a verdade é que quando se trata de identidades, o que se tem é um maravilhoso insólito.

Ou se nasce homem, ou se nasce mulher! Esse é o retroalimento do senso comum e de bases de conhecimentos científicos, dentre eles: a medicina, a psiquiatria, a biologia, ainda que não de forma generalizada. Contudo, este espaço de análise é uma inquietação, um grito no campo discursivo apresentado, uma vez que a literatura infantojuvenil vem com uma intervenção lúdica, mágica e apaixonante ao enfrentamento. Ou se nasce homem ou se nasce mulher é uma prisão um tanto essencialista e limitadora. Ao invés disso, por que não pensar que se nasce, e a partir daí se vivência a sua história?

A história de Bailey traz inúmeras intersecções com o que os estudos apontam como gêneros fluidos, vivência de gênero não binária ou, ainda, transexualidades. A personagem vive uma intensa experiência do que poderíamos chamar de fechação. Esse termo ganhou notoriedade dentro do movimento LGBTQI e principalmente nas montações e resistências artísticas propostas pelo grupo. A fechação é mais uma possibilidade de ser, de se expressar, uma grande caricatura daquilo, que artisticamente ou não, se quer representar. Essa poderia ser uma primeira interpretação para as vivências da personagem, sua fechação-montação poderia acontecer com os seus inúmeros vestidos. No entanto, acredita-se que esta evidência pode ser mais aprofundada. Seria apenas uma fechação?

A temática da transexualidade avança rumo a diversos saberes e fissuras. Para Coelho e Sampaio (2014, p. 21) “discorrer sobre a transexualidade na atualidade é discutir como a cultura ocidental tem construído categorias como corpo sexo, gênero, identidade e sexualidade e como essas categorias tem sido vivenciadas pelas pessoas.” O que abre espaço para questionamentos e reflexões sobre as vivências e resistências dentro desse grande termo guarda-chuva⁴⁷.

Sabe-se que dentro das existências trans existe uma grande ressalva quanto às políticas de direito a personalidade, “a alteração do prenome é considerada um importante elemento do processo transexualizador”, como afirma Coelho e Sampaio

⁴⁷ Discutindo sobre a transexualidade e travestilidade, o autor Santos (2014) coloca a transgeneridade como função guarda-chuvas.

(2014, p. 20). As autoras acertadamente se colocam em um campo de representatividade e visibilidade, porém é necessário destacar que muitxs sujeitxs trans tem considerado também uma militância no contexto que se estende, ou até mesmo só requerem, os pronomes de tratamento. Assim, muitxs não adotam para si a possibilidade de mudança do nome. No caso da obra *10000 Dresses*, o uso do pronome “she” é um indício do direito à personalidade dada à personagem, assim como é também uma marca de visibilidade a essa pauta de direitos trans. O pronome na narrativa soa como uma sensibilidade do narrador frente à negação desse direito no seio familiar da personagem. É como se o escritor pudesse dar àquele que narra a história de Bailey essa possibilidade de afirmação da sua identidade.

A narrativa em questão representa e defronta o próprio movimento LGBTQI normativo e muitos ideais naturalistas ainda existentes. Esse confronto estende-se também para o campo da medicina, dissociando a personagem do ideal de “transexual de verdade / universal”, ou ainda o “transexual oficial” como investiga Bento (2014), que defende uma visão biopolítica, medicamentosa, hormonoterápicas e de bioidentidades⁴⁸. Nesse sentido, a pessoa trans estaria sujeita ao ideal do corpo modelo ainda remodelado por uma construção dicotômica de homem e mulher. Em contradiscurso, Bailey permite pensar e considerar maneiras não reducionistas, levando em conta a complexidade e a multiplicidade que é a construção e a apresentação do corpo. Não deslegitima-se aqui as etapas de transformações que muitxs trans decidem e enxergam a necessidade de passar, mas tenta-se visibilizar os processos de transformações, interesses e estratégias que muitas vezes são silenciados devido a categorias, posições e disputas dentro do movimento trans. Desse modo, entende-se que criar uma caricatura de representação pode ser perigoso e contraditório, além de não abarcar tantas outras transidentidades.

É necessário, ao dialogar com as questões de gênero e especificamente com as questões transexuais, considerar o que Jesus (2012) pontua. Para autora, transgênero é um “conceito ‘guarda-chuva’ que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento”

⁴⁸ Termos referentes ao trabalho de Silva e Lopes (2014), que pesquisam transexualidades para além da dicotomia de gênero.

(JESUS, 2012, p. 25). A mesma autora define transexual como “termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento” (JESUS, 2012, p. 27). Esta característica é muito forte quando se analisa a personagem Bailey já que a sua forma de se identificar, sua auto-percepção, e sua expressão de gênero apontam para uma possível feminilidade.

Por meio da personagem é possível pensar em corpos e resistências na qual “a crença de que temos um corpo coerente ou que somos uma totalidade esconde muito trabalho” (SILVA E LOPES, 2014, p. 36). O fato de Bailey dizer que não se sente um menino e a única transformação visível, na narrativa, ser apenas os vestidos, aponta para uma aparência que se aproxima do feminino, mas, ao mesmo tempo, subverte o feminino desejado, pois, pelo critério do senso comum, para ser mulher não basta usar vestidos, é preciso ter vagina. Assim, viabiliza-se a criação de novas estéticas, como a observada na personagem Bailey, hoje assumida por pessoas trans, dentro de uma inteligibilidade de gênero que desconsidera, mas não nega a importância para xs sujeitxs que necessitam de outros recursos para as transformações corporais, a exemplo, a cirurgia de transgenitalização ou de adequação.

O esforço de descolonização das experiências trans e os desafios da ruptura normativa operada pelas perspectivas queer provocaram alterações nos estudos de gênero que coincidiu com novos projetos teóricos e conceituais como a teoria trans que visa dessubjugar os saberes trans [...]. (OLIVEIRA, 2017, p. 94).

Descolonizar as experiências requer esforços que, na visão do autor, propõem a diversidade de vidas tidas como fora da norma, valorizando a vasta existência trans. Ele mostra com isso, uma polícia de gênero⁴⁹ que assola as subjetividades existentes dentro de releituras dos conceitos de gênero. Analisando a literatura e o pensamento do autor, presumem-se intersecções e autodeterminações que requerem o uso ou não de tecnologias de gênero pelxs sujeitxs trans, essa descolonização de experiências revela uma democracia de gênero que coincide com uma amplitude de liberdades para as expressões de gênero. Essa democracia é, portanto, um cenário no qual as várias transidentidades podem ter o direito de existir e assim serem reconhecidas.

⁴⁹ Termo cunhado pelo autor Oliveira (2017) para designar um sistema de controle.

10000 Dresses surge no cenário literário infantojuvenil com um discurso que valoriza as trajetórias transidentitárias, as (não) modificações corporais e suas performances, as dificuldades, violências, as redes de solidariedades que se estabelecem, assim como os afetos e desafetos devido a resistência trans. A personagem, ainda que se trate de uma narrativa curta, não reduz ou simplifica as possibilidades, mas representa rupturas dos padrões e rótulos, revelando a ineficácia das taxonomias. Essa observação aponta para conflitos.

Garcia (2003) afirma que os significados sociais são inscritos por um ato de nomeação e definição. Isso nos remete a uma concepção de que toda a identidade possui um caráter incompleto uma vez que precisa de uma referencia exterior para se sustentar, e traz consigo relações de poder, já que determinadas possibilidades são reprimidas ou excluídas para poder afirmar e estabilizar outras. Esse fato pode ser constatado nas tensões vivenciadas dentro do próprio movimento LGBT onde, em determinados contextos sociais e políticos, algumas identidades de gênero e sexuais são elipsadas para que outras se firmem e atinjam seus objetivos específicos (SANTOS, 2014, p. 91).

Ao se entender os processos de poder que dão significações a determinadas identidades, Bailey é vista, nesta análise, a partir de um processo de representatividade que, no espaço da narrativa, denuncia invisibilidades de trans. Segundo Junqueira (2009, p. 31), “invisibilidade aliada a uma visibilidade distorcida pode tornar-lhes ainda mais titubeante e doloroso o processo de construção identitária.” De mesmo modo, para ele, a economia de visibilidades é problemática, pois colabora com disposições estereotipadas e estereotipantes por meio de presunções que reforçam silenciamentos.

Com a narrativa aliada à teoria e tantas transvivências⁵⁰ que inventam sobre as suas próprias existências, é indispensável considerar uma nova estratégia de empoderamento que passa por uma definição da política do corpo, problematizando as inclusões pela efervescência de categorias até então invisíveis. Quando Butler (2015) afirmou que há mais de dois gêneros, ela abriu espaço para as discussões de fluidez de gênero. Parafraseando Santos (2014), as classificações acadêmicas não conseguem capturar e nem se aproximar das múltiplas possibilidades de viver o gênero, a sexualidade e o corpo. Do mesmo modo, Oliveira (2017) observa que há

⁵⁰ Mc Linn da Quebrada, em uma entrevista e no livro de *Trans pra frente*, de Dodi Leal (2017), afirma que ser trans é inventar sobre a sua própria existência, é resistir.

uns mil modos de viver o gênero e, somado a esses, o teu. Por sua vez, Colling e Sant’Ana (2014, p. 259) afirmam que “quanto mais as nossas existências e potencialidades corporais tiverem liberdade de criação, mais gêneros distintos e singulares nós teremos”, eles abordam, a partir daí, o complexo jogo de representação, considerando além das estratégias de identidades, os diversos devires⁵¹. Desse modo, é preciso questionar a identidade coletiva pela politização da diferença, e assim, as diversidades na própria categoria de diversidade.

Por meio dessa reflexão, a história de Bailey, seus atravessamentos e transitoriedades de gênero, é uma possível fissura no ato de representação por outras tantas inteligibilidades trans no campo literário. A possível transexualidade representada na trama traz considerações importantes com relação ao processo de autoidentificação da identidade trans e a fuga social que alguns percursos demandam. Sobre esta representação, “acreditamos que mostrar as existências desses sujeitos é um começo para discutir sua atuação na sociedade” (COLLING; SANT’ANA, 2014, p. 262). Bailey é esse potencial de problematizar, por meio da arte, realidades que devem ser reconhecidas, retiradas do mutismo e respeitadas.

A narrativa tira o foco de qualquer processo medicamentoso, patologizante, cirúrgico, dentre outros aspectos que podem revelar a face dx trans que não sente essas necessidades, uma vez que a transexualidade ainda tem sido pensada e abordada, dentro da mídia e da arte, a partir de muitos padrões científicos, tecnológicos e biopolíticos.

Para Butler (2016), desfazer concepções normalizadoras se transforma em um propósito epistemológico / político que efetivamente torna as vidas mais vivíveis.

Minha perspectiva é de que a vida é certamente mais vivível quando nós não estamos confinados, enquanto pessoas, as categorias que não funcionam para nós. A tarefa do feminismo, a tarefa da teoria e do ativismo queer, a tarefa da teoria e do ativismo trans, é seguramente a de fazer com que respirar seja mais fácil, com que andar nas ruas seja mais fácil, obter reconhecimento quando necessitamos tê-lo, uma vida que possamos afirmar com prazer e alegria, mesmo em meio a dificuldades (BUTLER, 2016, p. 24).

A autora requer para as teorias, a responsabilidade de reconhecimento dxs sujeitxs em termos de emancipação de precariedades relacionadas diretamente às

⁵¹ Terno Deleuzeano.

normas de gênero por meio de assédios, patologização e violências. Dentro dessa realidade, a narrativa mostra possibilidade de realidades vivíveis, uma vez que “o reconhecimento depende, fundamentalmente, da existência de meios, de uma forma de apresentação na qual o corpo pode aparecer” (BUTLER, 2016, p. 35). No caso do corpo de Bailey, esse denuncia as forças de exclusões e as precariedades assumidas ao se tornar um corpo visível no jogo de riscos.

Bailey, no colorido de sua história, pincela a ilusão da imutabilidade e da constância de gênero⁵², desconstruindo por insubordinação e a não subjugação, buscando outras legitimações de potências vivíveis, (trans) existências. Embora as reflexões apresentadas tenham por objetivo mostrar uma representatividade e visibilidade, é crucial perceber que a construção desta análise anseia por agregar, a esses conceitos macros, a ideia que segue as assertivas de Bento (2014), quando a mesma afirma que não há uma “identidade coletiva transexual”, mas “identidades rizomáticas”. Bailey é apenas mais uma forma de ser, dentre tantas possibilidades multifacetadas, mas que com a sua existência permite refletir sobre saberes trans.

⁵² Teoria defendida por Oliveira (2016) que vai de encontro à ideia de heteronormatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Que um homem não te define
 Sua casa não te define
 Sua carne não te define
 Você é seu próprio lar.
 (Francisco, El hombre)

Esta proposta de diálogo é um passo inicial, pois ainda há muito que se considerar e questionar a fim de se perceber as literaturas infantojuvenis como dispositivos artísticos para além do entretenimento. Com enorme entusiasmo fez-se uma pesquisa, aqui denominada como estado da arte, com o intuito de divulgar literaturas que trazem em seus enredos temáticas sobre identidades de gênero e sexualidades. Acredita-se que trazer essas narrativas ao campo da crítica literária pode ser uma iniciativa de politiza-las e assim contribuir com os estudos literários que já vêm, por meio dos Estudos Culturais, propondo diversas análises que remetem às abrangências de pensar a cultura e a sociedade.

O desafio foi pensar as literaturas analisadas dentro de contextos ainda pouco problematizados e discutidos no campo dos estudos literários que passam a englobar os estudos gays, lésbicos e *queer*. Admite-se que as homossexualidades, lesbianidades, ou outras sexualidades, as homo/lesboparentalidades, o *queer*, as trans identidades, as efervescências das vivências de gênero, ainda são temáticas embrionárias e, por isso, um tanto tímidas.

O foco dado as obras *The Sissy Ducking*, de Harvey Fierstein (2005), *In our mothers' house*, de Patricia Palacco (2009), e *10,000 Dresses*, de Marcus Ewert (2008), é apenas uma forma de leitura dada a elas, que de modo algum, abarcará todas as belezas, sutilezas, grandezas e riquezas que elas oferecem aos leitorxs ou aos críticxs. Com isso, apresentou-se um pequeno recorte do que foi visto, vivido, apreendido, percebido que revela um grande potencial de impacto das obras.

Embora não seja simples fazer consideração sobre uma personagem, Elmer é uma daquelas que foi descrita com revelação de alegria, mas não foi poupada de angustias. Eis que ele nasce, e quanta satisfação ainda é atribuída quando o primogênito é “menino”, é “homem”. Elmer é um menino, mas sua peculiaridade é ser afeminado.

A personagem se desenvolve em um ambiente que o proporciona satisfação, por fazer o que gosta, e tristezas, por ser um sujeito em constante estado de vigilância e adestramento. “Ora, onde já se viu um menino brincar de decorar bolo, se lugar de mulher é que é na cozinha? Se viu!” Elmer é esse menino.

Ele encontra um laço de apoio da mãe, e este aspecto romantiza o papel da figura da materna como sendo aquela que ama incondicionalmente. Em contra partida, o pai é aquele que pune, que ensina o filho a ser “cabra macho”, é a figura que impõe masculinidade, mas somente aquela hegemônica.

Elmer também é aquele ser violentado nas instituições públicas, é aquele que apanha na escola. É o maricas que deve ser rechaçado para ver se cria vergonha na cara e vira “homem de verdade”. A sua narrativa do medo revela como a escola pode ser um ambiente de violências veladas ou não, sutis ou não.

Ainda, ele é aquele de quem o pai sente vergonha e que a relação conflituosa no seio familiar torna a expressão “lar doce lar” uma utopia. Por não suportar tantas violências, se afasta de casa e busca outro espaço para viver. Recomeça a sua vida. Apesar de tudo, o mocinho nunca é vilão, Elmer nunca busca vingança, ao contrário, ajuda seu pai ao se ferir e não ter forças o suficiente para conseguir migrar com xs outrxs. Começam a conviver, dando espaço um ao outro, reestabelecendo laços de afetividade. E onde está a mágoa? Cadê o viado⁵³ vingativo? Ele quebra mais uma vez com estereótipos, mostrando que é com a convivência que se conhece x outrx.

Após o período de migração e o retorno dxs outrxs patxs, ele é defendido pelo pai na frente de todxs, e agraciado com os carinhos da mãe. Enfim, ressignifica a sua existência, afirma e positiva sua condição *sissy*, e afirma sobre a existência de outrxs como ele.

A obra foi analisada como uma narrativa que explicita situações-conflitos, exclusões, violências devido à identidade de gênero que a personagem requer para si. Há uma problematização de urgências cotidianas nas quais é preciso examinar os meios pelo qual se estabelece a norma, e com isso, instigar os riscos desses desrezos, assim como, refletir sobre diversas formas de viver o gênero, borrando as regulamentações sustentadas pelo poder.

⁵³ Termo muitas vezes usado ao se referir a sujeitos afeminados.

Com a literatura *In our mothers' house* e as análises, foi possível subverter lógicas do casal e da família que tem lugar de coerência e continuidade na literatura infantojuvenil.

Marme e Meema, por serem lésbicas, abrangem o limite do pensável para a sexualidade. Duas mulheres que lutam por espaços e por uma família, alargando o ideal de família até então heterocentrado nas narrativas.

Pela obra, observa-se a multiplicidade cultural e de identidades de seus filhxs, pois decidem adotar filhxs de etnias diferentes, problematizando o desafio da adoção, ainda negada a casais homossexuais e lésbicos, como também as próprias homo/lesboparentalidades. Fica explícito a afetividade como um elemento fundamental para ter uma família. Assim como as redes e relações que estão em volta delxs revelam-se indispensáveis para existir e enfrentar um sistema patriarcal opressor e sexista, que se estabelece por meio de aspectos de continuidade e de incoerência ao requerer ou estabelecer linhas de coesão apenas entre casais heterossexuais, ao ignorar as formas não hegemônicas de se construir uma família.

A ideia também posta em problematização é a da desconfiança quanto à influência da sexualidade dos pais sobre xs filhxs, dando relevância quanto ao campo da sexualidade, negando as políticas de cunho preconceituoso e afirmativo. Não há um foco apenas na relação lésbica das mães, mas na narrativa coexistem outras famílias, outras relações e, posteriormente, as próprias relações dxs filhxs do casal.

No entanto, a obra, assim como a teoria, revela os conflitos sociais político e, além disso, religiosos, a que estas famílias estão sujeitas. Durante vários momentos, as personagens lésbicas são agredidas verbalmente por serem lésbicas e por constituírem uma família. As personagens são sempre vistas como abjetas aos olhos da personagem Lockner, revelando que as relações entre mulheres podem ser conflitantes e violentas quando toca nas próprias relações de gênero e em questões de sexualidades, no caso de Marme e Meema, essas têm constantemente o seu protagonismo de mulheres e de mães negado devido aos conceitos da senhora Lockner. As personagens são violentadas e seus filhxs têm algumas sociabilidades interrompidas.

Outro dispositivo analisado em *In our mothers' house*, permitiu entender outras linguagens e relações por meio do corpo. O corpo como aquele que produz sentido ao se apresentar, pois é comunicabilidade, e por assim ser não deixa de

assumir riscos. O corpo da *butch* inclui estas sujeitas e suas possíveis histórias na literatura infantojuvenil. Marme e Meema não se tratam apenas de mulheres lésbicas, trata-se de mulheres lésbicas *butches*, deslocando a ideia da figura ativa e passiva das relações heterossexuais que acaba por se reafirmar com os casais homossexuais e de lésbicas, e por que não dizer como uma tentativa de homonormatização?

Por mencionar normatização, cabe falar sobre enfrentamento, sobre as possibilidades de Bailey usar o corpo com autonomia. Bailey, personagem biologicamente masculino, confere a si uma transexistência. Neste percurso, perturba conceitos, oposições binárias, sendo que sua história permite pretensões de ruptura na arte, na crítica e no modo de pensar os saberes trans.

A personagem é uma existência subjugada pela família. Por meio de sua realidade familiar é possível refletir sobre a alocação de sujeitxs em lugares a elxs socialmente estipulados, entre o público e o privado, assim como, questionar o que deve ser socialmente desempenado pelo homem e pela mulher no contexto familiar.

Sua história concebe a aparição do seu forçoso silenciamento frente as suas vontades, silenciamento esse, sempre reiterado pelas palavras de seus familiares: *“But you aren’t a boy”*. Esse discurso impõe-se a todo tempo à sua história, um constructo que se faz no interior da cultura, se considerado idealizações dadas ao corpo.

Impossibilitado de usar os vestidos com que sonha, a personagem sai em busca de sua heterotopia, assim, demonstra um êxodo LGBTQI, que às vezes surge como opção ou como imposição para aquelxs que buscam formas de existir. Consequentemente, Bailey encontra sua heterotopia, pois não há lugar para sua inteligibilidade no seu local de origem. Nos limites entre a sua casa, espaço onde ela passa maior parte da história, e o seu outro espaço heterotópico, se inclui a sua subversividade. Consideravelmente, a sua heterotopia é uma possibilidade de existência e de viver sua transidentidade.

Numa lógica de representação, a visibilidade atribuída à personagem é de descontinuidade de fixidez da identidade, que estabelece e propõe a ideia de um “transexual oficial”. Ao contrário, com a personagem é possível visualizar legitimidades para transitar entre os gêneros de forma a representar outras transexistências ou neutralidades de gênero que não requerem processos medicamentosos no que se refere às suas estéticas de gênero. Este percurso

analítico é verificado nas dissidências uma insuficiência antológica, pois não é uma essência trans.

Bailey assume uma reinvenção de si pelas suas próteses de gênero, os *10000 Dresses* afirmam o deslocamento do seu corpo entre os territórios e fronteiras de gênero, borrando-os, e, assim, protagonizando sobre a sua própria existência. Essa potente noção é hábil para admitir não apenas várias desconstruções da experiência transexual, como também, múltiplas reconstruções.

Ao passo que a história da personagem possa parecer de exclusão, a mesma não confere sua inteligibilidade e avança em uma resposta ou notoriedade, a pluralidade inerente às experiências trans, atualizando a interpretação no campo das artes sobre as práticas de gênero.

Bailey é uma personagem marcada por atos corporais e linguísticos que desnaturalizam identidades. Dentro desse processo, seus vestidos podem indicar várias formas de ser dentro da sua experiência e reinvenção, assim como por meio de sua história é viável pensar uma mobilidade entre os gêneros ou mesmo o entrelugar do gênero, que, por meio de “desobediências de gênero”, busca outras legitimações na existência LGBTQI.

A dimensão subjetiva da análise buscou apontar processos de estereotipia, subalternidade e violências nas obras frente à heteronormatização, e, em contra partida, como se dá a busca por estar livre contra tais violências que, às vezes, demanda as heterotopias devido a processos excludentes no qual as personagens estavam sujeitxs. Nos processos construtivos das narrativas também foram encarados uma potência para enfrentamentos e suportes de representatividade que não fetichizam modelos, mas buscam democratizar o dispositivo de visibilidade e representação, considerando subjetividades e singularidades. Enviadecer a literatura com o afeminado, as lésbicas *butches* e a trans, tornando as narrativas coloridas, é mostrar que estes corpos, por existirem, importam. E que a literatura infantojuvenil se importa com elxs.

REFERÊNCIAS

- BACK, R. A. O corpo e a sexualidade em a Doce canção de Caetana e Eva Luna: representações da dominação e/ou da libertação. In: **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, nº 20. p. 125 - 135, 2012.
- BANDEIRA, P. **É proibido miar**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2009.
- BARAZAL, N.R. Sobre violência e ser humano. In: **Convenit Internacional**. Cemoroc-Feusp / PPger-Umesp / IJI – Univ. do Porto. p. 77-86, 2014.
- BARTHES, H. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BEECK, O. N. **PW Talks with Harvey Fierstein**. Mar 25, 2002
<<http://www.publishersweekly.com/pw/by-topic/authors/interviews/article/40277-pw-talks-with-harvey-fierstein.html>> Acessado: 23/02/17 às 16:39.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- BENSON, H. **'10,000 Dresses'**: A book about gender identity. SFGATE, 4 de dez, 2008. Disponível em: <<http://www.sfgate.com/thingstodo/article/10-000-Dresses-A-book-about-gender-identity-3259480.php#photo-2408817>> Acessado: 25/09/2016 às 10: 00.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. In: **Educação & Realidade**. V2o, n.2. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação 1995.
- BONAMIGO, I. S. Violências e Contemporaneidade. In: **Ver. Katál. Florianópolis**. v. 11, n. 2, p. 204-213, 2008.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural – orientação sexual / Secretaria da Educação Fundamental. – 2 ed. – Rio de Janeiro DP&A, 2000.
- _____. **Escola sem homofobia**. 2004. Disponível em:
<<http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>>
Acessado em 16/06/2017 às 11:32.
- BUTLER, J. **Bodies that matter**: on the discursive limits of “sex”. New York: Routledge, 2011.
- _____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 8º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- _____. **Corpos que ainda importam**. In: **Dissidências sexuais e de gênero / Leandro Colling, organização**. – Salvador: EDUFPI, 2016.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

_____. O direito a literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: CHAUÍ, M [et al.] **Perspectivas antropológicas da mulher 4**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. – Barueri, SP: Manole, 2010.

COLLING, L.; SANT'ANA, T. Um breve olhar sobre a transexualidade na mídia. In: **Transexualidades um olhar multidisciplinar**. / Coelho, M. T. A. D; SAMPAIO. L. L. P. (orgs.). Salvador: EDUFBA, 2014.

CONNELL, R.W. Políticas da masculinidade. In: **Educação & Realidade**. V2o, n.2. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação 1995.

DOBNER, J. **'In Our Mothers' House,' Book About Lesbian Family, Restricted By Utah School District**. Huffington Post. 01 de agos. 2012. Disponível em: <
http://www.huffingtonpost.com/2012/06/01/utah-school-district-rest_n_1564118.html>
Acessado: 24/04/2017 às 19:00.

ECO, H. Sobre algumas funções da literatura. In: **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

EWERT, M. **10,000 Dresses**. 1. ed. New York: Seven Stories Press, 2008.

FACCO, L. As “Diferenças” na Literatura Infantil e Juvenil nas Escolas: para entendê-las e aceitá-las. In: **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

FARIAS, M. O. **Adoção por homossexuais**: a família homoparental sob o olhar as psicologia jurídica. Curitiba: Juruá, 2009.

FELIPE, J, BELLO. A. T. Construção de Comportamentos Homofóbicos no Cotidiano da Educação Infantil. In: **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

FERREIRA, G.G. et al. “Não tenho preconceito, desde que fique longe”: o discurso sobre gênero como construção social e violência contra LGBT. In: GROSSI, P. K

(org) **Violência e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 79, Agosto/2002. 257 – 272.

FIERSTEIN, H. **The Sissy Duckling**. New York: Simon & Schuster, 2005.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara. 9. ed, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. 23.ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2013.

_____. **O sujeito e o poder**. 1999. Disponível em:

<http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/o-sujeito-e-o-poder.pdf>

acesso: 08/07/17 às 15:30.

_____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: forense Universitária. 2006.

FRY, P. **O que é homossexualidade** / Peter Fry e Edward MacRae. - São Paulo: Abril Cultural : Brasiliense, 1985.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. Ed. 1 reim. – Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GALLOTTI, A. **Kama sutra para lésbicas**. Tradução: Magda Lopes. –São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

GREGORI, M.F. **Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.

GROSSI [et al.]. **Movimentos sociais, educação e sexualidade** / organizadoras, Miriam Pillar Grossi [et al.]. - Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

HARVEY, F. **The Sissy Duckling**. New York: Aladdin Paperbacks, 2005.

HUNT, Peter. **Understanding Children’s Literature: Key Essays from the International Companion Encyclopedia of Children’s Literature**. New York: Routledge, 1999.

_____. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

JESUS, J. G. As guerras do pensamento não ocorrerão nas universidades. In: **Dissidências sexuais e de gênero** / Leandro Colling, organização. – Salvador:

EDUFPI, 2016. In: **Dissidências sexuais e de gênero** / Leandro Colling, organização. – Salvador: EDUFPI, 2016.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas** / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

KEFALÁS, E. **Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário**. Campinas: Autores Associados, 2012.

LEAL, D. **De trans pra frente**. São Paulo: Patuá, 2017.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petropolis, RJ: Vozes, 2007.

LOURO, G. L. A produção cultural do Corpo. In: **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. / Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, SILVANA Vilodre Goellner (organizadoras). – Patrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. Ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. Heteronormatividade e Homofobia. In: **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas** / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAXIMILIANO, Adriana. C. **Revista Veja**. Edição 1958, ano 39, n. 21, p. 116-117, 31 de mai. 2006.

MELLO, Luiz. **Novas Famílias: Conjugalidade homossexual no Brasil Contemporâneo**. – Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MEYER, D. E. E. Corpo, Violência e Educação: uma abordagem de gênero. In: **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas** / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MOULIN, A. M. O corpo diante da medicina. In: **História do corpo: As mutações do olhar: O século XX / sob direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtina e Georges Vigarello**. 4. ed. Petrópolis: RJ, 2011.

MUSZKAT, S. **Violência e masculinidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

OLIVEIRA, J. M. **Desobediências de gênero**. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

_____. Trânsito de gênero: leituras queer / trans* da potência do rizoma gênero In: **Dissidências sexuais e de gênero** / Leandro Colling, organização. – Salvador: EDUFPI, 2016.

PALO, Maria José. **Literatura infantil: voz de criança.** / Maria José Palo; Maria Rosa D. Oliveira. São Paulo: Ática, 2006.

PALLOCK, G. A modernidade e os espaços da feminilidade. In: MARCEDO.A.G; RAYNER. F. **Gênero, cultura visual e performance:** Antologia Crítica. Edições HÚMUS, 2011.

POLACCO, P. **In our mothers' house.** New York: Philomel Books, 2009.

_____. **Not a Real Family? Book About Two Moms Banned in Utah School District.** ACLU. 5 de out, 2012. Disponível em: < <https://www.aclu.org/blog/not-real-family-book-about-two-moms-banned-utah-school-district> > Acessado: 23/01/2017 às 15:00.

PRECIADO, B. **O manifesto contrassexual.** São Paulo: N-1 edições, 2014.

RAU, D. **A story of Gender Expression:** Book Review of *10,000 Dresses*. Disponível em: <http://lgbtqbookreview.weebly.com/uploads/1/2/1/3/12130988/10000_dresses_revie_w.pdf> Acessado: 25/02/2017 às 10:33.

RHODES. I. A. **Teaching with favorite Patricia Polacco books.** USA: Scholastic Professional books, 2002.

ROUXEL, A. Textos complementares de Annie Rouxel. In: **Leitura subjetiva e ensino de literatura.** Org. Annie Rouxel, Gérard Langlade, Neide Luiza de Rezende. São Paulo: Alameda, 2013.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 3. Ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SANTOS, A. Transexualidade e travestilidade: conjunções e disjunções. In: **Transexualidades um olhar multidisciplinar.** / Coelho, M. T. A. D; SAMPAIO. L. L. P. (orgs.). Salvador: EDUFBA, 2014.

SARLAND, C. The Impossibility of Innocence: Ideology, Politics, and Children's Literature. In: HUNT, Peter. **Understanding Children's Literature:** Key Essays from the International Companion Encyclopedia of Children's Literature. New York: Routledge, 1999.

SEFTON, A. P. Sexualidade para além da heterossexualidade: representações de homossexualidade na literatura infanto-juvenil. **Textura Canoas.** n. 24. p. 52-74. 2011.

SELL, T. A. **Identidade homossexual e normas sociais:** histórias de vida / Teresa Adada Sell. - - Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

SILVA, L. A. V; LOPES, M. Corpos híbridos e transexualidades: para além da dicotomia de gênero. In: **Transexualidades um olhar multidisciplinar**. / Coelho, M. T. A. D; SAMPAIO. L. L. P. (orgs.). Salvador: EDUFBA, 2014.

SOUSA, B. T. **Entre o pavor e o prazer**: infância homoafetiva na literatura brasileira. Curitiba: Appris, 2016.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

USA. **Title of Lesson: In Our Mothers' House by Patricia Polacco**. Disponível em: <<http://www.healthiersf.org/LGBTQ/InTheClassroom/docs/curriculum/In%20Our%20Mothers%20House.pdf>> Acessado: 24/01/2017 às 20:15.

YAWGER, T. **Picture Books with LGBTQ Characters in Pennsylvania Public Libraries**. 2010. < <https://www.webjunction.org/.../ResearchPaper-for-Publication-1>> Acessado: 23/11/2016 às 15:10.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura e Pedagogia**: ponto & contraponto / Regina Zilberman; Ezequiel Theodoro da Silva. – 2. ed. São Paulo: Global, 2008.